PRINCIPIOS
DE
CIRURGIA
POR
Mr. JORGE DE LA FAYE

Professor, e Demonstrador Regio em Cirurgia, antigo Cirurgião das Campanhas, e Exercitos do Rei, antigo Director da Academia Real de Cirurgia, e Socio da Academia de Madrid, e da de Roven.

NOVA EDIÇÃO

Correcta, e augmentada, traduzida do Idioma Francez em Portuguez

POR

SILVESTRE JOSE' DE CARVALHO,

Cirurgião approvado, do partido da Camara, Cabido, e Hospital da Cidade da Guarda, Juiz Commissario Delegado da Real Junta do Proto-Medicato na Comarca da mesma Cidade, por sua Magestade Fidelissima, &c.

TOMO I.

LISBOA:

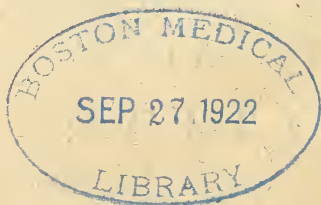
NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. LXXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria.

Vende-se na Loja de Borel, Borel, e Companhia defronte da Igreja de Nossa Senhora dos Martyres.

Foi taxado efte Livro em duzentos e quarenta reis em papel. Meza 20 de Setembro de 1787.

Com tres Rubricas.

PROLOGO
AO LEITOR.

A Grande estimação que fizerão muitas Nações do Tratado dos Principios de Cirurgia de Mr. Jorge de la Faye, traduzindo-o aos seus Idiomas, animou este célebre Author a outra nova Edição mais accrescentada, e correcta que a primeira; e me anima a mim, Leitor benigno, a offerecer-te esta que he a ultima, a mais completa, e a mais correcta, traduzida da Lingua Franceza na Portugueza; em que julgo não faço pequeno serviço á minha Nação, considerando que os poucos, e insufficientes Authores desta profissão, que correm na Lingua propria, e que a falta de principios, e meios que de ordinario tem os que a pratição,

cão, destituidos do conhecimento das Linguas estrangeiras, onde hoje se achão todas as Artes mais adiantadas; podem causar, e causão sem dúvida pessimos effeitos na parte mais attendivel do Universo, que he o Homem, e na parte Fysica do Homem mais importante, que he a saude, a conservação, e a vida. Além de que, geralmente fallando, se he bom serviço, e bom governo facilitar o Commercio aos generos que são precisos para o alimento, e ornato corporal, e exterior do Homem; quanto melhor serviço faz ao público quem lhe facilita o Commercio das Letras, e das Artes que informão o Homem, e o mesmo Commercio, e lhe fazem o seu mais essencial, e importante fundo? Deste exercicio de traduzir, tenho aprendido quanto basta, e sobra para conhecer a falta de principios com que infinitos in-

dividuos com huma Carta de Cirurgia que os authorisa, mas não os habilita, se arrojão pelas Provincias a arruinar a vida, e fazenda alhêa, e juntamente a consciencia propria; cujos inconvenientes cuido eu que atalho com a traducção destes Principios, porque serão bastantes para informar aos que forem mais habeis, e para dar a conhecer aos que o não forem a temeridade, e má fé com que os arroja aos mais funestos absurdos a sua invencivel ignorancia. Este tambem o motivo por que ha quatorze annos me animou a offerecer-te traduzido o compendioso Curso de Cirurgia de Mr. Elias Col de Vilars, e o Tratado de Mr. João Cluton sobre o methodo de curar as Febres Contínuas, e queixas inflammatorias, com várias Observações feitas por elle em Inglaterra, e por mim neste Reino, e de presente vou continuando

do em outras de não menos interesſe, que utilidade ao público. Senão julgares bom eſte serviço que faço á minha Patria, agradece ao menos o meu zelo, e a boa vontade que tenho de ſervir-te, e utilizar-te, que he na minha eſtimação o maior premio do meu trabalho.

IN-

INTRODUCÇÃO.

A Arte de curar he muito extenſa. O grande número, e a differença das partes que compõe o corpo humano, a multidão de couſas que as podem offender, e a variedade dos meios que convém uſar para remediar todas as deſordens que eſtas cauſas podem produzir, demandão tanto conhecimento para a perfeição deſta arte, que a duração da vida do homem nunca já mais póde baſtar ao eſpirito mais vaſto, e mais indagador para as comprehender a todas. Iſto he o que fez dizer ao Principe da Medicina, que *a Arte he longa, e a vida he breve.*

O homem, pouco tempo depois da ſua creação, logo ſe vio ſujeito ás enfermidades, e começou deſde logo ſem dúvida a buſcar os remedios para ellas. Aſſim a Arte de Curar he quaſi tão antiga como o Mundo.

Nos

Nos primeiros tempos hum ſó homem a exercitava completamente pelo que reſpeita a todas, e cada huma das ſuas partes. No tempo de Eraſiſtrato ſe dividio em Medicina, e Cirurgia, para que cada huma deſtas partes ſe cultivaſſe ſeparadamente.

Depois deſta meſma divisão a que provavelmente deo occaſião a multiplicidade das enfermidades, e a dos meios de as curarem, tambem ſe póde dizer de huma, e de outra parte da Arte tomada ſeparadamente, o que Hyppocrates diſſe da Arte em geral. Aſſim todo o que ſe deſtina á profiſsão da Cirurgia, deve fazer della hum eſtudo ſério pelo decurſo de baſtantes annos. Mas he preciſo ſeguir ordem, e methodo neſte eſtudo. O conhecimento da Anatomia deve preceder a todos os outros. Deve applicar ſe depois aos elementos que contém os preceitos geraes, e que conduzem para a intelligencia dos

Au-

Authores. Depois do eſtudo da Theoria, podem-ſe fazer grandes progreſſos no da prática acompanhado com bons Meſtres nos Hoſpitaes, vendo-os operar; lendo os Authores Antigos, e Modernos; comparando o que ſe vê com o que ſe lê; e reflectindo, pelo que reſpeita a cada enfermidade, nas variedades, e nos differentes ſucceſſos dos methodos que ſe tem ſeguido, e que ſeguem os grandes Práticos aſſim nas operações, como nas curas. Não ſe devem deſprezar meios alguns que poſsão conduzir para a perfeição de huma Arte de tanta importancia como he eſta. Porque as faltas, ou erros que ſe commettem no ſeu exercicio são de extrema conſequencia: ellas pois intereſsão a ſaude, e a vida dos homens.

Para eſtudar eſta Arte, e a praticar com fructo he neceſſario ter recebido da natureza certas qualidades; a ſaber, a agudeza de engenho, a conſtan-

ſtancia da alma, a viveza da viſta, e o deſembaraço, e deſtreza da mão. A primeira deſtas qualidades ſe aperfeiçoa pelo eſtudo, e a ultima pelo exercicio da Anatomia nos cadaveres. Afóra deſtes dotes do eſpirito, e do corpo, he preciſo tambem ter recebido da natureza ſentimentos de humanidade, e de compaixão. Porque no exercicio da Cirurgia ſe deve poupar tanto quanto for poſſivel as dores aos enfermos. Verdade he que ſería perigoſo entregar-ſe nimiamente o Cirurgião a eſtes ſentimentos, porque o poderião perturbar no tempo das operações; mas a conſtancia da alma que nelle ſe requer, lhe ſabe dar os limites.

Bom ſería que o eſtudo da Cirurgia foſſe precedido de certos conhecimentos da Fyſica, e da Mecanica. A Cirurgia he parte da Fyſica, por conſequencia huma tintura da Fyſica lhe ſerviria de introducção. O

cor-

corpo humano he huma máquina animada ; o conhecimento das mecanicas ajudaria pois baſtante para conceber os movimentos qûe ſe executão neſta máquina, quando eſtá bem regulada, e porque produzem os effeitos de ſuas deſordens.

A Palavra Cirurgia compõe-ſe de dous termos Gregos que ſignificão *obra da mão.* A Cirurgia he a Arte de curar as enfermidades que neceſſitão da operação da mão, ou de algum medicamento externo.

Deſta definição ſe ſegue 1. Que a Cirurgia não ſe limita ſómente na operação, nem nas enfermidades externas. Com effeito, como ha enfermidades externas, para cujo curativo he preciſo recorrer aos medicamentos, porque a operação lhe não póde convir, ou não baſta, ha tambem enfermidades internas que ſe não podem curar ſenão por alguma operação, ou algum medicamento exter-

no.

no. Segue-se 2. Que se deve pôr em o número destas enfermidades Cirurgicas, certos defeitos, ou vicios de conformação, porque estes defeitos impedem algumas vezes as funções naturaes, que podem ser seguidas de accidentes, e que se podem corrigir por meio de algumas operações.

O corpo humano, ou vivo, ou morto, he o sujeito da Cirurgia. Ella conserva a saude do corpo humano; cura-lhe as enfermidades; depois de morto anatomizando-o o considera para conhecer a sua estructura.

Seu objecto comprehende todas as enfermidades Cirurgicas, os meios de as curar, e tambem o corpo humano depois de morto, porque abrindo-o ella descobre as causas das enfermidades, e as desordens que nelle tem produzido.

Seu fim he prevenir, e curar, ou palliar as enfermidades que são da sua competencia.

Di-

Divide-se a Cirurgia em Theorica, e Prática.

A primeira nos dá o conhecimento da Anatomia, das enfermidades, e dos meios de as curar. Explica todos os fenomenos que se passão no corpo vivo, ou seja são, ou enfermo.

A Cirurgia Prática reduz a acto as regras estabelecidas. Conseguintemente ella consiste na applicação methodica destas mesmas regras nas differentes enfermidades, cujo conhecimento a Theorica nos deo.

Quando hum Cirurgião não une a Theorica com a Prática, trabalha ás cégas. Huma, e outra se esclarecem mutuamente. Os preceitos abrem o caminho á Prática, e a Prática dá muitas vezes lugar a fazer novos preceitos, ou a corrigir os antigos.

A obra que eu publíco não he mais que hum Compendio dos ele-

elementos de Cirurgia. Ella contém as definições, divisões, e os preceitos geraes desta Arte, taes como são adoptados, e demostrados hoje pelos grandes Mestres. Ella familiarizará os principiantes com os termos da Arte; pollos-ha em estado de entender os Authores, e por meio de algumas explicações lhes fará apperceber o que a Cirurgia contém de mais importante. Divide-se em sinco partes.

Na primeira trata-se da *Fysiologia*, a qual dá o conhecimento do corpo humano, vivo, e são. Esta palavra Fysiologia compõe-se de dous termos Gregos, que juntos significão *discurso sobre as cousas naturaes.*

A segunda contém a *Hygiena*; cujo nome vem de huma palavra Grega que significa *saude.* Ella expõe os meios de a conservar, e de prolongar a vida.

Tem

Tem por objecto as caufas que fe chamão *não naturaes.*

A terceira, debaixo do nome de *Pathologia*, trata das enfermidades Cirurgicas em geral. Efta palavra *Pathologia* vem de dous termos Gregos, que fignificão *difcurfo fobre as caufas preternaturaes.* Os Antigos dividião eftas caufas em tres efpecies; a faber, enfermidades, fuas caufas, e fymptomas.

A Therapeutica faz a quarta. Seu nome vem de hum termo Grego que fignifica *curar.* Ella indica os meios que fe usão para remediar as defordens da economia animal, e a maneira de fe ufar delles.

Em fim a quinta parte he huma applicação das regras geraes aos cafos particulares. Ella offerece por confequencia a individuação das enfermidades, de fuas differenças, caufas, finaes, e meios de as curar.

Julguei dever-me difpenfar de ci-

citar os Authores, de quem ſe tirárão os preceitos que refiro, porque a multiplicidade das citações poderia divertir a attenção dos principiantes, em cujo beneficio ſe eſcreveo eſta Obra.

PRIN-

PRINCIPIOS
DE
CIRURGIA.

PRIMEIRA PARTE.

FYSIOLOGIA.

QUE entra na composição do corpo. O Homem he composto de duas especies de substancias unidas entre si; huma espiritual que he a alma, cuja essencia he cogitar; a outra material que he o corpo, cuja natureza semelhante á dos outros corpos animados, he destinada, tanto que he unida á alma, para exercer differentes movimentos.

(*Objecto da Fysiologia.*) A Fysiologia tem por objecto esta ultima substancia. Ella nos dá a conhecer os differentes principios que constituem o corpo humano, e as differentes partes que o compõe; descobre a estructura destas partes, suas relações, e funcções.

§. I. (*Dos elementos.*) Entende-se por principios, ou elementos, as partes as mais simples que entrão na composição de qualquer todo; ou o que he o mesmo, as partes as mais simples que analysi póde mostrar investigando os córpos, e além da qual se não póde passar. Todos os mistos são compostos dos mesmos principios, ou elementos, sua variedade só procede das differentes combinações destas substancias simples, que lhes são commuas.

Por tanto o perfeito conhecimento de hum misto não consiste sómente em conhecer as differentes substancias que o compõe, mas tambem em conhecer a combinação destas substancias, donde resultão as propriedades deste misto, e os effeitos que elle póde produzir. Sem estes dous conhecimentos se não póde dar razão do que se observa continuamente em o corpo humano, nem das funcções

que

que tendem a desordenar a sua economia ; sem estes conhecimentos digo se não podem ordenar os alimentos convenientes a cada temperamento , nem administrar os medicamentos porque delles se ignora a natureza. Por consequencia he mui importante pôr-nos práticos, supposto ignorarmos as noções que a Fysica dá dos elementos , ou principios de todos os córpos , se esperamos ter huma idéa perfeita da economia animal, e no mesmo tempo dos meios de lhe conservar a ordem , ou de as restabelecer quando está desordenada.

(*Elementos segundo os Filosofos antigos.*) Segundo os Filosofos antigos, constão todos os mistos de sinco elementos ; a saber , de espirito , enxofre , sal, agoa , e terra. Os tres primeiros chamárão activos , e os dous ultimos passivos. (*Segundo os modernos.*) Mas os Filosofos modernos observando que o ar , e o fogo entravão tambem na composição dos mistos , os pozerão no número dos elementos , que alguns distinguírão em principios constituitivos , e em principios secundarios. Chamão constituitivos á agoa, á terra , ao fogo , e ao ar ; e principios secundarios ao sal , enxofre , e ao espirito,

to, porque eſtes pela analyſe ſe reduzem em agoa, fogo, e terra, e que os outros conſervão ſempre a ſua natureza.

I. (*Que couſa he o fogo.*) O fogo que ſe conſidera como o unico elemento actívo, e como a principal cauſa de quaſi todos os effeitos da natureza, he huma ſubſtancia fluida, e inalteravel que ſe acha em tudo, e da qual as partes são tão finas que ſe inſinuão em todos os corpos. Os ſólidos não lhe são impenetraveis, e os liquidos lhe devem ſua fluidez. Quando eſta ſubſtancia que toda dimana do Sol, eſtá inſinuada nos córpos, ſe reſpeita como hum de ſeus principios.

Eſpalhada pelo ar que reſpiramos, e nos alimentos que tomamos entra contínuamente em noſſo corpo, e á proporção de ſua quantidade, nelle produz effeitos mais ou menos conſideraveis. Seu exceſſo ou falta nos são igualmente nocivos.

II. (*Que couſa he o ar.*) O ar he huma ſubſtancia fluida elaſtica, e pezada, capaz de ſe rarefazer, e condenſar. (*Sua fluidez.*) Sua fluidez he cauſa que elle não oppõe ſenão huma fraca reſiſtencia aos differentes movimentos dos córpos,

e

e que penetra quasi por toda a parte. Suas partes são extremamente finas, mas com tudo menos que as do fogo, porque o fogo se insinua onde o ar não póde. Pela respiração entra o ar nas vesiculas do polmão, e pelos alimentos em que está encerrado em mais ou menos quantidade, he levado para o sangue, e por meio delle a todas as partes do corpo.

(*Seu pezo.*) O pezo do ar tem-se demonstrado por muitas experiencias. No ar ha fogo, e huma infinidade de corpusculos de todo o genero, que pela acção do fogo emanão da agoa, da terra, e de todas as substancias animaes, vegetaes, e mineraes. Todos estes corpusculos unidos com elle contribuem muito para o pezo do ar. (*O que augmenta seu pezo.*) Razão porque o ar he tanto mais pezado quanto elle he mais puro, e o que está junto da terra peza muito, porque está carregado de huma grande quantidade destes corpusculos.

(*Seu pezo varêa.*) Com estes corpusculos espalhados pela athmosfera não se exhalão sempre na mesma quantidade, e não são sempre da mesma natureza: o pezo, e qualidade do ar vareão segundo

a

a differença das sazões dos tempos, e dos climas, &c.

(*Seu pezo faz compressão sobre todos os córpos.*) Seu pezo faz compressão sobre todos os córpos, e em todo o sentido. O que supporta hum homem he consideravel, e como elle varêa segundo a differença dos tempos, e dos climas, os effeitos que causa são differentes á proporção desta variedade: (*Seu resorte, ou elasticidade.*) O resorte, ou elasticidade do ar consiste na natureza de suas pequenas particulas, ou partes, as quaes estando comprimidas tendem sempre opporem-se no seu estado natural. Esta propriedade he a causa de muitos effeitos. Por seu meio he que a pequena quantidade de ar contida no sangue, está em equilibrio com o pezo prodigioso da atmosfera, que peza sobre o corpo.

(*Sua rarefacção.*) A rarefacção do ar he produzida pelo calor, e põe em movimento as pequenas particulas dos córpos, em que se acha encerrado. O ar entra na composição de todos os córpos, tanto sólidos, como fluidos. He hum dos mais poderosos agentes, ou instrumentos da natureza. Sem elle os ovos dos animaes, e a semente das plantas

não

não produzirião coufa alguma; os animaes, e vegetaes pereceirião; nós não poderiamos fentir, ver, entender, nem por confequencia communicar noffos penfamentos.

III. (*A' agoa.*) A agoa he huma fubftancia fluida, diafana, pezada, infipida, fem cheiro, e côr. (*Donde lhe vem fua fluidez.*) Sua fluidez vem do fogo que a penetra, e lhe agita as pequenas particulas. Quando he em mui grande quantidade as faz exhalar. Quando efta quantidade diminue até hum certo ponto, unem-fe, e fórmão hum corpo fólido que fe chama gêlo. Affim pode-fe diftinguir na agoa tres eftados occafionados pelo mais, ou menos fogo que nelle fe contém.

A agoa contém além do fogo muito ar, e outras fubftancias que a alterão, ou tambem lhe fazem a tranfparencia, e lhe dão gofto, e cheiro, e lhe augmentão o pezo. Razão porque he muito difficultofo o achalla, ou fazella pura, e de lhe conhecer perfeitamente o pezo. A melhor para beber he a mais leve; porque he menos cheia de córpos eftranhos. Depois do fogo, a agoa he o liquido o mais fluido, e o mais pene-

ne-

netrante. Affim ella he hum mui grande diſſolvente ſobre tudo quando eſtá quente.

Não he ſuſceptivel ſenão de hum certo gráo de calor, que adquire quando ferve, porque quando chega a eſte gráo, o fogo ainda o mais violento a não póde fazer mais quente. Da meſma ſorte não ſe póde empregnar ſenão de huma certa quantidade de particulas ſalinas proporcionadas a ſeu volume; aſſim meia canada de agoa não póde diſſolver mais que huma certa quantidade de ſal.

Ella ſe reputa como hum agente univerſal, porque a natureza a emprega em todas as ſuas producções. Não he materia que ſuſtente os animaes, e vegetaes, mas he o vehiculo do chylo, do ſangue, e de todos os liquidos que ſe achão nos animaes, e do ſucco dos vegetaes. Serve tambem para conglutinar as pequenas particulas, deſtinadas a formar os ſólidos, de que os córpos são compoſtos, e para conſervar o gráo de brandura que lhes he preciſa.

IV. (*A terra.*) A terra conſiderada como elemento he huma ſubſtancia inſipida, fria, ſem cheiro, que ſe não derrete com o fogo, nem ſe diſſolve na agoa.

He

He a ultima ſubſtancia que ſe acha nos animaes. Serve de fundamento, e baſe a todos os córpos. Ella pela união de ſuas partes dá firmeza aos ſólidos, e aos humores. Não ha quaſi differença alguma da terra dos animaes á dos vegetaes.

V. (*O ſal.*) O ſal he hum principio ſecundario muito ſubtil, formado do fogo, da agoa, e da terra unidos entre ſi, o qual ſe diſſolve facilmente na agoa, e ſe evapora ao fogo.

(*Suas propriedades.*) Suas principaes propriedades são de vitrificar por meio do fogo a terra, com a qual ſe miſtura, e de cauſar os ſabores, e os cheiros dos miſtos, irritando mais ou menos as membranas nervoſas do nariz, ou da lingua, ſegundo que elle eſtá mais ou menos deſcoberto nos miſtos. Ha com tudo muitos, em que os ſaes não produzem ſabor, nem cheiro algum.

Ha muitas eſpecies de ſal. Chama-ſe ſal acido, quando excita na lingua hum ſentimento agro, e que faz vermelho o papel azul, o xarope violado, a tintura de gyraſol, &c. Chama-ſe alkalino, ou alkali, quando he corroſivo, e queimante, quando excita na lingua hum ſentimento de acridade, e que tem a propried-

priedade de tingir de verde o xarope aviolado, &c. Ha terceira eſpecie de ſal formado pela união dos dous primeiros. Elle não imprime na lingua ſentimento algum de azedo, nem de acrimonia, ou de acridade; mas tem hum goſto ſalgado. Chama-ſe ſal meio. Diſtingue-ſe tambem o ſal fixo em volatil, e em eſſencial. He preciſo hum mui grande fogo para tirar de hum miſto o ſal fixo. Hum fogo mui brando baſta para lhe extrahir o ſal volatil.

Pela trituração he que delle ſe ſepara o eſſencial, o qual conſerva toda a propriedade do miſto, de que elle ſahe. O ſal perſerva ordinariamente os córpos da corrupção, não obſtante algumas vezes a produz, em ſe deſcobrindo, porque não conſerva os córpos, ſenão em quanto ſuas partes ſe conſervão ſem movimento.

VI. (*O enxofre.*) O enxofre, ou oleo, ſegundo principio ſecundario, he huma materia untuoſa, e ſubtil, compoſta de quatro principios primitivos. Produz nos miſtos a côr, cheiro, e a inflammabilidade.

VII. (*O eſpirito.*) O eſpirito que ſe diz ſer hum terceiro principio ſecundario,

rio, não he hum principio differente dos dous primeiros; porque tirado das plantas não he senão hum enxofre muito divisado; e tirado dos mineraes não he outra cousa mais que hum sal extremamente volatil.

§. II. A anatomia ensina, que na composição do corpo humano entrão duas sortes de partes; humas são sólidas, e outras fluidas. Estas duas especies de partes obrão huma sobre a outra, e desta acção reciproca, assim como a de seu equilibrio rezultão as funções da máquina, os temperamentos, e por consequencia a vida. O que nos dará lugar a dividir esta primeira parte em tres secções: na primeira se tratará dos sólidos; os fluidos serão a materia da segunda, e as funções do corpo humano a da terceira.

SECÇÃO I.

Dos sólidos.

(*EM que consistem as partes sólidas.*) As partes sólidas não são outra cousa mais que hum ajuntamento, ou união de muitos canaes, ou vasos que contém al-

algum licor, e dos quaes a coordinação, ou união variada fórma as differentes partes de nosso corpo. Os vasos estão situados de differentes sortes, entrelaçados, dobrados, entortilhados de huma infinidade de maneiras, e tomão sua origem do coração. Os grossos dividem-se em outros mais pequenos, os quaes se dividem, e subdividem tambem; de sorte que se não conhece o fim desta subdivisão. Se dermos credito a Ruysch, os mais pequenos são tão finos, que se achão milhões em huma parte tão pequena como hum grão de mostarda.

Hum número infinito de filetes nervosos se distribuem em todas as partes, e entrelação os vasos. Quando estes filetes se põe muito tensos pela abundancia dos espiritos animaes, que por elles circulão, constrangem os vasos, estreitão, ou apertão delles o calibre, e suspende, ou diminue o curso dos líquidos.

Todos os vasos tem huma virtude elastica, que contrahe seus lados quando tem sido estendidos por qualquer causa que seja, e diminue seu diametro, quando a quantidade do licor que elles contém

têm diminue. Quando o líquido deixa de passar por elles, os lados se approximão, e se unem, de sorte que não fica cavidade alguma entre elles.

(*Differenças dos sólidos, pelo que respeita á sua consistencia.*) Todas as partes sólidas do corpo, ainda que igualmente compostas de vasos, são com tudo differentes entre si, no que respeita á sua consistencia. Humas são duras, outras molles. (*Uso das partes duras.*) Aquellas que são duras (os ossos, e as cartilagens) são os que dão firmeza, e aptitude ao corpo, servem de suster as que são molles, e de preservar outras.

(*Divisão das partes sólidas.*) As partes molles tanto sós como juntas com as partes duras, servem pelo mecanismo para executar as funcções. Dividem-se communmente todas as partes sólidas do corpo em similares, ou simplices, e em desimilares, ou compostas. (*Quaes são as partes similares.*) As partes similares são as fibras, as membranas, ossos, cartilagens, ligamentos, musculos, tendões, a peneuroses, glandulas, arterias, veas, canaes secretorios, e excretorios, nervos, e os tegumentos communs. (*As desimilares.*) As partes desimilares, ou orga-

ga-

ganicas são aquellas que são compoſtas das precedentes, como as viſceras, e outras.

(*Reflexão ſobre as partes ſimilares.*) Parece com tudo para fallar exactamente, que não ha ſenão fibras ſimplices, ou elementares que ſe poſsão chamar partes ſimplices, porque parece não ſerem compoſtas ſenão de partes da meſma natureza, ao meſmo tempo que os muſculos, tendões, glandulas, e tudo o que os Antigos chamavão partes ſimplices, são compoſtas de muitas couſas de differentes eſpecies. Além diſto muitas deſtas partes que ſe chamão ſimilares, por exemplo, as arterias, glandulas, &c. tem funcções particulares, e por conſequencia são orgãos.

CAPITULO I.

Das partes que ſe chamão ſimilares.

§. I. (AS *fibras.*) As fibras são córpos longos, e delgados, os quaes por ſua ordem, e differentes connexões fórmão todas as partes do corpo, e ſegundo alguns tomão ſua origem do cerebro, e da eſpinal medu-

dula. Diſtinguem-ſe em ſimplices, e em compoſtas. A fibra ſimples he aquêlla que não he compoſta ſenão de particulas terreſtres muito finas, ligadas por meio de hum ſucco viſcoſo, e unidas entre ſi por huma certa força. A fibra he propriamente alimentar, de que a primeira origem de noſſas partes he formada.

As fibras compoſtas são filetes delicados, formados de fibras ſimplices, a maior parte oſſos firmes, e ſe diſtinguem ſenſivelmente em todas as partes do corpo. Segundo as partes que ellas compõe, ſe chamão membranoſas, carnoſas, tendinoſas, oſſoſas, ſegundo ſuas direcções, direitas, obliquas, longitudinaes, tranſverſaes, circulares, ou eſpiraes; e ſegundo ſeu volume, groſſas, finas, longas, e curtas.

Ellas tem hum reſorte elaſtico; iſto he, que depois de terem ſido deſtendidas por alguma cauſa, acabando-ſe eſta cauſa tornão-ſe a pôr no ſeu eſtado natural. A madre nas mulheres pejadas, o ventre dos hydropicos, e a inchação das glandulas, &c. nos dão provas deſta elaſticidade.

§. II. (*As membranas.*) As membranas não são mais que hum tecido bran-

brando de fibras ordenadas, e entrelaçadas ſobre hum meſmo plano. Sua delicadeza procedida de ſuas fibras; e ſua eſpeſſura da pluridade de ſeus planos particulares. Eſtes planos particulares chamão-ſe tunicas, que ſe diſtinguem em externas, medias, e internas. (*Seu uſo.*) Seu uſo he de ornar as principaes cavidades do corpo, e de formar as arterias, veas, &c.

§. III. (*Os oſſos.*) Os oſſos são as partes mais duras de todas as que compõe o corpo humano. (*Sua ſubſtancia.*) A ſubſtancia dos oſſos he hum tecido de fibras ſólidas, differentemente diſpoſtas, ſegundo a conformação de cada oſſo. Conforme alguns Authores, os oſſos são compoſtos de tres ſortes de ſubſtancias; huma compacta, outra eſpongioſa, ou cellular, e outra reticular.

(*A compacta.*) A ſubſtancia compacta he a exterior do oſſo. He compoſta de muitas laminas encoſtadas humas ſobre as outras. (*A eſpongioſa.*) A ſubſtancia eſpongioſa, ou cellular acha-ſe na extremidade dos oſſos longos. As meſmas laminas que fórmão a ſubſtancia compacta produzem a cellular, ſeparando-ſe, cruzando-ſe, e rompendo-ſe. (*A re-*

re-

reticular.) A ſubſtancia reticular he formada de filetes delgados, que ſahem da ſubſtancia eſpongioſa, e que ſe cruzão.

(*Onde ſe achão as tres ſubſtancias.*) Eſtas tres ſubſtancias achão-ſe ſempre nos oſſos compridos, e redondos. A ſubſtancia eſpongioſa occupa as extremidades; e a reticular miſturada com a eſpongioſa, as cavidades: nos oſſos chatos, ou planos, por exemplo, nos do craneo não ſe acha ſubſtancia alguma reticular. A ſubſtancia compacta fórma duas taboas entre as quaes ſe acha a eſpongioſa. (*Diſpola.*) Eſta ultima que ſe acha no craneo, chama-ſe diſpola.

Todas as cavidades da ſubſtancia reticular, e da cellular correſpondem humas ás outras, e são ornadas de huma membrana muito fina, que ſe póde reſpeitar como hum perioſtico interior, e ſobre o qual eſtão eſpalhados huma infinidade de vaſos ſanguineos. As arterias depõe neſtas cellulas huma ſubſtancia oleoſa, que ſe chama medulla. Aquella que enche os intervallos da ſubſtancia reticular, he liquida como o oleo; a que ſe acha nas cavidades dos oſſos longos, tem mais conſiſtencia. A membrana de que acabamos de fallar, eſtá exactamen-

te unida ao osso, por meio de pequenos vasos, e pelos prolongamentos que se insinuão nos póros dos ossos. Por estes póros he que a medulla póde circular na substancia do osso, o que o faz menos fragil.

(*Os dentes.*) Devem-se respeitar os dentes como verdadeiros ossos, encaixados nas pequenas aberturas, que se chamão alveolos. A porção do dente que se acha no alveolo he a sua raiz; pela extremidade da qual entrão huma arteria, huma veia, e hum nervo, que comprehendem toda a substancia do dente. Por aqui se vê que os dentes se nutrem, e vem a ser sensiveis. A porção do dente que está fóra do alveolo, he coberta de huma substancia, (*Esmalte.*) muito dura, que se chama esmalte, e que se degenera sobre tudo na mocidade quando tem sido estragada. A raiz tem huma membrana que a reveste, e a qual he huma continuação daquella que reveste o alveolo.

(*O uso dos ossos.*) Os ossos servem de base, de limite, e de firmeza, ou firmamento a todas as outras partes do corpo. Todos os ossos estão cobertos exteriormente de membranas muito finas, que

que se chamão periostio. Aquella de que os ossos do craneo estão revestidos exteriormente, chama-se pericraneo.

(*O periostio.*) O periostio he hum tecido muito apertado. He atado, e collado por assim dizer aos ossos por meio de huma infinidade de pequenos filetes, e de pequenos vasos sanguineos, e por alguns nervos, que entrão pelos póros dos ossos, que lhe dão alguma sensibilidade, e que se communicão com os do periostico interno. O periostio serve para conter huma mui grande quantidade de nervos, que lhe dão hum sentimento muito exquisito, e huma infinidade de pequenos vasos capillares.

(*Donde recebem sua nutrição os ossos.*) Por meio destes vasos he que os ossos recebem sua nutrição, e crescimento. Os succos que lhe devem servir são preparados, e separados do sangue pelo periostio, que he preciso respeitar assim como o periostio interno, como o orgão destinado para este uso: são depois levados, e depositados, ou depostos para a substancia dos ossos onde adquirem perfeitamente sua consistencia. Estes são aquelles que nas fracturas servem para reunir os ossos, e que na exfoliação to-

tal de hum osso o tornão a pôr no seu estado natural, como se tem visto algumas vezes, formando-lhe com o tempo huma substancia tão sólida como o osso. Estes succos, quando são viciados, são tambem a causa dos exostoces, e da brandura destas partes duras.

§. IV. (*As cartillagens.*) As cartillagens são substancias brancas, unidas, polidas, brandas, elasticas, que não tem cavidade alguma, nem por consequencia medulla. São menos duras que os ossos, e mais que as outras partes. Dividem-se todas estas cartillagens em duas classes. Humas estão unidas aos ossos, e outras estão inteiramente separadas delles. (*Seu uso.*) O uso das cartillagens da primeira classe he 1°. De revestir todas as extremidades dos ossos juntos por articulação movel, e as passagens, ou canaes dos tendões. 2°. De unir interiormente os ossos, huns com firmeza, e outros com flexibilidade. 3°. De augmentar a grandeza, ou extensão dos ossos.

O uso das cartillagens da segunda classe he de suster certas partes do corpo ás quaes os ossos não convirião. Todas as cartillagens excepto ás que se achão nas articulações móveis, nos ca-

naes,

naes, e outros ſitios, em que ha esfregação, eſtão reveſtidas de huma membrana chamada prichandre.

§. V. (*Os ligamentos.*) Os ligamentos são ſubſtancias brancas fibroſas, apertadas, compactas, mais brandas, e mais flexiveis que as cartillagens, difficeis a romper, e as quaes ſe não diſtendem ſenão mui facilmente. (*Seu uſo.*) Servem para conter, atar, determinar, e preſervar certas partes.

§. VI. (*Os muſculos.*) Os muſculos são maſſas compoſtas de fibras mais ou menos compridas; avermelhadas, que ſe chamão fibras motrices. São cobertas de huma membrana propria. As extremidades dos muſculos são ordinariamente terminadas por outras fibras apertadas, delgadas, e muito brancas. Quando eſtas fibras fórmão hum corpo de figura redondo, e longo, chama-ſe tendão. (*Os tendões.*) Quando fórma hum corpo delgado, chato, e tenſo como huma eſpecie de membrana, chama-ſe a penevroſe. (*A penevroſes.*) A maſſa vermelha, e branda he o que commummente ſe chama carne.

(*Compoſição do muſculo.*) Cada muſculo ſe póde dividir em huma infini-

nidade de outros pequenos mufculos femelhantes, os quaes todos tem hum centro, e hum tendão, e que fe chamão fibras motrices. Todas eftas fibras unidas entre fi por hum pequeno tecido cellular muito fino, fórmão hum mufculo groffo.

(*Quantas fortes de mufculos fe diftinguem em geral.*) Diftinguem-fe duas fortes de mufculos, huns são ocos, taes como o coração, as arterias, o eftomago, os inteftinos, e a bexiga: feu ufo he de conter, e de mover os líquidos em os comprimindo; os outros são cheios, e tambem fe diftinguem em fimplices, e compoftos; taes como são os mufculos exteriores do corpo que fervem para mover todas as noffas partes moveis.

(*Seu ufo.*) Os mufculos são orgãos de todos os movimentos. Sua acção confifte principalmente no encolhimento das fibras motrices, ou carnofas, que o compõe. O encolhimento chama-fe contracção. Os mufculos contrahindo-fe puxão as differentes partes do corpo por meio dos tendões, como huma força movente puxa hum pezo por meio de huma corda. Podem-fe pois refpeitar os muf-

musculos, como outras tantas forças moventes, que põe em movimento todas as partes, tanto sólidas como fluidas do corpo humano.

§. VII. (*As glandulas.*) As glandulas são moleculas formadas pelo entrelaçamento de vasos de todo o género, cobertos de huma membrana, e destinados para separar da massa do sangue algum licor particular, ou sómente para aperfeiçoar a limfa. (*As glandulas comglomeradas.*) Aquellas que separão do sangue algum licor particular, chamão-se comglomeradas. Assim os rins que separão a ourina do sangue, são glandulas comglomeradas. (*As comglobadas.*) As que servem para aperfeiçoar a limfa, chamão-se glandulas comglobadas. Assim as glandulas das verilhas, dos sofacos, e as do mezenterio, que não tem outra função alguma, são glandulas comglobadas.

§. VIII. Temos dito que todo o corpo não he mais que hum ajuntamento de vasos; isto he, de canaes destinados para conter algum líquido. Distinguem-se estes canaes, ou vasos pelo que respeita ao líquido, que elles contém. Huns contém o sangue, outros a limfa, e ou-

outros ſervem para a filtração de algum licor. Os vaſos ſanguineos são de duas eſpecies; a ſaber, arterias, e vêas ſanguineas.

(*As arterias ſanguineas.*) As arterias ſanguineas são canaes elaſticos, que ſahem do coração, do qual ellas recebem o ſangue que diſtribuem para todas as partes do corpo. Ellas tem huma figura conica, da qual a baſe eſtá voltada do lado do coração. Aſſim quanto mais o licor contido neſtes vaſos ſe aparta do coração, mais esfrigações elle padece, e diminue da preſteza com que circula.

(*Véas ſanguineas.*) As vêas não são mais que huma continuação das ultimas divisões das arterias, e tornão a trazer para o coração o ſuperfluo do ſangue que as arterias tem diſtribuido em todas as partes do corpo.

(*O movimento de Diaſtole.*) As arterias tem dous movimentos ſenſiveis, hum de dilatação, e outro de contracção. O primeiro que ſe chama Diaſtole he paſſivo, e cauſado pelo ſangue que o coração lança por intervallos nas arterias (*O movimento de ſyſtole.*) O ſegundo que ſe chama ſyſtole, he activo, e cauſado

do pela força elaſtica dos lados das arterias, que agitão, ou obrão ſobre o ſangue no momento que o coração ceſſa de o impellir. (*O pulſo.*) Eſtes dous movimentos oppoſtos fórmão o que ſe chama pulſo.

As vêas não tem movimento algum ſenſivel, mas achão-ſe no ſeu interior valvulas ſituadas em alguma diſtancia humas das outras, que impedem o retroceſſo do ſangue. As arterias aſſim como as vêas são troncos, dividem-ſe em ramos, e ramificações. As ultimas, e as mais finas deſtas ramificações, chamão-ſe por cauſa de ſua delicadeza, vaſos capilares.

Como as extremidades capillares das arterias ſe unem ás extremidades capillares das vêas, ou que haja entre humas, e outras alguns interſticios, algum tecido, ou poroſidade, o ſangue que não foi preciſo para a nutrição das partes he tranſcolado das arterias para as vêas, as quaes o tornão a levar para o coração. Os vaſos lymfaticos dividem-ſe tambem em arterias, e vêas.

(*As arterias lymfaticas.*) As arterias lymfaticas são pequenos vaſos tranſparentes muito mais finos que as arterias

ca-

capillares ſanguineas, donde ellas procedem, e as quaes conduzem para todas as partes do corpo hum licor aquoſo chamado lymfa.

As vêas lymfaticas não são mais que a continuação das arterias do meſmo nome; ellas tornão a levar huma porção da lymfa que havia ſido diſtribuida nas differentes partes do corpo, pelas arterias lymfaticas, e a deſcarregão depois nas vêas ſanguineas. Dos vaſos lymfaticos he que procede a brancura de certas partes do corpo, e em particular a da pelle, que no eſtado natural ſó parece branca por ſe acharem eſtes vaſos em grande número, entre ella, e a epiderme.

(*Vêas lacteas.*) Põe-ſe no número das vêas lymfaticas, as vêas lacteas, chamadas aſſim porque recebem dos inteſtinos hum licor branco chamado chylo, porque eſtas vêas eſtão cheias de lymfa quando o não eſtão deſte licor branco.

§. IX. (*Os vaſos ſecretorios.*) Os canaes deſtinados para as ſecreções diſtinguem-ſe em ſecretorios, e excretorios. Os vaſos ſecretorios são aquelles que ſervem para ſeparar do ſangue algum licor particular; eſtes são os que com-

põe

põe particularmente as glandulas comglomeradas. Os canaes, ou vasos excretorios são os que recebem o licor separado pelos secretorios, e o depõe em algumas partes, ou expulsão para fóra.

§. X. (*Os nervos*) Os nervos são cordões brancos celindricos, que sahem do cerebro, e da espinhal medulla embrulhados da dura mater, e os quaes se distribuem por todas as partes do corpo. (*De que são formados.*) São formados pela união de pequenos filetes muito delicados mas ocos, e dispostos de maneira que por elles corre hum licor muito subtil que recebem do cerebro.

(*Uso dos nervos.*) Por meio deste licor que se chama espirito animal, he que os nervos são o principio do movimento, e sentimento, e por consequencia os orgãos pelos quaes o corpo, e a alma obrão hum sobre o outro. O conhecimento da distribuição dos nervos, e de sua relação entre elles he muito importante. Conduz para a dos movimentos sympathicos, e por elle se vê como o vicio de huma parte se póde communicar a outras, e produzir differentes accidentes.

§. XI.

§. XI. (*Os póros absorventes.*) Não se póde duvidar que na superfice do corpo, e de suas cavidades haja huma infinidade de pequenas aberturas, que se chamão póros absorventes, as quaes correspondem a vêas por onde certas substancias se podem insinuar em nossos vasos. Talvez he só por este meio que se contrahem certas enfermidades chegandose mutuamente os sãos áquelles que as padecem, e que os remedios applicados exteriormente, tal como o mercurio, penetrão em o interior.

Póde ser tambem que por este meio he que a agoa dos hydropicos, ou aquella que se tiver insinuado no ventre de hum cão, se dissipe algumas vezes em mui pouco tempo.

§. XII. (*O que cobre, e involve as partes do corpo.*) Todas as partes do corpo estão cobertas, e involvidas da membrana adiposa, e da pelle que se chama tegumento commum. (*A membrana adiposa.*) A membrana adiposa he hum tecido de muitos filetes membranosos muito finos, entre os quaes se achão quantidade de intervallos mais, ou menos grandes, que se chamão cellulas. Todo este tecido cellular está unido

do

do eſtreitamente á ſuperfice interior da pelle, elle inſinua-ſe em o interior dos muſculos, e tambem entre ſuas fibras; e ſe communica com a pleura, e peritoneo.

(*Como ſe podem reſpeitar as cellulas.*) Podem-ſe reſpeitar as cellulas adipoſas como pequenos ſaccos, que correſpondem huns aos outros, ſobre os quaes as arterias, e as vêas capillares ſanguineas, e lymfaticas ſe ramificão. (*O que as arterias depõe.*) As arterias ſanguineas depõe neſtes pequenos ſaccos, ou cellulas hum ſucco oleoſo, e untuoſo, que ſe condenſa mais, ou menos ao que ſe chama gordura.

(*A pelle.*) A ſegunda involtura commua do corpo he a pelle. Ella he compoſta, ſegundo os Anatomicos modernos de quatro partes. (*O couro.*) A primeira, e a mais interior he o tecido que propriamente ſe chama couro, o qual he compoſto de fibras membranoſas, tendinoſas, e nervoſas; e ſemeado de vaſos que a maior parte são lymfaticos. Eſte tecido ſe comprime, incolhe, e ſe eſtende em todo o ſentido, como o panno de hum chapeo, e por ſi meſmo torna a tomar ſua extensão ordinaria. Iſto he

he o que acontece ás mulheres pejadas, e aos hydropicos.

Achão-ſe na ſuperfice interior da pelle duas eſpecies de glandulas pequenas encaixadas na ſua eſpeſſura, e das quaes os canaes excretorios ſe abrem ſobre a face externa da pelle. As primeiras chamão-ſe por cauſa da ſemelhança com hum grão de milho, glandulas miliares. As ſegundas achão-ſe em maior quantidade em certos lugares que em outros, á proporção que as partes são mais, ou menos expoſtas a esfregaremſe; Mr. Morgagni lhe deo o nome de glandulas ſebacias.

(*O corpo papilar.*) A ſegunda parte da pelle chama-ſe corpo papilar, e conſiſte nas pequenas iminencias que ſe vem ſobre a ſuperfice externa do couro, que ſe chamão papilas nervoſas. Eſtas papilas differem entre ſi por ſua figura, e por ſua ordem, e são formadas por meio de filetes capillares dos nervos que eſtão diſtribuidos na pelle; por conſequencia são os orgãos da ſenſação do tacto.

(*O corpo mucoſo.*) A terceira parte da pelle he a que Malpighio chama corpo mucoſo, e reticular: julga-ſe que

eſte

eſte corpo mucoſo não he outra couſa mais que huma ſubſtancia mucilaginoſa, e facil a condenſar-ſe, que cobre toda a extensão do couro. Eſta ſubſtancia eſtá de tal ſorte ſemeada de hum grande número de vaſos, que fórmão hum tecido vaſcular. As injeções ſubtis, as inflammações naturaes, e a pallidez extraordinaria da pelle provão a exiſtencia deſtes vaſos, e a communicação que tem entre ſi. Por meio deſtes vaſos, e ſua communicação he que ſe podem explicar as inflammações, e a pallidez que ſobrevem algumas vezes muito ſubitamente.

(*A epiderme.*) Em fim a quarta parte da pelle he huma membrana muito delicada, tranſparente, inſenſivel, e mui eſtreitamente unida ás outras, por meio de filetes tão finos que ſe rompem facilmente. Chama-ſe epiderme, ou ſobre pelle. Sua eſtructura he difficultoſa de conhecer, e ſe lhe não tem podido deſcubrir pelos ſoccorros da Arte algum vaſo ſanguineo. Seu uſo he defender as papilas nervoſas da acção immediata dos córpos eſtranhos, dos quaes a impreſsão ſería muito doloroſa ſem ella, como ſe obſerva depois que tem ſido elevada por qualquer cauſa que ſeja.

Ella

Ella he que fórma as bexigas, ou empollas que ſe elevão ſobre a pelle depois da plicação dos viſicatorios, ou por cauſa de huma queimadura. Quando a epiderme tem ſido deſtruida em alguma parte, regenera-ſe com facilidade, e ſem que no couro appareça cicatriz alguma. As caloſidades que ſobrevem aos pés, ás mãos, e aos joelhos são formadas pela pluridade das laminas deſta membrana, que os tatos aſperos, e repetidos tem multiplicado.

(*Seus orificios, ou póros.*) A epiderme tem pequenos orificios por onde ſahe a materia da tranſpiração inſenſivel. Eſtes pequenos orificios, ou póros são formados pelas incovações da epiderme que ſe une ao vaſo onde a materia da tranſpiração eſtá contida. Eſtes pequenos alongamentos são algumas vezes deſpegados dos vaſos, e impellidos para fóra pela ſoroſidade que ſé eſtagna para formar as empollas, ou bexigas. Então os póros ſe achão tapados, e a tranſpiração he ſupprimida.

(*Póros da pelle.*) A pelle eſtá ſemeada de orificios muito pequenos, e imperceptiveis á viſta, que o não são ao micoſcropio; huns correſpondem ás extre-

mi-

midades arteriaes muito finas, por onde ſahe o humor da tranſpiração, que ſe chamão póros exhalantes, os outros são propriamente póros abſorventes. Por eſtes não ſe exhala couſa alguma, mas deixão entrar os líquidos que ſe applicão ao corpo, e que ſe inſinuem pelos vaſos lymfaticos em as vêas.

A côr da pelle não he a meſma em todos os habitantes. (*Da cor da pelle dos homens de differentes paizes.*) Os Francezes, e os Inglezes a tem branca; os Heſpanhoes trigueira, os Egypcios azeitonada, e os Negros negra. A cauſa deſtas differenças não he ainda conhecida.

Alguns Authores perſuadem-ſe com tudo que o ardor do Sol de Africa he a cauſa da cor negra dos Negros. Mas ſe iſto foſſe certo, os meninos naſcidos em Africa depois, e mais Europeos não conſervarião a ſua cor branca, e os Negros que naſcem na Europa; e que nella habitão deixarião de ſer negros; parece mais certo que eſta côr negra he natural aos Africanos, e que exiſte na ſua pelle; iſto he, na epederme. Eſta parte da pelle carece de vaſos, e em os Negros he ſemelhante á dos Europeos.

Isto he em o corpo mucoso. Isto parece verosimil, esta parte da pelle he, como affirma Malpigio, em os Negros de huma cor negra, semelhante á do carvão das lenhas. A côr negra se diminue em hum menino nascido de hum Europeo, e de huma negra, e se acabará em fim nos seus descendentes se elles não cohabitarem mais com negro, ou negra. As unhas, e os pelos podem ser considerados como huma dependencia da pelle.

(*As unhas.*) As unhas são pequenos córpos brancos transparentes, de huma substancia semelhante á do corno, e de huma figura oval. Alguns imaginão que são produzidas pelas papilas da pelle, e outros crêm que não são mais que huma continuação da epiderme. Quando depois da maceração, ou de huma combustão se tira toda a epiderme da mão; as unhas se despegão das papilas para a seguir; e quando sobrevem hum panariço ao dedo, o puz de ordinario destroe as adherencias da epiderme com a unha, esta perde-se, e se produz outra de novo. O que parece provar o ultimo sentimento.

(*Cabellos, ou pelos.*) Os pelos, ou

ou cabellos são pequenos córpos redondos, e compridos que ſahem da pelle. Sua raiz que ſe acha debaixo da pelle, e que ſe chama cebolla, ou bulbe, eſtá embrulhada em hum caſulo, e parece oco, e vaſculoſo como a raiz das plumas dos paſſaros. Elles eſtão rodeados de mui pequenas linhas trigueiras que ſe eſtendem deſde a raiz até a extremidade, que são talvez vaſos ſanguineos.

CAPITULO II.

Das partes que ſe chamão diſſimilares, ou organicas.

(*Divisão do corpo humano.*) O corpo humano he dividido, em cabeça, peſcoço, peito, ou thorax, ventre, ou abdomem, e em extremidades. Cada huma deſtas partes ſe dividem tambem em partes contenentes, e contiudas. As contenentes commuas de todo o corpo são a pelle, e a membrana adipoſa.

§. I. (*A cabeça.*) A cabeça contém na cavidade dos oſſos do craneo o primeiro dos orgãos, ou o primeiro mobil de toda a economia animal. A cara he o ſitio de outros muitos orgãos parti-

ticulares muito compoſtos. As partes contenentes proprias da cabeça são os muſculos frontaes, o pericraneo, e os oſſos do craneo. As partes conteudas são as membranas do cerebro, o cerebro, e os vaſos.

(*A dura-mater, e pia-mater.*) As membranas do cerebro são a dura-mater, e a pia-mater; a dura-mater involve todo o cerebro; he muito tenſa, e adherente ao interior do craneo, principalmente na ſua baſe, e ſuturas. He o perioſtio interior dos oſſos do craneo. Communica-ſe com o perericraneo por meio de pequenos filetes, e pequenos vaſos, que atraveſsão as ſuturas do craneo. Ella fornece hum involtorio a cada nervo. A pia-mater he huma membrana muito fina, a qual involve immediatamente o cerebro; ella abate-ſe em todas as ſuas anfractuoſidades, e ſerve para ſuſtêr hum grande número de vaſos que vão para eſta viſcera, ou que de lá vem.

(*O cerebro, e ſua diviſão.*) O cerebro he toda a maſſa encerrada nos oſſos do craneo. Divide-ſe em cerebro propriamente dito, em cerebello, e em medulla oblongada, o que he preciſo ajuntar

tar

tar tambem a eſpinhal medulla contida em o canal formado pelas vertebras. (*O cerebro propriamente dito.*) O cerebro propriamente dito he compoſto de duas ſubſtancias.

A primeira que he exterior, e que ſe chama ſubſtancia cinzenta, ou cortical he glanduloſa, ſegundo o ſentimento de Malpigio, e vaſcular ſegundo o de Ruyſcho. A ſegunda que he interior, e branca, e que ſe chama medullar não he, ſegundo alguns Anatomicos, mais que o ajuntamento de vaſos excretorios muito finos, que vem da ſubſtancia glanduloſa, e donde os nervos tomão ſua origem.

(*O cerebro.*) O cerebro he tambem compoſto de huma ſubſtancia cinzenta, e medullar, mas differentemente ſituadas.

(*A medulla oblongada.*) A medulla oblongada não he ſenão o prolongamento da ſubſtancia medullar do cerebro, e do cerebelo. As fibras que a compõe ſe cruzão de ſorte que as do lado eſquerdo paſsão para o direito, e as do direito para o eſquerdo: deſta medulla oblongada he que ſahem immediatamente os dez pares de nervos que ſahem do cra-

neo.

neo. Como as fibras da ſubſtancia medullar ſe cruzão, os nervos ſe cruzão tambem; quero dizer, que aquelles que vem do lado direito paſsão para o eſquerdo, e os do eſquerdo para o direito. Dalli vem, como ſe preſume, que a paralyſia, quando he a conſequencia da compreſsão de alguma parte do cerebro ſe acha ordinariamente no lado oppoſto ao da parte comprimida.

(*A eſpinhal medulla.*) A eſpinhal medulla he huma continuação da medula oblongada, e parece ſer compoſta de duas ſubſtancias, huma branca, e outra cinzenta. A primeira eſtá no exterior, e a ſegunda no interior. Trinta pares de nervos que ſe diſtribuem em todas as partes do corpo, tirão ſua origem da eſpinhal medulla.

(*Os vaſos do cerebro.*) Os vaſos do cerebro são arterias, e vêas das quaes as tunicas são muito delicadas. As arterias são as carotidas internas, e as vertebraes. As vêas são as jugulares internas, as quaes tornão a levar o ſangue de differentes ſeios, que ſe achão nas duplicaduras da dura-mater. As arterias não são acompanhadas de vêas como em todas as outras partes do corpo; hu-

mas,

mas, e outras entrão no craneo por hum caminho differente, porque se entrassem juntas poderião, por huma compressão mutua, formar algum obstaculo ao curso do sangue.

(*A face, ou rosto.*) A face, ou rosto he o sitio onde estão os orgãos da vista, do ouvido, cheiro, gosto, falla, e mastigação.

(*Orgão da vista.*) Ha duas sortes de partes que fórmão o orgão da vista. Humas são externas ao globo do olho, e as outras fórmão este globo. As primeiras são as sobrancelhas, palpebras, glandulas de Meibomius, glandula lagrimal, gorduras que cercão o globo, pontos lagrimaes, sacco lagrimal, e o canal nasal. As outras são os musculos do olho, a conjunctiva, a cornea transparente, a sclarotica, a choroida, a uvea, (onde he preciso respeitar o iris, e a purunella) a retina, o humor aquaso que occupa a camera anterior, e a posterior do olho, o humor vitreo que se parece ao vidro derretido, e que occupa a maior parte do globo do olho, e o humor crystallino que se acha em huma cavidade da parte anterior do humor vitreo.

(Or-

(*Orgão do ouvido.*) As orelhas que são os orgãos do ouvido tem duas partes, huma externa, e outra interna. A aza, o conducto que nella está contiguo, as glandulas ceruminosas espalhadas sobre a membrana que forra o conducto, e a membrana do tympano que se acha na extremidade deste conducto, fórmão a primeira destas duas partes. O tympano, ou tambor, e o labyrintho fórmão a segunda. Achão-se na caixa do tambor os conductos que communicão com a trompa de Eustachio, e com as cellulas da apofyse mastoide; a janella redonda, e a oval, os quatro osseletes, e o cordão de nervos chamado a corda do tympano que he hum ramo do quinto par. O labyrintho he composto do caracol, do vestibulo, e dos canaes meio circulares.

(*Orgão do cheiro.*) Todas as cavidades do nariz, que he o orgão do cheiro são forradas de huma membrana semeada de muitos grãos glandulosos, e sobre a qual os nervos do primeiro par se distrubuem.

(*Orgão do gosto.*) A lingua he o orgão do gosto, sua sensibilidade reside em suas papilas nervósas que se achão sobre a sua superficie, e na ponta.

(*Or-*

(*Orgão da falla.*) A lingua, e os labios são o orgão da falla, para ella contribuem tambem os dentes. Os dentes, lingua, labios, e o licor falival, filtrado pelas glandulas do mefmo nome são os orgãos da maftigação. (*Da maftigação.*) Os canaes excretorios das glandulas falivaes vão terminar-fe na boca. As principaes glandulas falivaes são as parotidas maxillares, e fublinguaes. (*As parotidas.*) As parotidas eftão fituadas entre os conductos da orelha, e o angulo do queixo inferior. Seus conductos excretorios defcubertos por Stenon em 1660. pafsão pelo meio da boca fobre o mufculo mafleter, e penetrão depois o mufculo bucinator junto do terceiro dente molar.

(*As maxillares.*) As glandulas maxillares eftão fituadas debaixo de cada angulo do queixo inferior. Seus conductos excretorios defcubertos por Warthon, abrem-fe no lado do freio da lingua.

As glandulas fublinguaes eftão fituadas debaixo da lingua; ellas tem muitos, e pequenos conductos excretorios defcubertos por Revinus em 1679, e dos quaes fe achão os orificios no meio da lingua. Eu digo que eftas glandu-

las

las são as principaes porque nesta parte ha hum grande número de outras mais pequenas, espalhadas debaixo da membrana que forra o interior da boca, e que tirão seus nomes dos differentes lugares onde estão situadas.

(*As amygdalas.*) Ha tambem outras duasna garganta cada huma de seu lado. Sua figura lhes faz dar o nome de glandulas amygdalas. Observão-se na sua superficie muitos orificios pequenos, os quaes cada hum corresponde aos conductos excretorios.

§. II. (*O pescoço.*) O pescoço he composto de muitas partes, as principaes são as arterias carotidas, as vêas jugulares, e o esofago, a trachea-arteria, e as vertebraes.

1°. O esofago he o conducto por onde os alimentos descem da boca para o estomago. A lingua os impelle para o farynx, que he a parte superior deste conducto; a lingua, e o esofago são por consequencia os orgãos da deglutição. 2°. A trachea-arteria he o conducto por onde o ar passa para os pulmões, e delle sahe. Sua parte superior que se chama o larynx, e que he composta de cartilagens, e de musculos he o orgão da voz.

Na

Na parte anterior, e ſuperior da trachea-arteria, ſe acha huma glandula chamada thyroida, da qual ſe não conhece o uſo.

§. III. (*O peito.*) O peito, ou thorax encerra os principaes orgãos da circulação, e da reſpiração. As partes contenentes deſta cavidade são as mammas, coſtellas, vertebras, eſternon, cartilagens, muſculos, e a pleura. (*As partes contenentes.*) De todas eſtas partes faremos huma breve deſcripção; no que reſpeita ás mammas baſtará dizer que cada huma he hum corpo glanduloſo (*As mammas*) cheio de muita gordura, encerrado em huma eſpecie de ſacco membranoſo, e coberto de tegumentos communs.

A função deſtes corpos glanduloſos he de ſeparar em certos tempos o leite que os vaſos ſanguineos lhes trazem. Delles ſahem muitos conductos excretorios, que dilatando-ſe fórmão huma eſpecie de confluente, ou de reſervatorio, donde ſahem outros dez, ou doze canaes, que vão penetrar a papila para ſe abrir exteriormente. O uſo deſtes canaes leitoſos, he de tranſportar para fóra o leite que tem ſido depoſitado no reſervatorio.

(*As

(*As partes conteudas.*) As partes conteudas são o coração, pericardio, mediaſtino, pulmões, vaſos groſſos, thymus, canal thoraquico, e o diafragma, o qual divide o peito do ventre.

O coração he o principal orgão da circulação: he hum muſculo oco encerrado em hum ſacco membranoſo chamado pericardio; he compoſto de fibras tranſverſàes, e longitudinaes, e ſituado ſobre o diafragma entre o mediaſtino; a ponta eſtá algum tanto inclinada para o lado eſquerdo. Tem duas cavidades unidas entre ſi, das quaes huma ſe chama o ventriculo direito, e outra o eſquerdo. A arteria pulmonar que diſtribue o ſangue aos pulmões, ſahe do ventriculo direito, o qual he o maior, e o mais delgado. A arteria aorta que leva o ſangue a todas as partes do corpo ſahe do ventriculo eſquerdo, que he o mais eſpeſſo. Aſſima de cada ventriculo ha huma pequena cavidade que ſe chamão orelhas do coração. A vêa cava que leva o ſangue de todo o corpo fenece na orelha direita. A vêa pulmonar que leva o ſangue dos pulmões fenece na orelha eſquerda. As orelhas são como os ventriculos unidos hum contra o outro. No

in-

interior dos ventriculos ha muitas valvulas, as que eſtão ſituadas na embocadura das arterias deixão ſahir do coração o ſangue que entra nas arterias, e o impede que torne pelo meſmo caminho. Chamão-ſe ſimilunares. Aquellas que eſtão na embocadura das orelhas deixão entrar o ſangue nos ventriculos, e lhe empede a ſahida pelo meſmo caminho. Chamão-ſe triglochinas.

(*Os orgãos da reſpiração, e da circulação.*) Os pulmões, e o diafragma são os principaes orgãos da reſpiração. Os pulmões são compoſtos de pequenas veſiculas, onde correſpondem todas as ramificações da trachea-arteria. (*Os pulmões.*) Eſtas remificações são chamadas bronchios. Entre eſtas veſiculas ha hum tecido cellular que enche os intervallos que elles deixão entre ſi. A arteria, e a vêa pulmonar ramifição-ſe infinitamente ſobre eſtas veſiculas, o que fórma huma rede vaſcular maravilhoſa. Achão-ſe no interior dos bronchios pequenas glandulas chamadas tracheaes.

(*O diafragma.*) O diafragma he hum muſculo carnoſo, e tendinoſo, que divide o peito do ventre, e eſtá ſituado tranſverſal, e obliquamente, de ſorte que

a

a parte anterior eſtá mais elevada que a poſterior. He compoſto de duas partes, huma carnoſa, e outra tendinoſa, que ſe chama o centro, o qual fica immovel ao meſmo tempo que ſuas partes lateraes que são carnoſas ſe elevão, e abaixão, ſegundo os movimentos da reſpiração.

§. IV. (*O ventre, e ſua diviſão.*) O ventre, ou abdomen he dividido em regiões, e em partes. Divide-ſe toda a ſuperficie do ventre em regiões, a fim que pela correſpondencia que as partes interiores tem com as exteriores ſe poſſa julgar que parte interna eſtá offendida, quando ſe vê no exterior algum veſtigio de golpe feito por inſtrumento cortante, ou penetrante, ou quando o enfermo deſigna no exterior o ſitio em que ſente a dor.

(*Regiões do ventre.*) Diſtinguem-ſe duas regiões huma anterior, e outra poſterior. A região anterior que ſe eſtende até o lado do ventre, ſubdivide-ſe em outras tres. A primeira que he a mais alta, chama-ſe epigaſtra. A ſegunda que he a media chama-ſe umbilical, e a terceira que he a inferior chama-ſe hypogaſtria.

Ca-

Cada huma destas regiões se subdivide ainda em tres. O meio da região Epigastria chama-se simplesmente epigastria; e os lados chamão-se hypochondrios, hum direito, outro esquerdo. O meio da região media chama-se umbilical, e os lados chamão-se regiões lombares, direita, e esquerda. O meio da região Hypogastria chama se simplesmente Hypogastria; e os lados verilhas, direita, e esquerda. A região posterior subdivide-se em duas partes; os lombos formão a superior, e as nadegas a inferior.

(*Orgãos do ventre.*) Dividem-se as partes do ventre em partes contenentes, e conteudas. As contenentes proprias são os musculos do abdomen, e o peritoneo. As conteudas são os orgãos destinados para a digestão, e formação do chylo, para a separação da ourina, e para a geração.

(*Os orgãos que servem para a digestão, e para a chylificação.*) Os orgãos destinados para a digestão, e formação do chylo são o estomago, intestinos, figado, baço, pancreas, mesenterio, reservatorio do Pecquete, e o principio do canal thorachico; a que he pre-

preciſo ajuntar as glandulas que forrão a membrana interior do eſtomago, e as que ſe achão eſpalhadas no canal inteſtinal.

(*Os orgãos deſtinados para a filtração da ourina.*) Os orgãos que ſervem para a filtração da ourina, e para ſua evacuação são os rins, ureterios, a bexiga, e a urethra. Os orgãos da geração são differentes nos dous ſexos. Os do homem são os vaſos ſpermaticos, os teſticulos, os vaſos differentes, veſiculas ſeminaes, (*Orgãos da geração.*) vaſos ejaculatorios, os quaes atraveſsão as glandulas proſtatas ſuperiores, e que ſe abrem, ou deſcobrem na urethra no lado do verumontanon, verga, ou membro viril. Aſſim eſtes orgãos huns ſe achão no ventre, e outros fóra delle. Os da mulher são a vagina, a madre, os ligamentos redondos, e largos, as tubas falopianas, e os ovarios.

§. V. (*As extremidades ſuperiores.*) As extremidades do corpo dividem-ſe em ſuperiores, e inferiores. As ſuperiores são os orgãos ordinarios do tacto, e aquelles pelos quaes o homem executa a maior parte das ſuas obras. (*As inferiores.*) As inferiores são os orgãos por

meio

meio dos quaes ſe tranſporta de hum lugar para o outro.

(*O que he preciſo notar nas articulações.*) He preciſo notar em hũmas, e outras articulações por gonzo, e por joelho, os differentes ligamentos que ſervem a limitallas, e contellas; as cartilagens que reveſtem o corpo dos oſſos, as que augmentão as cavidades das articulações, as que eſtão ſituadas entre a cavidade, e cabeça dos oſſos, as capſulas que envolvem as articulações, e as glandulas ſynoviaes que ſe achão nas capſulas.

He preciſo tambem obſervar as glandulas conglobadas que são tres, ou quatro debaixo de cada ſofaco do braço, e outo, ou dez em cada verilha. Ellas ſervem de receptacolo á lymfa que vem das extremidades ſuperiores, e das inferiores. Eſtão ſituadas ſobre os vaſos groſſos, e cobertos de pelle, e gordura.

Ha tambem glandulas deſta eſpecie á roda das parotidas, e das maxillares, e ao longo das vêas jugulares. Ellas recebem a lymfa que vem da face, e do peſcoço. As do meſenterio são tambem glandulas conglobadas. Huma relação

mais particular das partes do corpo humano he o objecto da Anatomia.

(*Que cousa he Anatomia.*) A Anatomia he huma dissecção, ou descomposição artificial do corpo humano, para conhecer a estructura, connexão, situação, e uso de todas as partes que o compõe. Divide-se a Anatomia em duas partes, em Osteologia, e em Sarcologia: a Osteologia trata das partes duras: a Sarcologia das partes molles. Divide-se esta em Myologia, Splanchnologia, Angeologia, Nervologia, e Adenologia.

SECÇÃO II.

Dos Fluidos.

ENtende-se por fluidos todos os differentes licores contidos em os sólidos, que compõe o corpo humano. O sangue he o principal de todos estes líquidos; elle he a origem dos outros todos excepto o chylo, do qual elle mesmo he formado. Assim a ordem natural nos obriga a fallar primeiramente do chylo, e depois do sangue, e em fim dos mais líquidos, emanados delle.

CA-

CAPITULO I.

Do Chylo.

(*O Chylo.*) O chylo he hum licor leitoſo extrahido dos alimentos por meio da digeſtão. (*Natureza do chylo.*) Os principios do chylo parece ſerem ſulfureos, mucilaginoſos, ſalgados, e aquoſos, porque acontece na expreſsão dos alimentos a meſma couſa que nas emulsões. As partes ſulfureas, mucilaginoſas, e ſalgadas dos alimentos, são extrahidas pelos differentes licores que ſervem á digeſtão, e miſturados perfeitamente aos aquoſos pela acção das partes viſinhas.

Eſtas partes ſulfureas comprimidas, e piſadas, ſe aredondão, e fórmão eſtes globos brancos que ſe percebem no chylo, por meio do microſcopio. Aſſim o chylo não he ſenão propriamente o ſucco dos alimentos, expremidos de ſuas partes fibroſas, e mudado neſtes globos.

(*Porque he o chylo branco.*) Não deve cauſar admiração que o chylo ainda que formado de alimentos de diffe-

rentes cores, ſeja hum licor branco; porque elle he compoſto de partes ſulfureas, e aquoſas bebibas, e trituradas entre ſi. Ora ſe ſe bate por hum tempo conſideravel hum oleo ſulfureo, por exemplo o oleo com agua vem-ſe a fazer branco.

CAPITULO II.

Do ſangue.

(*O Sangue.*) O ſangue em geral he hum licor vermelho eſpalhado por todas as partes do corpo. He a miſtura da parte vermelha, e de todos os outros licores, porque todos circulão juntamente nos vaſos ſanguineos. Elle he o principal inſtrumento da economia animal; porque ſua infusão faz perder ou abbreviar a vida.

(*A natureza do ſangue.*) Quando circula nos vaſos, ou que delles ſahe, parece compoſto de partes homogeneas. Mas ſe ſe deixa por algum tempo em hum vaſo ſe reconhece bem de preſſa que elle he compoſto de differentes partes. Recebido em huma chicara, ou malga resfria-ſe, coagula-ſe, e ſe divide

em

em duas partes, das quaes huma he hum coagulum vermelho que ſe acha na parte vermelha do ſangue, e a outra he fluida, e branca. Eſta he expremida dos pequenos póros do coagulum, o que ſe chama a parte branca ou lymfatica.

(*O ſangue compoſto em geral de duas partes.*) Eſtas duas ſubſtancias circulão juntamente nos vaſos ſanguineos ſem ſe ſepararem; mas a parte lymfatica que he a mais fina que a vermelha paſſa ſó pelos vaſos extremamente pequenos que ſe chamão lymfaticos, eſpalhão-ſe em todas as partes do corpo que ella nutre; leva para as glandulas a materia da filtração, e volta depois para as vêas ſanguineas.

(*O coagulum.*) O coagulum vermelho lavado em agua tepida ſepara-ſe em duas partes, das quaes huma ſe miſtura com a agua á qual communica ſua côr vermelha, e a outra ſe fórma em pequenos filamentos brancos.

(*O ſangue propriamente dito.*) A primeira he a que ſe chama propriamente ſangue. He vermelha, e globoſa, cada hum de ſeus globos he compoſto de outros ſeis globos unidos entre ſi; eſtes globos nadão na parte branca, e

ahi

ahi rolão sem cessar sobre sua superfice.

Tem havido muita incerteza sobre a causa da côr vermelha do sangue. Huns a attribuem ao nitro aéreo, outros ao figado, alguns a hum espirito vital que se acha no coração, ou a hum formento particular no sangue, &c. (*Donde procede, ou vem a côr vermelha do sangue.*) Mas he provavel que esta côr vermelha vem dos seus pequenos globos unidos, os quaes compõe cada huma de suas partes vermelhas. Estes pequenos globos são os do chylo.

Quando elles compõe este licor, estão separados huns dos outros, e sua côr he branca. Des de que se unem fazem-se vermelhos, e se se separão tornão a adquirir sua primeira côr. He pois sua união que os faz vermelhos. Sabe-se que a differente disposição da superfice dos corpos faz a diversidade de sua côr.

(*O que faz a união dos globos, e onde se faz.*) Esta união de muitos pequenos globos brancos, se faz nas extremidades dos vasos capillares de todas as partes do corpo pela contracção destes vasos. Isto he o que se chama sanguificação. (*Differenças do sangue, e do*

do chylo.) De tudo o que acabamos de dizer se segue que a união dos globos, e a côr vermelha que delles resulta são a unica differença que se acha no sangue, e chylo.

(*A lymfa serosa.*) A segunda parte do coagulum não se dissolve na agoa, como a parte globosa, mas fórma-se em pequenos filamentos transparentes, os quaes estando seccos parecem-se ao corno. Ella he que condensando-se conserva em seus intersticios, as partes globosas do sangue quando está fóra de seus vasos, e fórma o coagulum vermelho. Chama-se lymfa fibrosa.

Ella tambem he que fórma nas sangrias do pé estes por fórma de farrapos, e estes filamentos espessos, e espongiosos guarnecidos de succo gelatinoso. Esta lymfa fibrosa, e estes succos gelatinosos parece não serem senão lymfa menos subtil, e menos triturada que aquella da qual vamos fallar.

A parte branca, ou lymfatica do sangue parece ser homogenea. Hum leve calor a faz espessar, de sorte que se assemelha á clara de hum ovo cozido, e della toma a consistencia. Esta he a que se chama propriamente lymfa. (*A sero-*

sida-

ſidade.) Ao meſmo tempo que ſe incraſſa, della ſahe hum humor aquoſo, no qual ella nadava. Eſte humor he hum pouco ſalgado, e ſemelhante a ourina. Chama-ſe ſoroſidade.

(*Exame do ſangue em huma arrã viva por meio do microſcopio.*) Quando ſe examina o ſangue por meio do microſcopio em huma arrã viva não ſe deſcobre couſa alguma ſenão conforme o que acabamos de dizer. Nelle ſe obſerva hum licor aqu ſo, e branco no qual nada huma multidão de globos brancos, filamentos brancos tranſparentes, e muito confuſos; e em fim as partes vermelhas globoſas muito pequenas, e compoſtas de ſeis globos brancos.

Obſerva-ſe tambem que os globos vermelhos mudão de figura, e de côr quando paſsão pelos vaſos capillares; que elles ſe vem a fazer ovaes, e amarellos, que não podendo entrar ſenão hum depois do outro, por cauſa da pequenhez deſtes vaſos, nelles ſe acha muita lymfa, e por conſequencia o ſangue he menos vermelho nas extremidades capillares, do que nos vaſos mais groſſos.

(*A côr do ſangue he differente nos va-*

vaſos.) A côr vermelha do ſangue não he a meſma em todos os vaſos groſſos. Elle he vermelho vivo, e brilhante na vêa pulmunar, no ventriculo eſquerdo do coração, e em todas as arterias do corpo, onde ha mais movimento, e lymfa. Pelo contrario he mais trigueiro, e eſcuro na arteria pulmonar, no ventriculo direito do coração, e em todas as vêas em que ha menos movimento, e menos lymfa. Por eſta razão he que o ſangue venal tirado em huma chicara ſe obſerva mais negro no fundo que na ſua ſuperfice.

Se ſe açouta o ſangue novamente tirado de huma vêa, com huma mão cheia de raminhos de alamo branco, toda a ſua parte fibroſa ſe une aos pequenos botões, e ſua parte vermelha, e lymfatica fica fluida ſem ſe coagular, o que prova que eſta parte fibroſa he a que coagulando-ſe exprime a parte branca, e conſerva a vermelha pelo meio dos filamentos que a embaração. Quando ſe examina acha-ſe guarnecido de ſucco gelatinoſo ſemelhantes ás concreções lymfaticas, e polypoſas, como ſe obſerva nos vaſos, e no coração. Ella provavelmente he a que fórma eſtas eſpe-

cies

cies de córpos que retidos nos pequenos vaſos he cauſa dos embaraços, ou obſtrucções que nelles ſe obſervão algumas vezes.

(*O chylo não ſe muda em ſangue ſenão depois de muitas circulações.*) He preciſo hum certo tempo para que o chylo ſe mude em ſangue. Razão por que quando ſe ſangra huma peſſoa pouco tempo depois de haver comido, ſe vem filamentos brancos formados pelo chylo que ſahe miſturado com o ſangue. A ſoroſidade que delle ſe ſepara depois de eſtar algum tempo no vaſo, em que ſe recebeo, parece toda leitoſa, e algumas vezes ſe obſerva ſobre o coagulum, ou craſamento vermelho huma eſpecie de coſtra da meſma natureza.

Se ſe abrir hum cão logo depois de haver comido, achar-ſe-ha nas arterias pulmunares huma materia branca miſturada com o ſangue, donde ſe póde concluir que o chylo não he mudado totalmente em ſangue ſenão depois de muitas circulações. Segue-ſe tambem do que acabamos de dizer que a ſoroſidade ſerve de vehiculo para a lymfa, e que a lymfa, e a ſoroſidade ſervem ao ſangue propriamente dito.

(*Mo-*

(*Movimento do ſangue.*) Todas as materias de que o ſangue he compoſto, tem differentes movimentos que conſervão ſua fluidez; a ſaber, hum movimento de fermentação, outro de fluidez; e outro circular progreſſivo. Mas deſtes tres movimentos não ha mais que o circular que ſeja provado, e demoſtrado. Muitos Authores conteſtão os outros dous.

(*Movimento de fluidez.*) O movimento de fluidez he commum com todos os outros fluidos. Depende da acção dos vaſos, da elaſticidade do ar, e do movimento de fermentação. Alguns admittem em todos os fluidos hum principio que lhe dá a fluidez.

(*O de fermentação.*) O movimento de fermentação que alguns Fyſicos negão, agitadas as partes do ſangue, fórma, e produz todos os humores de que elle eſtá carregado, e communica o calor a todas as partes ſólidas. O ſangue, dizem os ſequazes da fermentação, tem principios ácidos, e alkalinos, que topando-ſe, ou encontrando-ſe contínuamente, huns, e outros devem produzir neceſſariamente o movimento de fermentação. Os limites que temos propoſto

nef-

neſta obra não permittem que entremos no exame das razões allegadas pró, ou contra eſtes dous movimentos.

(*Movimento circular.*) O movimento circular, ou progreſſivo he aquelle pelo qual o ſangue he impellido do coração como do centro para todas as partes, pelas arterias; e tornado a trazer para o coração pelas vêas. (*Sua cauſa.*) As cauſas deſte movimento são a acção do ar em os pulmões, o movimento do coração, e o reſorte dos vaſos.

CAPITULO III.

Dos liquidos emanados do ſangue.

(*Quaes são os orgãos deſtinados para a filtração.*) O ſangue he formado pelo chylo, e elle fórma alternativamente todos os outros liquidos, que depois de haverem ſido confundidos na maſſa, della são ſeparados. Eſta ſeparação chama-ſe ſecreção, filtração, ou excreção.

As ſecreções fazem-ſe, ou pela extremidade dos vaſos capillares arteriaes; como as da materia da tranſpiração, e da gordura, ou por meio de certos orgãos

gãos chamados glandulas comglomeradas destinadas para esta operação; como a da bile, da saliva, &c. Os humores separados do sangue dividem-se em tres classes.

(*Os recrementos.*) A primeira comprehende os que se devem misturar de novo com o sangue para differentes usos. Taes como são a gordura, a synovia, o licor do pericardio, os espiritos animaes, &c. Chamão-se recrementos.

(*Os excrementos.*) A segunda contém aquelles que não devem ter mais commercio com o sangue. Taes como são a ourina, a materia da transpiração insensivel, o suor, &c. Chamão-se excrementos.

A terceira he composta daquelles dos quaes huma parte deve tornar a entrar para a massa, ao mesmo tempo que a outra será lançada fóra das vêas da circulação. (*Os recrementos, e excrementos.*) Taes como são a saliva, a bile, o succo pancreatico, &c. Como estes humores participão dos dous primeiros, chamão-se recrementos-excrementos.

Estes humores separão-se do sangue, huns para alguma função, ou uso ne-

necessario á conservação do corpo; os outros, porque são superfluos, e que virião a ser nocivos. Nós vamos a examinar, ou a referir a natureza, e os usos de todos estes differentes líquidos.

§. I. (*A materia da transpiração.*) A materia da transpiração insensivel he hum humor subtil, e delicado que se exhala em fórma de vapor de toda a superfice do corpo, e de todas as cavidades.

A transpiração insensivel que se faz nos pulmões, chama-se transpiração pulmonar; a que se faz pelos póros da pelle, chama-se transpiração cutanea.

(*Prova da transpiração cutanea.*) Esta evacuação que se chama insénsivel, porque os olhos a não podem perceber sensivelmente, he com tudo a mais abundante de todas as evacuações.

Muitas experiencias provão della a existencia. Se se põe hum dedo sobre o vidro de hum espelho, ou de outro qualque corpo bem polido, deixa nelle hum sinal de humidade. (*Prova da pulmonar.*) Se se põe a cabeça nua, ou descoberta junto de huma parede branca, e exposta ao Sol, vê-se a sombra dos vapores que sahem pelos póros da pelle.

Se se respira contra hum pedaço de gêlo, se vê bem depressa coberto de gottas de agoa pequenas. Os vapores que sahem dos pulmões são condensados no inverno pelo frio, e fórmão huma especie de nuvem quando sahem da boca, ou nariz. Outras experiencias próvão que ella he mais abundante que as outras evacuações sensiveis.

Sanctorio observou que de oito libras de alimento se dissipão cinco pela transpiração insensivel. (*Sua abundancia.*) O que faz conceber quanto a economia animal he desordenada quando a transpiração está supprimida, ou por hum ar frio, que tapa os póros, ou pela crassidão de sua materia.

Não ha glandulas nenhumas que sirvão para a filtração deste humor. Julga-se que pelos póros, ou pelas extremidades das arterias capillares he que ella sahe. Estas aberturas, ou orificios que se achão sobre a superfice da pelle são tão pequenos que Leuvvenhoeck observou que hum grão de arêa podia cobrir 250000.

(*A transpiração he mais ou menos abundante.*) Esta evacuação he mais abundante no Estio que no Inverno, dian-

ante hum bom fogo, que a hum ar frio; em o movimento que na quietação, no tempo da digestão que antes do jantar, e em hum paiz quente do que em hum frio. (*Sua materia.*) Sua materia he aquosa, e salina, e parece ter muita analogia com a ourina; tambem se observa que quando se ourina muito a transpiração he menos abundante.

(*Seu uso.*) Esta evacuação serve para conservar a brandura das papilas da pelle. Ella eleva do sangue as particulas salinas, e o purifica por este meio. Ella he que causa a maior parte das enfermidades da pelle, por exemplo as eresipellas, os impigens, ou herpes, as sarnas, &c.

§. II. (*O suor.*) A materia do suor separa-se do sangue pelas glandulas miliares. He muito mais grosseira que a da transpiração, o que faz que no estio se observa espalhada na pelle em pequenas gotas. Os canaes por onde ella sahe são tambem mais grossos que os pequenos póros por onde sahe a transpiração insensivel. No tempo do suor os canaes escretorios das glandulas miliares comprimem os póros por onde sahe a materia da transpiração, o que faz

que

que abundancia do ſuor diminue a da tranſpiração. O ſuor tem tambem muita ſemelhança com a ourina.

§. III. (*O humor ſebaceo.*) O humor ſebaceo he huma materia untuoſa a qual ſe filtra pelas glandulas ſebaceas, e he depoſitada nos pequenos folliculos onde adquire huma certa confiſtencia. (*Seu uſo.*) O uſo deſte humor he de defender a pelle da acção dos ſaes que ſe achão em a materia do ſuor, e na da tranſpiração de fazer a pelle da cara liza, e bem polida, e de impedir a eſcoriação das partes que são obrigadas a esfregarem-ſe.

Razão por que ſe achão muitas glandulas ſebaceas nos lugares ſujeitos a eſfregarem-ſe, taes como são as juntas, o eſcroto, as verilhas, as eſpadoas, e a pelle que cobre a cabeça; as mammas, e a cara tambem são muito guarnecidas dellas.

(*O que elle cauſa.*) O humor ſebaceo deſeccando-ſe fórma as pequenas eſcamas, que são a caſpa da cabeça, e de todo o corpo. Quando he ſupprimido no folliculo, ou na glande, fórma os tuberculos, ou pequenos tumores que naſcem ſobre a pelle.

(*O cerumen, ou cera das orelhas.*) O que sahe do conducto auditivo externo da orelha, chama-se cerumen, ou cera. He amarella, e amarga; decrepita, e se inflamma sobre o fogo. Se se accumula, e endurece no conducto póde causar a surdez.

(*A ramella.*) As glandulas de Meibomio filtrão huma materia sebacea da qual o uso he oppôr-se á quéda das lagrimas sobre as faces, de as determinar, ou encaminhar para o nariz, e de as fazer passar pelos pontos lagrimaes. Quando este humor se incrassa, fórma o que se chama ramella.

§. IV. (*Os espiritos animaes.*) A opinião recebida he que se separa do sangue que vai para a substancia cortical do cerebro, e para a espinhal medulla, pelas arterias hum fluido muito subtil, e extremamente movel, o que se chamão espiritos animaes, ou succo nervoso. Estes espiritos passão da substancia cortical para a medullar, e dalli para os nervos, que os encaminhão da cabeça para todas as partes do corpo, e os tornão a encaminhar de todas as partes do corpo para a cabeça. (*O uso dos espiritos animaes.*) Este fluido subtil he

o principio activo, e o motor de todo o corpo, e que dá força, vigor, movimento, e attenção necessaria a nossas partes, e por elle he que nós percebemos os objectos, e que fazemos todas as nossas acções.

(*Donde dependem nossas percepções, e acções.*) Nossas percepções, e acções dependem pois da facilidade com que nossos espiritos circulão do cerebro para os nervos, e dos nervos para o cerebro; o que a experiencia confirma. (*Qual he a prova disto.*) Porque se o cerebro, o cerebelo, ou a espinhal medulla estão offendidos, sobrevem nas partes em que são distribuidos os nervos que vem do lugar enfermo, convulsões, paralysias; e se se ligar, ou cortar algum nervo ás partes inferiores á ligadura, ou cortadura, perdem o movimento, e o sentimento; os superiores os conservão. He preciso pois que a ligadura empeça hum fluido nos nervos.

(*Opinião differente sobre os espiritos animaes.*) Com tudo ha Filosofos que negão a existencia dos espiritos animaes; elles pensão que os nervos são cordas tensas pouco mais ou menos como as dos instrumentos, e que nossas

acções se fazem pelas differentes vibrações que nós lhe damos. (*Refutada pela experiencia.*) Mas a experiencia de que acabamos de fallar parece desmentir este sentimento. Porque se se liga huma corda tensa, não fica por isso incapaz de vibração.

(*Natureza dos espiritos animaes.*) Os sentimentos são bem varios sobre a natureza dos espiritos animaes. São elles de huma natureza salina, aerea, oleosa, aquosa, ou ignea, isto he o que parece mui difficil a decidir. A finura dos vasos que se distribuem ao cerebro, prova que o licor que ahi se separa do sangue he muito subtil; a promptidão com que nós executamos nossos movimentos quando queremos, demostra não sómente sua extrema velocidade, ou mobilidade, mas tambem que do cerebro he que vem este líquido.

§. V. (*O humor lagrimal.*) Muitos, e pequenos conductos excretorios que sahem da glandula lagrimal, vão penetrar a tunica conjunctiva, para derramar sobre o globo do olho huma serosidade que se chama humor lagrimal, do qual (*seu uso*) o uso he facilitar o movimento das palpebras, e conservar a transparencia da cornea.

O

O ſuperfluo deſta ſoroſidade que ſe chama lagríma, he impellida pelos pontos lagrimaes, donde paſſa para o ſacco lagrimal, e para o conducto naſal, para cahir aſſima da abobeda do paladar, e correr depois pelo nariz, ou por detraz do tapique em o farynx.

§. VI. (*O monco, ou ranho do nariz.*) O monco, ou ranho do nariz he ſeparado do ſangue pelas glandulas eſpalhadas ſobre a membrana pituitaria que forra, e reveſte toda a extensão interna do nariz, ſuas cavidades, e rugas.

Eſte humor he mucilaginoſo, ſem goſto, e ſem cheiro; miſtura-ſe facilmente com agua, e ſe condenſa quando não ha cuidado de ſe aſſoar o nariz. Elle concorre em quantidade quando ha catarro, ou quando ſe uſa de algum pó ácre, e ſubtil, tal como o tabaco.

(*Seu uſo.*) Seu uſo he de lubricar a ſuperfice interna do nariz, de a fazer branda, de a conſervar humida, e de perſeverar o interior do nariz das injúrias do ar. O catarro he occaſionado pela retenção deſte humor nas glandulas.

§. VII. (*A ſaliva.*) A boca eſtá con-

contínuamente banhada de hum licor chamado ſaliva, que ſe ſepara do ſangue pelas glandulas ſalivaes. (*Sua natureza.*) A ſaliva he hum licor muito deluido, tranſparente, ſem goſto, e ſem cheiro; não he mais que hum oleo muito attenuado, miſturado com a agua por meio dos ſaes, e de hum movimento das arterias.

(*Seu uſo.*) Ella he pois de huma mui grande utilidade. Humedecendo a garganta, a preſerva das injurias do ar, e facilita a falla. Penetrando os alimentos, facilita a ſua deglutição, prepara ſua digeſtão por ſuas partes aquoſas, ſalinas, e oleoſas; as quaes começão a diſſolver ſuas partes oleoſas, e ſalinas.

§. VIII. (*O humor das amygdalas.*) As amygdalas filtrão hum humor eſpeſſo, e do qual o uſo he lubricar as partes viſinhas.

§. IX. (*O humor que humedece o eſofago.*) O interior do eſofago he banhado de hum humor filtrado pelas glandulas derramadas em as tunicas deſte orgão. Eſte licor facilita a deglutição.

§. X. (*O ſucco gaſtrico.*) Deſcobre-ſe na quarta tunica do eſtomago hum mui grande número de pequenos orificios

que

que correſpondem a grãos glanduloſos, ſituados no tecido laxo, e eſpongioſo da terceira tunica.

(*Seu uſo.*) Eſtas glandulas filtrão o licor gaſtrico, ou ſucco eſtomacal, do qual o uſo he de ſervir a digeſtão, e de cauſar o appetite de comer. Eſte ſucco he claro, ſubtil, e acre em os animaes que tem padecido fome muito tempo; mas no eſtado natural tem muita analogia com a ſaliva.

§. XI. (*A lymfa inteſtinal.*) A terceira tunica dos inteſtinos conſerva tambem huma quantidade de differentes grãos glanduloſos que filtrão hum licor que ſe chama lymfa inteſtinal, a qual ſe parece tambem com a ſaliva, e que augmenta a fluidez do chylo.

§. XII. (*A bile.*) A bile he hum licor amarello, amargo, e compoſto de partes aquoſas, ſalinas, reſinoſas, e ſulfureas, muito attenuadas, e unidas entre ſi. (*Sua natureza.*) He por conſequencia ſabonoſa, muito penetrante, e muito propria para acabar a diſſolução das partes ſulfureas, gommoſas, mucilaginoſas, e ſalinas dos alimentos. Pelas differentes experiencias, ſe reconhece que a bile he huma miſtura de oleo, e ſal alka-

kali tal como o ſabão. Os Authores a chamão hum ſabão animal.

(*Onde ſe ſepara.*) O figado a ſepara de hum ſangue venal, trazido pela vêa porta, que o recebe do baço, do eſtomago, dos inteſtinos, e do epiploon, por hum ſó tronco de vêa formado da reunião das vêas que vem deſtas differentes partes. Porque huma parte deſte ſangue vem do baço, no qual recebeo huma preparação; outra parte vem do eſtomago, e dos inteſtinos, onde he empregnado, ſegundo alguns, de algumas partes chyloſas; e em fim outra parte vem do epiploon, no qual he empregado de partes oleoſas.

(*Onde vai depoſitar-ſe.*) A bile ſeparada nas glandulas do figado, paſſa pelos póros dos vaſos biliarios, os quaes pela ſua união fórmão hum canal chamado hepatico. Outros pequenos canaes deſcubertos pelos MM. Mr. Winslow, e Verdier, que ſahem deſtes póros do figado, e que são chamados hepatico-cyſticos, á lanção na bexiga do fel donde ella ſahe por hum canal que ſe chama cyſtico. Eſte canal ſe ajunta com o hepatico, e não fórma com elle mais que hum ſó conducto que ſe chama Choli-

do-

doco. Efte canal commum depõe a bile em o duodenum.

(*Differenças da bile.*) A bile que fe acha no veficulo he muito efpeffa, amarella, e amargofa. A compreſsão dos mufculos do baixo ventre, e a contracção de fuas fibras carnofas, e fobre tudo a oppreſsão do eftomago quando eftá cheio, fórção efta bile a encaminhar-fe para o duodenum. Aquella que vem pelo canal hepatico he mais fluida, mais tranfparente, e mais doce que a primeira. A acção do diafragma, a dos mufculos do baixo ventre, e o movimento progreffivo dos líquidos a fazem correr por efte canal para o duodenum.

(*Seu ufo.*) O ufo da bile he de dividir o chylo, de o fazer mais fluido, e mais brando, e de excitar hum certo movimento nos inteftinos.

§. XIII. (*O fucco pancreatico.*) O fucco pancreatico he hum licor que fe filtra em o pancreas, e o qual he impellido para o duodenum por hum canal excretorio, que foi defcoberto por Wirfungo. (*Sua natureza.*) Elle he de natureza da faliva; e ferve para aperfeiçoar o chylo.

§. XIV. (*A ourina.*) A ourina he hum

hum excremento que as glandulas da ſubſtancia cortical dos rins ſeparão do ſangue. Eſte licor paſſa logo para os canaes que compõe a ſubſtancia rinhal dos rins. Eſtes canaes a depõe nas bacinetas, e as ureteras a encaminhão das bacinetas para a bexiga, onde depois de ſe haver demorado algum tempo he expulſada pela uretra.

(*Sua natureza.*) A ourina parece não ſer outra couſa mais que huma agua carregada de hum ſal muito volatil, e ſubtil, de hum oleo muito volatil, de huma terra inſipida, e de huma materia mucilaginoſa. No eſtado natural, ou de ſaude ſua côr he amarellada, e quaſi ſemelhante á da cidra; ſeu cheiro he inſipido, o goſto ſalgado, o calor he temperado, e tem a fluidez de agua commua; mas nas doenças percebe-ſe alteração na ſua quantidade, ſedimento, côr, cheiro, e conſiſtencia.

He preciſo notar comtudo que no meſmo eſtado de ſaude, a ourina he mais ou menos córada, ſalgada, ou clara, ſegundo as mais, ou menos partes aquoſas que nella ha, relativamente ás outras materias que ella contém. Eſta variação na quantidade proporcional das

par-

partes aquosas vem do temperamento do sujeito, da sesão, da quantidade, e natureza das cousas que se bebem.

(*Concreção da ourina.*) Quando a ourina está algum tempo no vaso, e resfriada, percebem-se-lhe tres differentes concreções; huma na superfice, outra no meio, e outra no fundo. A que se percebe, ou observa na superfice, chama-se nuvem, a do meio suspensão, e a do fundo sendimento.

Estas differentes concreções são formadas pelas materias da ourina mais ou menos rarefactas: o sedimento he composto de huma materia terrea, e das partes do sal as menos ligeiras. Hum humor mucilaginoso filtrado pelas glandulas que se achão entre as tunicas dos lados da bexiga, preserva a superfice interna da impressão que os saes ourinosos poderião fazer sobre ella.

Este humor he que sahe em fórma viscosa, e que se depõe no fundo do vaso, que tem recebido a ourina de huma pessoa, da qual a bexiga está irritada por causa de huma pedra, ou de outra qualquer cousa.

§. XV. (*O humor das prostatas.*) Acha-se na uretra a embocadura de muitos canaes excretorios que sahem das glandu-

dulas proſtatas ſuperiores, e inferiores; e que depõe no canal hum humor, ou licor branco, e viſcoſo que eſtas glandulas filtrão. (*Seu uſo.*) Eſte licor defende os lados deſte canal da acrimonia da ourina, e ſerve de vehiculo ao ſemen.

§. XVI. (*O ſemen.*) O ſemen que tambem ſe chama licor ſeminal, ou prolifico he preparado, e ſeparado do ſangue em os teſticulos, os quaes são compoſtos de huma mui grande quantidade de vaſos extremamente finos, dos quaes o entrelaçamento fórma o que ſe chama loços vaſculares.

(*Onde ſe depoſita depois de ter ſido filtrado.*) Eſte licor paſſa para o epididymo, e dalli para o canal differente que o encaminha para as veſiculas ſeminaes, onde ſe demora como em depoſito algum tempo, e donde paſſa provalmente para o ſangue. Depois ſahe deſtas veſiculas pelos conductos chamados ejaculatorios, dos quaes as aberturas ſe achão na uretra perto do verumontano, e ſe miſtura com o humor das proſtatas.

(*Seu uſo.*) O uſo do ſemen he de fecundar os ovos das mulheres. He ſó

na

na idade da puberdade, quero dizer dos 13, ou 14 annos que este licor se começa a separar do sangue.

§. XVII. (*O leite.*) O leite he hum licor branco encaminhado para as mammas com o sangue, do qual he separado por meio das glandulas destas partes. Não he propriamente senão hum chylo que tem sido mais triturado, quando tem passado pelo coração, e pelos vasos. (*A correspondencia das mammas com a madre.*) Considerando a correspondencia que ha entre as mammas, e a madre, por meio dos nervos, e dos vasos, he que se póde comprehender porque as mammas separão o leite da massa antes que outra qualquer parte.

Sabe-se que as mammas não crescem senão na idade da puberdade; isto he, aos 14, ou 15 annos, quando as raparigas se põe aptas para casar; que as mammas se entumecem nas vesporas das conjunções, e que ellas se enchem de leite depois do parto.

(*O que determina o leite a encaminhar-se para as mammas.*) Por todo o tempo da prenhez os vasos da madre estão muito dilatados, e deixão passar huma mui grande quantidade de chylo, ou de ma-

te-

teria leitosa que he levado ao feto para sua nutrição pelo cordão umbelical; mas quando sahe o feto da madre, esta se contrahe, e seus vasos que são em grande número, diminuem de diametro.

Assim a ortra ascendente, as arterias que vem das sobclavias, e das axilares donde sahe as das mammas, e as arterias epigastricas que communicão com as mammarias, são mais cheias de sangue, e por consequencia as mammas mais entumescidas depois do parto.

(*Porque as mammas separão o leite.*) A madre não póde ser contrahida sem que o chylo superfluo para a nutrição do feto não fique misturado com o sangue, e não seja levado com elle por meio da circulação para as mammas, onde nós temos dito que o sangue se encaminha em abundancia depois deste contrahimento. E como este chylo está algumas vezes sinco ou seis horas para mudar de natureza, as glandulas das mammas podem por todo este tempo filtrallo. Assim a filtração do leite se faz depois do parto, e no tempo de sinco ou seis horas depois do jantar. Tudo isto faz ver as causas das outras mudanças que acontecem ás mammas, na ida-

idade da puberdade, e proximo ás conjunções.

(*Qualidade do leite.*) O leite para ser bom deve ser muito branco, e de hum cheiro doce, e agradavel, de hum gosto hum pouco assucarado, e de huma consistencia mediocre; de sorte que se lançarem algumas gotas delle sobre a mão, não deve ficar nella demorado, nem correr muito facilmente; porque o leite muito crasso passaria difficilmente no sangue, e o que for muito aquoso não nutriria muito. (*Seu uso.*) O uso do leite he como se sabe de servir de nutrição ao feto depois de ter sahido do ventre de sua mãi.

§. XVIII. (*A synovia.*) As glandulas mucilaginosas das capsulas ligamentosas, e das bainhas dos tendões, filtrão hum licor mucilaginoso que se chama synovia, e do qual (*Seu uso.*) o uso he conservar a brandura das cartilagens, e por consequencia de facilitar o movimento dos tendões, e das articulações.

§. XIX. (*O humor da trachea-arteria, e dos bronchios.*) Os bronchios, e a trachea-arteria estão guarnecidos interiormente, e lubricados por hum licor

cor lymfatico que filtrão as glandulas bronchiaes, e trachiaes.

§. XX (*O humor do pericardio, da pleura, e do peritoneo.*) O pericardio, a pleura, e o peritoneo são humedecidos por hum licor muito claro, do qual o uſo he conſervar ſua flexibilidade, e impedir que eſtas partes ſe eſquentem pelo esfregamento que padecem humas com outras. Deſtas meſmas partes he que ſahe eſte licor.

Com effeito ſe ſe toma huma porção deſtas membranas que ſe eſtendão ſobre o dedo, que ſe apertem depois de haver eſpremido bem, dellas ſe verão ſahir algumas gotas deſte licor. Alguns crem que elle ſahe pelos póros deſtas membranas; mas a opinião commua he que he filtrado por pequenas glandulas.

§. XXI. (*A gordura.*) A gordura he hum humor untuoſo, e ſulfureo, que as arterias ſanguineas depõe no tecido cellular da pelle, e das outras partes, e que as vêas tornão a trazer para a maſſa do ſangue.

(*Seu uſo.*) Seu uſo he de nutrir o animal em certos tempos, e de temperar a acrimonia dos ſaes do ſangue. Ella contribue para a formoſura, enchendo

os

os vacuos que deixão as partes, e fazendo a pelle flexivel, liza, branda, e polida. Humedece, e abranda tambem as partes carnosas, e tendinosas.

§. XXII. (*Fluxo menstrual*) Além de todas as evacuações de que temos fallado, tambem se faz huma de sangue, pelos vasos do fundo da madre, e pelos da vagina. Esta evacuação que he periodica particular ás mulheres, chama-se fluxo menstrual, regras, mezes, &c.

Começa ordinariamente na idade de 14, ou 15 annos, e acaba na de 45, ou 50. Repete periodicamente todos os mezes, e dura 2, 3, 4, 5 dias, mais ou menos.

No tempo da prenhez não ha esta evacuação ordinariamente, e no tempo que crião, ou dão de mammar ás crianças. Com tudo ha algumas que são regradas o primeiro, segundo, e terceiro mez, e tambem até o fim de sua prenhez. Neste caso, que he raro, se faz esta evacuação pelos vasos da vagina.

A quantidade desta evacuação, sua duração, e repetição periodica varíão segundo a constituição da pessoa, sua idade, boa disposição, maneira de vi-

ver, exercicios, e paixões. Esta evacuação he muito util para a saude das mulheres, e além disto não conceberião se não tivessem este fluxo periodico. Com tudo algumas vezes custa muito a vir; e as mulheres que experimentão estas difficuldade são ordinariamente enfermas, em quanto lhe não he restabelecida.

O tempo em que se acaba esta evacuação he perigoso, e requer certas precauções da parte das mulheres que estão neste caso; porque neste tempo he que ellas estão mais sujeitas a fluxos albos, molas, cirros, cancros, e ulceras da madre. A abundancia desta evacuação enfraquece, debilita, e causa abortos, ou falsos partos; sua diminuição, e suppressão causão as mesmas enfermidades que sua total suppressão occasiona, e huma infinidade de outras.

(*Sua causa.*) Sua causa he a quantidade do sangue contido nos vasos principalmente nos da madre. Os Antigos imaginavão que procedia de fermento contido nos vasos da madre. Alguns a tem attribuido a influxo da Lua, &c. O sangrar as mulheres no braço, no tempo desta evacuação periodica he nocivo.

Ain-

Ainda que os vaſos do fundo da madre ſejão a via natural por onde as regras ſe evacuão, com tudo algumas vezes ſe tem viſto mulheres que as tem evacuado por outras partes, como pelas papilas dos peitos, pelo nariz, ouvidos, olhos, expetioração, feridas feitas em algumas partes do corpo, &c.

SECÇÃO III.

Das funções.

TOdas as funções do corpo humano dependem da eſtructura das partes, e do curſo dos eſpiritos animaes encaminhados do cerebro para todas as partes do corpo, e tornado a levar de todas as partes do corpo para o cerebro ſegundo o movimento que lhe foi imprimido pela alma, ou pelos objectos exteriores. Aſſim pode-ſe conſiderar o cerebro como o ſitio donde a alma percebe os objectos, delles faz a comparação, e como o principio de todas as noſſas funções.

Deſte ſitio a alma recebe do corpo certas impreſsões, e lhe faz reciprocamente executar certos movimentos. Mas

de que modo estas duas substancias podem obrar huma sobre a outra? Qual he o lugar do cerebro donde a alma exerce seu imperio? Estas são humas questões mui difficultosas a resolver, e inuteis a nosso objecto.

Costumão-se dividir as funções em tres especies; a saber, em vitaes, naturaes, e animaes. (*As funções vitaes.*) As vitaes são aquellas de que a vida do homem depende a cada momento, tal como he a circulação do sangue.

(*As naturaes.*) As funções naturaes são aquellas que são necessarias para a conservação da vida. Tal como he a digestão. (*As animaes.*) As funções animaes são os movimentos, e o que ha de corporal nas sensações, imaginação, e memoria. Estas funções são algumas vezes voluntarias, e outras involuntarias. Vamos a examinar cada huma destas especies de funções em particular; e depois fallaremos dos temperamentos.

CAPITULO I.

Das funções vitaes.

AS funções vitaes são a circulação do ſangue, a acção do cerebro, e a reſpiração.

§. I. (*A circulação.*) A circulação do ſangue he hum movimento pelo qual he levado do coração para todas as partes do corpo, e tornado a trazer de todas as partes do corpo para o coração. (*O que a produz.*) Eſte movimento cauſado principalmente pela dilatação, e contracção deſte orgão, he o principio de que depende a vida do corpo. Quando elle ceſſa em huma parte, eſta parte morre, quando diminue em todo o corpo, ou em huma parte delle, as operações do eſpirito, e do corpo ſe enfraquecem em todo o corpo, ou neſta parte; quando ceſſa em todo o corpo a vida ſe extingue, e o corpo ſe corrompe.

(*Por que mecaniſmo ſe faz a circulação.*) Para comprehender o mecaniſmo deſte movimento admiravel, he preciſo recordar-nos do que temos dito da eſtructura do coração, e das arterias, e ſaber que cada

da inſtante da vida, o coração, e as arterias ſe contrahem, e ſe dilatão alternativa, e ſucceſſivamente.

Quando o coração eſtá em contracção, os lados de ſeus ventriculos ſe lhe approximão, e comprimem o ſangue, e o impellem para a baſe do coração. O ſangue aſſim forçado a ſahir bate contra as valvulas triglochinas, aparta as ſemilunares, e toma ſeu curſo por dous lugares differentes. Huma parte entra na arteria pulmonar, que então eſtá dilatada em ſeus differentes ramos, e em fim nas arterias capillares, das quaes paſſa para as vêas capillares pulmonares. Porque a extremidade das arterias ſe une á das vêas, ou as vêas não são talvez ſenão a continuação das arterias, e com ellas não fórmão ſenão hum meſmo canal. A outra parte do ſangue toma ſeu curſo pela aorta então em dilatação, o continúa em todas as ſuas differentes diviſões até ás ſuas extremidades capillares, das quaes elle paſſa igualmente para as extremidades das vêas que ahi ſe unem. Todas as arterias por ſua contracção o fazem paſſar para as capillares, e dalli para as vêas que o levão ao coração: as vêas do pulmão

que

que ſe unem em hum tronco que ſe chama vêa pulmonar, o introduzem na orelha eſquerda. Aquellas que eſtão diſtribuidas em todo o corpo, e as quaes ſe reunem tambem em hum ſó tronço que ſe chama vêa cava, o tornão a trazer para a orelha direita.

Huma, e outra deſtas orelhas em ſe contrahindo, empurrão o ſangue para os ventriculos, dos quaes a contracção pára por hum momento pelo relaxamento das fibras carnoſas. Depois ſe dilatão para o receber de novo, no meſmo tempo que o coração ſe contrahe para lançar fóra o que tem recebido. Aſſim quando as orelhas eſtão em contracção, os ventriculos ſe dilatão; e quando as orelhas ſe dilatão, os ventriculos eſtão em contracção.

(*O que contribue para a circulação.*) A acção do ar principalmente nas veſiculas do pulmão, o reſorte das arterias, que he o que ſe chama pulſo, o das vêas, ainda que menos conſideravel que o das arterias, e outras muitas cauſas, por exemplo, a acção dos muſculos, e as valvulas que ſe achão nas vêas, contribuem para eſte movimento progreſſivo do ſangue, do qual a contrac-

ção

ção do coração he a primeira caufa. A dilatação mefma do coração lhe contribue, facilitando a entrada do fangue nos ventriculos defte mufculo.

(*A caufa da contracção, e do relaxamento.*) A contracção do coração chamada fyftole, he caufada pelos efpiritos animaes que fe encaminhão para as fibras carnofas. Seu relaxamento, ou dilatação chamada diaftole, parece vir da comprehensão dos nervos cardiacos pelas orelhas cheias de fangue. Porque os efpiritos que fe encaminhão ao coração são então interceptados, e o coração cahe em huma efpecie de paralyfia momentanea, que ceffa quando as orelhas em contracção tem feito entrar nos ventriculos o fangue de que eftavão cheias; as orelhas eftando vafias não comprimem mais os nervos cardiacos, e os efpiritos animaes tornão a adquirir feu curfo.

(*Circulação particular.*) Huma circulação particular dos vafos do eftomago, do baço, dos inteftinos, e do epiplon fe faz no figado. O fangue levado para eftas partes he tornado a levar para efta ultima vifcera, pelos ramos que fórmão hum tronco chamado vêa porta ventral. Efte tron-

co o lança na vêa porta hepatica, que por ſuas ramificações o diſtribue ao figado donde he tornado a levar, da meſma ſorte que o ſangue arterial que elle recebe para ſua nutrição por outros ramos que o lanção na vêa cava aſcendente.

(*Prova da circulação do ſangue.*) Hum grande número de experiencias provão a circulação do ſangue, que os Antigos ignorárão. A inſpecção do coração de hum cão vivo, a do meſanterio das rrãs, onde ſe vê ao travez de ſuas membranas por meio de hum microſcopio o movimento deſte licor; as ligaduras, e aberturas feitas aos vaſos, e as injecções deſvanecem toda a dúvida que della ſe podia ter.

(*Sua utilidade.*) A circulação conſerva o calor de todo o corpo, e a fluidez do ſangue. Ella diſtribue por toda a parte os ſuccos nutritivos; impelle a materia das ſecreções, conſerva todos os noſſos orgãos, trabalha, e quebra todos os novos ſuccos que ſão levados para os noſſos vaſos, e os muda em ſangue. Por ſeu meio he que ſe podem explicar as cauſas da vida, e da ſaude, da morte, e das enfermidades; e dá razão

de huma infinidade de fenomenos. Com effeito depois de ſeu deſcobrimento a cauſa de muitas enfermidades são mais bem conhecidas.

(*Sua preſteza.*) Nada ſe póde determinar a reſpeito da preſteza da circulação do ſangue. Ella varêa ſegundo a differença dos temperamentos dos ſujeitos, os alimentos que tomão, os exercicios que fazem, e o ar que reſpirão. O trabalho, a reſpiração apreſſada, as bebidas eſpirituoſas, os aromaticos, e geralmente tudo o que produz huma abundante quantidade de eſpiritos nas fibras do coração a augmentão; ao meſmo tempo que todas as cauſas contrarias a diminuem.

(*O pulſo*) Por meio do pulſo he que ſe reconhecem as variedades que acontecem no movimento do ſangue. Porque o pulſo não he outra couſa mais que a impulsão das partes viſinhas do coração, e das arterias cauſada pela dilatação do coração, e deſtes vaſos. Eſte deſcobrimento tão util á Medicina, e por conſequencia tão importante ſe deve a Harveo, ſegundo a opinião commua.

§. II. (*A acção do cerebro, e o movimento dos eſpiritos animaes.*) A ac-

ção

ção do cerebro he ſeparar do ſangue hum fluido muito ſubtil chamado eſpito animal, que os nervos diſtribuem em todo o corpo, e do qual o movimento he tão rápido, que eſte fluido paſſa do cerebro até ás extremidades do corpo tão promptamente como a vontade o requer, e torna com a meſma promptidão para o cerebro, quando algumas das partes do corpo recebeo qualquer impreſsão da parte dos córpos externos. O cerebro he pois o lugar onde ſe conſerva eſte licor, pelo qual a alma percebe os objectos, e exercita todas as acções corporaes.

(*O que ſente.*) Por cuja razão não são os orgãos corporaes os que ſentem; a alma he que ſente, e que percebe. Tambem a alma he que envia pelos nervos aos orgãos a quantidade de eſpiritos neceſſarios para ſeus movimentos.

(*Donde vem os nervos.*) Todos os nervos ſahem do cerebro, do cerebelo, e da eſpinhal medulla como temos dito. Aquelles que vem do cerebro, e da eſpinhal medulla ſervem para os movimentos voluntarios. (*Os nervos que ſervem para os movimentos voluntarios,*

rios, e os que servem para os involuntarios.) Os que vem do cerebro são destinados unicamente para as acções vitaes, e naturaes; o que se prova por huma experiencia. (*Prova.*) Se se comprime o cerebro de hum animal vivo, ou que se corta até á substancia medullar, os musculos que servem de orgãos ás acções voluntarias não fazem mais suas funções, mas a respiração, e o movimento do coração subsistem. Se se faz a mesma experiencia ao cerebelo, a respiração, e o movimento do coração cessão, e o animal morre. Daqui vem que as feridas de cerebelo são sempre mortaes, e algumas vezes se curão as do cerebro.

§. III. (*A respiração.*) A respiração he huma acção por meio da qual o ar entra no peito, e sahe. A respiração he composta de dous movimentos; hum chama-se inspiração, e outro expiração. A inspiração he aquelle movimento pelo qual o ar entra no peito. A expiração pelo contrario he aquelle pelo qual o ar sahe delle.

(*Como esta acção se exercita.*) As costellas estão articuladas com o esternon, e com as vertebras, de tal sorte

que ſe elevão quando os muſculos entrecoſtàes ſe põe em contracção, e que o diafragma ſe aplaina, ou abate para o baixo ventre. Eſta elevação das coſtellas, e abatimento do diafragma, augmentando a ſuperfice exterior do peito, comprime o ar de que eſtá cercado, e o obriga a paſſar para o meſmo peito, por achar menos reſiſtencia deſte lado, porque a capacidade do peito he augmentada no meſmo tempo que ſua ſuperfice exterior.

A trachea-arteria he o canal por onde o ar paſſa para o peito. Depois de haver paſſado o ar por eſte canal, inſinua-ſe em todas as ramificações dos bronchios até as veſiculas. Logo que o ar entra, os muſculos entrecoſtaes ſe relaxão; o diafragma remonta do lado do peito, as coſtellas, e o eſternon tornão adquirir ſua ſituação natural pela força elaſtica das cartilagens, a capacidade do peito, e a ſuperfice exterior diminuem; o que obriga a ſahir o ar das veſiculas, e dos bronchios dos pulmões pelo meſmo caminho por onde nelles entrou. Eſtas duas acções de dilatação, e contracção, entretem, e accelerão a paſſagem do ſangue pelos pulmões.

Co-

Como o ar he o que procura esta acção, he muito importante que seja sádio, e que possa entrar, e sahir livremente. Tambem a malignidade das exhalações, e a espessura dos vapores de que póde ser carregado, e diminuição da capacidade do peito, e a compressão da trachea-arteria são outros tantos obstaculos para a respiração, que tambem podem causar a suffocação quando são levados a hum certo gráo. Os Fysicos não são concordes sobre os effeitos da respiração.

Alguns querem que o ar se insinue nos vasos do pulmão para dar ao sangue mais fluidez, e movimento. Outros julgão que neste licor vão corpusculos nitrosos muito subtís que lhe dão a côr vermelha. Em fim ha outros que pensão que o ar serve para condensar o sangue que tem sido esquentado pela circulação.

(*Sentimento mais recebido.*) He certo que o sangue impellido pela arteria pulmonar para todas as pequenas ramificações que rodeão as vesiculas dos pulmões, ahi he triturado, quebrado, e pisado, quando o ar entra nas vesiculas, e que este licor ahi se despoja de

hu-

huma sorosidade que serve para a transpiração pulmonar que se chama halito.

O abatimento do diafragma no tempo da respiração ajuda a sahida dos excrementos, facilita a do feto, procura a entrada do chylo nas vêas lacteas, &c.

(*Sua necessidade.*) A respiração he de huma tão grande necessidade, que se ella he interrompida por algum tempo consideravel, se acaba a vida. Por seu meio he que o sangue passa, ou circula do ventriculo direito para o esquerdo, e que entra nos vasos abatidos, e rugosos, que rodeão as vesiculas do pulmão. Esta circulação não se faz com tudo no feto porque elle não respira em quanto está no ventre de sua mãi.

(*Outras acções que dependem da respiração.*) Póde-se ajuntar aqui que o fallar, rir, tussir, espirrar, bocejar, e acção de chupar dependem tambem da respiração. A voz, e a falla não são outra cousa mais que as differentes modificações que o larynx, e a boca dão ao ar quando sahe dos pulmões, &c.

CA-

CAPITULO II.

Das funções naturaes.

AS funções naturaes são a digestão, nutrição, crescimento, ejecção dos excrementos, e a filtração, ao que se póde ajuntar a geração, que conserva de alguma sorte o homem porque lhe perpetúa sua especie.

§. I. (*A digestão.*) A digestão he a mudança dos alimentos em chylo. Ella depende das preparações que elles recebem na boca, no estomago, e nos intestinos. (*Donde ella depende.*) Esta preparação consiste na sua divisão, atenuação, e alteração causadas pela mistura de differentes licores. (*A mastigação.*) Os alimentos conduzidos á boca, nella são cortados, e pizados entre os dentes pela acção do queixo inferior que comprime o superior; ahi são penetrados pela saliva, e reduzidos a huma especie de massa. Isto he o que se chama mastigação. A lingua os impelle para o farynx, e impede que entrem na trachia-arteria, porque abaixa o epiglote, sobre o glote, curvando-se. A contracção dos

dos musculos do farynx, e a das fibras carnosas do esofago fazem descer os alimentos para o estomago, o que se facilita pelo pezo dos alimentos, e por hum licor que lubrica o interior do esofago. (*A deglutição.*) A passagem dos alimentos pelo farynx, e pelo esofago chama-se deglutição.

(*A digestão propriamente dita.*) Os alimentos demorão-se algum tempo no estomago para nelle receberem huma segunda preparação, que se chama propriamente digestão, e a qual se executa por dous meios: 1.° Pela mistura intima dos licores capazes de disolver as partes salinas, mucilaginosas, gommosas, e adiposas de que os alimentos são compostos: 2.° Por hum movimento bastante para misturar exactamente estas differentes materias entre si, para dividir as partes de nossos alimentos que o não tem sido na mastigação, e para delles exprimir o succo. (*O que os alimentos soffrem no estomago.*) Tambem depois de haverem sido humedecidos imperfeitamente da boca pela saliva, e divididos grossamente pelos dentes, são penetrados no estomago pelo succo estomacal, e pela saliva, e são esmiuça-

dos, e triturados exactamente pelo resorte do ar que elles contém, pelo movimento do diafragma, e pelo calor natural das partes.

(*A mistura dos alimentos com o succo pancreatico, e a bile.*) Esta divisão, e esta mistura dos alimentos com os licores proprios para os dissolver, delles fazem huma especie de massinha de côr parda, e de hum cheiro acre, e os põe em estado de passar pelo pyloro para o primeiro dos intestinos chamado duodeno, onde se mistura com a bile, e com o succo pancreatico. Este intestino pela sua curvadura, e situação faz as vezes de hum segundo ventriculo. Os alimentos demorão-se hum pouco neste intestino.

(*A acção dos intestinos.*) Razão porque a bile acaba de dissolver as materias grossas de que estão cheios, e que o succo pancreatico os dilue, e attenua, ou os desfaz mais. Em fim estes dous licores lhe dão mais brandura, fluidez, e brancura. Passão depois para os intestinos delgados nos quaes se misturão com o succo intestinal, e são ainda divididos, e batidos pelo movimento peristaltico destes intestinos, e pela acção alternativa dos musculos do baixo ventre,

e

e do diafragma. A fluidez que elles adquirem nos inteſtinos pela miſtura do ſucco inteſtinal, a demora do ſeu curſo por meio das valvulas conniventes, e acção dos muſculos, e dos meſmos inteſtinos; delles exprimem a parte a mais branda, a mais fluida, e a mais branca que ſe chama chylo, e a obrigão a paſſar pelas vêas lacteas chamadas primeiras, as quaes tem hum grande número de orificios na membrana velludoſa dos inteſtinos delgados, e algumas no principio dos inteſtinos groſſos.

Eſtas vêas levão o chylo para as glandulas do meſenterio, nas quaes recebe huma preparação, e donde he levado para o recetaculo do Pequete por outras vêas lacteas mais groſſas chamadas ſecundarias. Dalli paſſa para o canal thoraquico, que o conduz para a vêa ſubclavia eſquerda, onde elle ſe miſtura a primeira vez com o ſangue. Sua fluidez augmentada por meio da miſtura de huma lymfa que fornecem os vaſos viſinhos, e ajudada pela acção das arterias, e das partes viſinhas a faz ſubir facilmente contra ſeu proprio pezo para eſte canal, o qual tem pouca elaſticidade.

§. II. (*A nutrição.*) A nutrição he huma reparação da perda contínua que padecem as differentes ſubſtancias de noſſo corpo. O movimento das partes de noſſo corpo, a esfregação deſtas partes entre ſi, e ſobre tudo a acção do ar, pouco a pouco deſtruirião totalmente o corpo ſe as perdas que elle experimenta não foſſem reparadas por partes da meſma natureza, que aquellas que delle ſe ſeparão.

O chylo he que repara a perda dos fluidos, e a lymfa he que repara os ſólidos. Eſta ultima reparação ſe executa nos mais pequenos vaſos. O calor natural faz exhalar a mais fluida porção deſte licor; e a acção do coração, das arterias, e das partes levão a porção mais ſólida para os pequenos vacuos formados pela ſeparação das partes que eſtão deſpegadas. Aſſim he que o movimento que naturalmente nos havia deſtruir he a cauſa de noſſa conſervação.

§. III. (*O creſcimento.*) Na gente moça os ſuccos nutricios não ſómente reparão as partes das perdas que elles fazem, mas tambem os augmentão; iſto he o que ſe chama creſcimento, que he hum alongamento das fibras por meio

dos

dos ſuccos nutricios. (*A gordura, ou boa diſpoſição.*) He preciſo não o confundir com a gordura, porque a gordura não conſiſte ſenão na abundancia dos licores.

§. IV. (*A ejecção dos excrementos.*) A ejecção dos excrementos he a ſahida das materias fecaes, das ourinas, e dos eſcarros. As materias fecaes são as partes fibroſas dos alimentos miſturadas com a bile, ſaliva, e licores de differentes partes pelas quaes tem paſſado. E para melhor dizer, he o reſiduo dos alimentos que não podendo ſervir para a nutrição, paſſa para os inteſtinos groſſos. (*A das materias fecaes.*) Eſte reſiduo he lançado fóra por meio da acção dos muſculos do baixo ventre, pelo abatimento do diafragma, e pelo movimento periſtaltico dos inteſtinos a paſſar da oppoſição do esfincter do anus.

(*A da ourina.*) A ourina he hum excremento do qual o ſangue ſe depura pelos rins como temos dito. Eſte excremento paſſa dos rins para as ureteras, e deſtas para a bexiga da qual depois de ſe haver demorado algum tempo, irrita pelos ſeus ſaes os lados deſta parte; o que junto com a diſtensão

deſtes

destes mesmos lados, e com o pezo deste licor, provoca a vontade de ourinar. A acção das fibras da bexiga, e dos musculos do baixo ventre, e o abatimento do diafragma, que comprime a bexiga fazem vencer a ourina o obstaculo que o esfincter da bexiga oppõe á sua sahida, e a obrigão a passar pelo canal da uretra.

(*A dos escarros.*) Os escarros são huma mistura de saliva, do monco do nariz, e de hum humor filtrado pelas glandulas bronchiaes, pelas da trachea-arteria, e pela do esofago. Sua abundancia obriga a expulsar della o superfluo.

§. V. (*A filtração.*) A filtração, ou secreção he a separação de algum licor misturado com o sangue. Para não parecermos extensos nesta obra não entraremos na disputa de differentes opiniões dos Fysicos sobre a maneira com que ella se faz. Exporemos sómente o sentimento daquelles que lhe attribuem a sua causa á analogia dos licores, porque he a mais commua, e parece a mais provavel. Para comprehender he preciso saber primeiro: Que todos os liquidos circulão com o sangue antes que cheguem

guem ás glandulas: 2.° Que as glandulas conglomeradas, orgãos que separão quasi todos os líquidos, são compostas de vasos sanguineos, e de lymfaticos, de nervos, e de huma infinidade de pequenos vasos secretorios, e excretorios: 3.° Que os vasos secretorios sahem dos vasos lymfaticos: 4.° Que estes vasos estão guarnecidos interiormente de huma especie de pennugem velludósa, chamada pelos Latinos *Tomentum*: 5.° Em fim que esta pennugem he empregada, e embebida desde sua primeira conformação de hum humor da mesma natureza que aquelle que deve ser separado pela glandula. Isto suposto huma experiencia facil basta para fazer entender o sentimento que se propõe. Se se embebe do oleo huma tira de panno, e se se mette depois huma ponta delle em hum vaso cheio de agua, e de oleo, de sorte que a outra ponta fique pendente fóra do vaso, para delle fazer extrahir o licor que elle contém; separará exactamente o oleo da agua, porque todo o oleo correrá pela tira, e a agua ficará no vaso. A razão desta experiencia he que os licores da mesma natureza se insinuão facilmente, e os de

dif-

differente natureza ſe miſturão difficilmente. A pennugem, ou eſpecie de velludo de huma glandula faz neſta glandula o que a tira do panno faz no vaſo, e ſepara da lymfa o licor que he da meſma natureza que aquelle de que he embebido; e como eſtá pennugem enche hum vaſo ſecretorio que vem de hum vaſo lymfatico, não he de admirar que não paſſe por eſte vaſo ſecretorio ſenão o licor que a pennugem ſepara.

§. VI. (*A geração.*) A geração he hum myſterio tão impenetravel como admiravel. (*Tres eſpecies de geração, ſegundo os Antigos.*) Os Antigos crêrão que havia tres eſpecies de geração, o que lhes fez dividir os animaes em tres claſſes; a ſaber: em putriparos; iſto he, formados de podridão; em viviparos, quero dizer, formados ſómente da miſtura do ſemen dos dous ſéxos, e em oviparos; iſto he, formados de hum ovo.

(*Sentimentos dos modernos.*) Os Modernos concordão todos que a podridão não póde formar o animal; mas que póde ſómente fazer ſahir os ovos de certos inſectos. Todos reconhecem que não ha animal algum que não venha de hum ovo; mas que ha certos ani-

animaes que ſe podem chamar viviparos, porque ſahem vivos do ventre de ſua mãi, e outros que ſe podem chamar oviparos porque eſtão, ainda encerrados em o ovo quando a femea os produz. (*Elles diſputão ſobre duas queſtões.*) Não diſputão entre ſi ſenão ſobre duas queſtões. A primeira, he ſe o animal eſtá contido na ſemente, ou ſe já eſtá encerrado, ou delineado no ovo antes do acceſſo do macho, e da femea: a ſegunda queſtão he que caminho leve o ſemen para chegar ao ovo.

(*Primeira queſtão.*) Em quanto á primeira queſtão huns conjecturão que cada ovo contém primeiramente o animal que deve ſahir delle, e que o ſemen não ſerve mais que de vivificallo. Outros conſiderão os ovos ſómente como ninhos deſtinados para receber o animal, que para elle deve ſer levado pelo ſemen.

(*Segunda queſtão.*) Em quanto á ſegunda queſtão, huns ſuſtentão que o ſemen recebido pela femea ſe miſtura com o ſangue, e chega ao ovo ſómente pela via da circulação; outros affirmão que o dito ſemen paſſa da madre para huma das duas tubas, ou para ambas

jun-

juntamente, e dahi para os ovarios. (*No que todos assentão.*) Todos assentão em que desde que o semen chegou aos ovarios, as tubas se contrahem, e que suas partes superiores se applicão aos ovarios, e que os abração para receber o ovo vivificado pelo semen, ou no qual o animal já tem entrado; e tambem concordão que o ovo se incha, e se despega do ovario, e desce por huma das tubas para a madre.

Este parecer confirma-se pela observação. Tem-se encontrado fétos no ovario, outros em huma tuba, ou ainda no ventre.

(*O féto.*) Quando o ovo fecundado está na madre, augmenta ahi o seu volume, e une-se a esta viscera, suas partes pequenas se desenvolvem, e se fórma com suas dependencias. 1.° As dependencias do féto são as membranas que o encerrão, as aguas que o circundão, a placenta, e o cordão.

(*As membranas.*) Duas membranas unidas entre si encerrão o féto; a saber, o corion, e o amnius. (*O corion.*) O corion he mais exterior, e espesso; toca a parte concava da madre, que está

está adherente assim como tambem na extensão da convexidade da placenta, que alguns pertendem que o cubra.

(*O amnios.*) O amnios he interior, e muito delicado, encerra o féto, o cordão, e as aguas. (*A membrana media.*) Alguns Anatomicos admittem entre estas duas membranas huma terceira muito fina que chamão media; conforme elles fornece huma como bainha a todas as pequenas ramificações dos vasos (*Seu uso.*) da planceta, os quaes deixa nas suas extremidades para formar a membrana reticular que de novo cobre a superfice convexa da placenta.

(*As aguas.*) As aguas encerradas no amnios são claras, transparentes, viscosas, e semelhantes conforme alguns querem á ourina. (*Donde venhão.*) Ellas transudão dos póros da membrana pelas extremidades das arterias umbilicaes das quaes está semeada.

(*De que servem.*) Seu uso consiste em entreter a brandura das partes do féto, em defendello da compressão exterior, de lhe facilitar seus movimentos, e sua sahida; impedir se una ao amnios; e que seu pezo se não faça mui sensivel, tanto quando está quedo, como quando faz

faz algum movimento. Servem tambem estas aguas, confórme o parecer de alguns, de sustento para a criança, penetrando até o estomago.

(*A placenta, ou secundinas.*) A placenta, ou secundinas são hum corpo orbicular, e espongioso unido pela sua parte convexa no fundo da madre, e formado pelas infinitas rimificações dos vasos umbilicaes. Este corpo he hum só quando existe só hum féto na madre, mas encontrão-se dous, ou tres juntos na mesma madre, quando nella se achão duas, ou tres crianças. Duas membranas a circundão, huma exterior muito fina, e reticular, que envolve sua parte convexa, e outra interior que cobre sua parte concava.

(*O cordão umbilical.*) O cordão umbilical he hum laço que representa huma columna torcida quasi da extensão de dous pés, e que parte da placenta para o féto. (*De que se fórma.*) He formado por huma vêa, e duas arterias, e cercado de hum corpo espongioso, e coberto pelo amnios.

(*Seu uso.*) Seu uso he de levar o sangue, e a materia de nutrição da placenta até a criança, e tornar a trazer o sangue

gue da criança para a mãi; e finalmente para se extrahir a placenta depois do parto. He necessaria a sua longitude para permittir á criança a fazer seus movimentos.

O diametro da vêa que entra na sua composição he duas vezes maior que o das duas arterias que a acompanhão. Esse vaso procede das ramificações das pequenas vêas da placenta; as arterias nascem das arterias iliacas internas, e conduzem o sangue até a placenta. As ramificações das vêas, e das arterias se terminão na sua superfice convexa.

(*Donde o féto recebe sua nutrição.*) No tempo que o féto existe na madre recebe a nutrição pela placenta, e em parte pela boca. (*Como a recebe pela placenta.*) Alguns comparão a membrana que circunda a convexidade da placenta á membrana interna dos intestinos.

Ella está conforme elles dizem semeada de huma infinidade de pequenos orificios dos vasos umbilicaes que servem como as vêas lacteas para tirarem o succo nutricio, ou lacteo que os vasos da madre depõe em suas pequenas cel-

lulas

lulas. Eis-aqui toda a communicação que elles admittem entre a mãi, e a criança. Porque elles accrefcentão que o fangue levado ao féto pela vêa umbilical he tornado a levar á placenta pelas arterias umbilicaes, com a materia leitofa. Affim a placenta faz as funções do pulmão.

(*Sentimento não conteftado, e demonftrado.*) Outros demoftrão que o fangue circula da mãi para a criança; e defta para a mãi, e que por efte meio he que a criança recebe a fua nutrição. Os accidentes que algumas vezes fobrevem á mãi no tempo da fua prenhez, como as percas de fangue, bem confirmão efta opinião.

(*Circulação da mãi para a criança, e defta para a mãi.*) As arterias da mãi depõe nas pequenas cellulas da placenta, o fangue que fe aperfeiçoa, e que fe vem a fazer mais delgado na madre. As ramificações da vêa umbilical que correfpondem a eftas cellulas, recebem efte fangue, e o levão ao féto. O fuperfluo do fangue torna a paffar do féto para a mãi, pelas arterias umbilicaes, das quaes as ramificações a depõe nos póros da madre onde as vêas uterinas o tornão a receber para o mif-

turar com o ſangue da mãi. Eſta diſpoſição dos vaſos da madre, e da placenta parece deſtruir a opinião daquelles que attribuem á imaginação da mãi, os ſinaes que as crianças trazem quando naſcem.

(*Se o féto ſe nutre tambem pela boca.*) A nutrição do féto, ſegundo a opinião commua, não lhe vem ſómente da mãi por meio da placenta. O licor contido em o amnios concorre tambem para eſte fim, entrando-lhe pela boca, quando os orgãos da digeſtão eſtão baſtantemente formados.

A conformidade deſte licor com o que ſe acha no eſtomago da criança antes de naſcida; as crianças naſcidas vivas ſem cordão umbilical, como referem muitos obſervadores, e o licor que ſe acha gelado no eſtomago, eſofago, e boca do féto de huma vacca, e com o qual o do amnios eſtá contido, tudo iſto prova eſta opinião, que muitos Authores conteſtão oppondo-ſe com tudo, humas obſervações a outras. Se ſe tem achado fétos ſem cordão umbilical, dizem elles que ſe tem viſto fétos humanos, e de animaes ſem boca nem nariz. Elles pertendem mais que o licor

do

do amnios não he proprio para nutrir o féto, que não respirando não póde engulir este licor. Mas a observação do féto achado sem cordão, prova mui claramente que se não nutrem senão pela boca, e que por consequencia he possivel que aquelles que estão bem conformados a recebão por esta via.

(*Differença do féto com o corpo formado.*) O féto tem particularidades que o distinguem de hum corpo formado. Eis-aqui as principaes. (*Os ossos do féto.*) Os ossos do féto passão por differentes gráos de consistencia; primeiro são membranas, depois cartilagens, e finalmente ossos. No termo de nove mezes quasi todos os ossos do féto excepto aquelles que fórmão os orgãos dos sentidos, são ainda compostos de peças osseas unidos pelas cartilagens flexiveis, ou por membranas; e se achão tambem alguns que não são ainda se não cartilagens.

Todos os ossos do craneo, por exemplo, são unidos por meio de membranas; e se observa sobre a cabeça hum grande espaço que dellas he formado que se chama a fonte, e vulgarmente moleira da cabeça. Esta disposição dos ossos

oſſos do craneo facilita muito o parto. O thymus, e os rins ſuccenturiaes tem hũ volume mais conſideravel que nos adultos.

(*O meconio*) Os inteſtinos groſſos contém huma materia negra que ſe chama meconio. Eſta materia he formada pela bile da criança, e pelos humores que as glandulas inteſtinaes filtrão.

(*O féto não reſpira no ventre da mãi.*) O féto não reſpira no ventre da mãi, porque as membranas de que eſtá envolto lhe impedem a penetração do ar. (*Como he o pulmão do féto.*) Seu pulmão eſtá abatido, compacto, e trigueiro; ſe ſe lança hum pedaço do pulmão em agua, vai ao fundo; mas depois que o féto naſce, e reſpira, ao menos quando não ſahe muito fraco, ſeu pulmão he então mais leve; e ſe ſe lança hum pedaço delle em agua, fica nadando ſobre ella.

(*Experiencia para ſaber ſe a criança tem reſpirado.*) Eſta experiencia não he huma prova infallivel que a criança tenha naſcido morta, ou viva; o que he mui neceſſario ſaber algumas vezes. (*Não he infallivel.*) Quando a criança vem viva ao Mundo; encerrada em ſuas membranas, ſem que as aguas contidas

nellas se tenhão evacuado, ou quando vem viva ao Mundo, mas muito fraca para ser agitada pelo ar; se ella morre pouco tempo depois, hum pedaço do seu pulmão lançado em agua hirá ao fundo, não obstante ter nascido viva. Pelo contrario se huma criança morre no ventre de sua mãi, mas algum tempo depois que as membranas se rompem, e que as aguas se evacuão, ou se ella morre logo, mas que apodrece antes de se tirar do corpo da mãi; ou se se lhe assopra na boca depois de a haver tirado, hum pedaço de seu pulmão lançado na agua não se hirá ao fundo.

(*Circulação do sangue no féto.*) No tempo que huma criança está involta em suas membranas, nella se faz huma circulação differente daquella que se faz nos adultos. O sangue que lhe he ministrado pela vêa umbilical em os seios da vêa porta, passa em parte pelo canal venoso para a vêa cava. Esta vêa tendo levado o sangue para a orelha direita, huma parte passa pelo orificio oval, ou de botal para a orelha esquerda, e a outra parte cahe no ventriculo direito que o impelle para a arteria pulmonar. A mais pequena parte deste

deſte ſangue paſſa para os vaſos do pulmão, e torna para a orelha eſquerda pela vêa pulmonar, ao meſmo tempo que a maior parte não podendo paſſar pelo pulmão, porque lhe não entra ar algum para lhe deſcobrir os pequenos vaſos, he levado para a arteria aorta por meio do canal arterial. Duas arterias que ſahem das iliacas internas tornão a levar á planceta, e dalli para a mãi o ſuperfluo do ſangue que a criança não póde conſumir.

(*Tempo que o Infante eſtá na madre.*) O tempo que o Infante ſe conſerva na madre he ordinariamente nove mezes, ao menos quando por alguma cauſa ſe lhe não precipita a ſahida mais cedo. (*Movimentos que faz aos nove mezes.*) Quando ſe vai completando eſte tempo, a cabeça pelo ſeu pezo ſe inclina para o colo da madre, ficando a face voltada para o lado do oſſo ſacro.

(*O que contribue para a ſua ſahida.*) Quando o Infante eſtá chegado ao termo dos nove mezes, não recebe quaſi nutrição alguma, e ſeu meconio accumulado em ſeus inteſtinos o eſtimúla, e o incommoda pelo ſeu pezo, que o

obriga a fazer grandes movimentos que determinão a madre, e o musculo uterino a pôrem-se em contracção. Esta contracção, a dos musculos do baixo ventre, e do diafragma, o mesmo pezo da cabeça para baixo, obrigão logo as membranas cheias de huma pouca de agua a dilatar o orificio da madre, e a manifestar-se. A cabeça encalhada depois neste orificio que ella dilata pouco a pouco; algumas vezes a cartilagem da symfise dos ossos pubis se apartão. Em fim o Infante sahe inteiramente, penetrando as membranas, ou algum tempo depois de as haver rompido, e suas dependencias o seguem.

(*Estado da madre antes, e depois do parto.*) A madre da qual os lados se tem adelgaçado á proporção de sua dilatação, se contrahe, e ingrossa, e torna a adquirir o seu estado natural ao mesmo tempo que as aguas se evacuão, e que o Infante della sahe. Toda esta acção que se chama parto, he como se vê hum effeito só da natureza. (*Em que casos a arte ajuda a natureza.*) A arte ajuda com tudo a natureza quando o parto he difficultoso, ou quando a criança se presenta de outra qualquer

ma-

maneira que não seja pela cabeça; ou pelos pés; ao que se chama parto não natural, ou laborioso. Esta materia compete particularmente á Pathologia.

(*Parto antes de tempo.*) O parto he algumas vezes antes de tempo; isto he, aos sete mezes, aos oito, ou oito e meio. Mas quanto mais perto está a criança do termo de nove mezes, mais força tem, e mais esperanças póde haver de que ella viva.

(*O que o causa*) Por tanto a nutrição do féto vem do sangue da mãi, deposto nas cellulas da madre; e a contracção desta he que contribue muito para a sua sahida: huma mui grande abundancia de sangue na madre, a falta de extensão deste orgão, e tudo o que he capaz de fazer-lhe contrahir as fibras, póde occasionar hum parto antes de tempo, ou hum móvito, o qual se chama aborto.

(*Accidente que o precede.*) Hum fluxo de sangue mais ou menos consideravel, precede, e annuncia ordinariamente este accidente. Elle procede do despegamento total, ou em parte da planceta. Tem-se visto com tudo ainda que raramente estas hemorragias sobrevirem subitamente, mas pararem promp-

promptamente, sem causarem aborto.

(*O que acontece depois do parto.*) Quando o féto, e suas dependencias se tem extrahido, os musculos do ventre, e o peritoneo se restabelecem pouco a pouco; e as fibras da madre contrahindo-se espremem o sangue de seus vasos. Este no principio he muito vermelho, e semelhante áquelle de que a criança se nutre, e depois he muito pállido, e em fim hum licor branco como de puz, he o que della sahe; este licor não se deve julgar ser leite. (*Lochios.*) A esta evacuação chama-se lochios. (*O leite das mammas.*) No terceiro, ou quarto dia do parto, e algumas vezes mais tarde o sangue que vinha á madre para nutrir o féto se encaminha para as mammas, e as enche mais, ou menos consideravelmente. (*A febre.*) A febre que se chama febre lactea sobrevem ao mesmo tempo; mas diminue depois pouco a pouco.

CAPITULO III.

Das funções animaes.

§. I. (*OS movimentos do corpo.*) Todos os movimentos do corpo ſe executão pela acção dos muſculos, e eſta acção conſiſte principalmente no encolhimento de ſuas fibras carnoſas, que ſe chama contracção. Eſta contracção eſtendendo os tendões, ou as peneuroſes, ás quaes os oſſos moveis eſtão ligados, cauſa o movimento das partes ſólidas, retrahindo as cavidades que fórmão certos muſculos que ſe chamão ocos, taes como o coração, os inteſtinos, os vaſos, &c. Cauſa o movimento dos líquidos que nelles eſtão contidos.

(*Quaes são as cauſas, ou agentes dos movimentos.*) Os principaes agentes deſta contracção, são as arterias, e os nervos, que ſe diſtribuem pelas fibras carnoſas. Razão porque ſe ſe ligão os nervos, a acção ceſſa; e ſe a ligadura ſe faz nas arterias, não ſómente ceſſa a acção deſſa parte, mas tambem lhe ſobrevem a corrupção.

(*Cauſa da acção muſcular.*) Para ex-

explicar a cauſa da acção dos muſculos tem-ſe recorrido a huma infinidade de hypotheſes de muito mais engenho, que ſatisfação, e em cuja individuação não entramos por não paſſar além dos limites que nós temos propoſto.

(*Quantas ſortes ha de movimentos.*) Diſtinguem-ſe tres ſortes de movimentos, voluntarios, involuntarios, e miſtos. Os voluntarios são aquelles que de nós dependem; iſto he, da alma, e da diſpoſição de toda a máquina. (*Os voluntarios.*) Seu principio, fim, acceleração, e demora são os effeitos da vontade. Taes como são os movimentos do eſpinhaço, da cabeça, das differentes partes da cara, e das extremidades do corpo.

(*Os involuntarios.*) Os involuntarios são aquelles que ſe fazem ſem noſſo conſentimento. Por conſequencia são puramente mecanicos; iſto he, dependentes ſómente da diſpoſição da máquina, e communs a todas as partes deſtinadas para as funções vitaes, e naturaes. Taes como são os movimentos do coração, das arterias, dos inteſtinos, do eſtomago, &c.

(*Os miſtos.*) Os miſtos são aquelles

les que são em parte voluntarios, e em parte involuntarios, taes como a respiração que nós podemos bem accelerar, e demorar, e não a fazella parar inteiramente sem que percamos a vida.

§. II. (*As sensações.*) As sensações são as maneiras de conhecer, e perceber os objectos exteriores. Ellas são os effeitos da simples mudança da superfice dos nervos que entrão na composição dos orgãos.

(*Quantas maneiras ha dellas.*) Distinguem-se as sensações em internas, e externas. (*As internas.*) As internas são a imaginação, a memoria, o discurso, e as paixões d'alma, ás quaes alguns ajuntão a fome, e a sede. (*As externas.*) As externas são a vista, o ouvido, o cheiro, o gosto, e o tacto. Ainda que cada huma destas sensações externas procedão de hum movimento causado nos nervos pelos objectos exteriores; as impressões que elles fazem na alma são com tudo muito differentes, por causa da differente estructura dos orgãos que diversificão o movimento dos nervos.

(*A vista.*) Os raios da luz que são filetes, ou linhas de huma materia muito

to ſubtil, e globoſa, ſahem de cada ponto dos objectos exteriores, paſsão ao travez das partes tranſparentes do olho, e padecem diverſas refracções no humor aquoſo, no cryſtallino, e no humor vitreo; tornão a ajuntar-ſe ſobre a retina que he o orgão immediato da viſta, e fórmão a imagem do objecto, o qual ſe tranſmette na alma por meio do nervo optico de que a retina não he ſenão abertura. O olho póde muito bem ſer comparado a camera eſcura.

(*O que são os raios paſſando do objecto para o olho.*) Os raios da luz partindo de cada ponto de hum objecto claro, vem-ſe a fazer divergentes; quero dizer, que elles ſe apartão. (*Em o olho.*) Mas eſtes meſmos raios atraveſſando o globo do olho vem-ſe a fazer convirgentes; iſto he, que elles ſe tornão a unir, ſegundo as leis invariaveis da refracção, por meio dos humores do olho, que, como ſe ſabe, são mais denſos que o ar, de huma conſiſtencia differente, e de huma figura convexa excepto a parte anterior do humor vitreo. Quando eſtão ſobre a retina, ahi fórmão ajuntando-ſe (para repreſentar ou traçar a imagem do objecto donde elles ſahem) tantos

tos pontos quantos ha no objecto. Assim todos os raios que vem de cada ponto de hum objecto, fórmão duas especies de pyramides, ou columna, huma fóra do olho, da qual a ponta está no objecto, e a base sobre a cornea transparente; a outra em o olho que se chama pyramide visual, cuja base está apoiada sobre a parte posterior da cornea, e a ponta se acha sobre a retina. As duas pyramides tem por consequencia sua base applicada huma contra a outra, e igual.

(*A boa vista.*) Quando por meio destas refracções feitas a proposito todas as pontas dos raios da luz se tornão a ajuntar sobre a retina sem confusão, e na ordem com que elles partírão, se vem clara, e distinctamente os objectos que estão em huma meia distancia.

(*Má vista do olho mal conformado.*) Quando os raios se não tornão a ajuntar a proposito; isto he, que o ponto de sua reunião se faz de huma, e outra parte da retina, vem-se os objectos confusamente, e sem distinção. He o que acontece quando o olho não está bem conformado; quero dizer, em aquelles que tem o olho Myops, ou o olho Presbyto.

(O

(*O olho Myops, ou viſta curta.*) Aquelles que tem o olho muito groſſo, e o cryſtallino muito arqueado, tem o olho Myops. Os raios da luz ſe reunem antes de ter chegado á ſua retina que ſe acha naturalmente mais affaſtada do cryſtallino do que he preciſo. Elles não podem ver bem ſe não approximando o objecto contra o nariz, ou na diſtancia de tres dedos, ou meio pé; mas elles não diſtinguem couſa alguma em huma maior diſtancia.

(*O olho Presbyto.*) Aquelles que tem o olho, ou o cryſtallino muito chato, e muito perto da retina, tem a viſta Presbyta; iſto he, a viſta comprida. Neſtes os raios da luz ſe reunem além da retina, e a pyramide viſual não he bem formada. Elles não podem ver os objectos ſenão de muito longe.

(*Como ſe remedeão eſtas duas ſortes de viſta.*) A arte eſtabelece meios para reparar eſtes dous defeitos. Huma luneta concava, e que por conſequencia aparta hum pouco os raios remedea o olho Myops; iſto he, a viſta curta, fazendo-os cahir a propoſito ſobre a retina. Huma luneta convexa, e que por conſequencia ajunta os raios, remedea

o

o olho Presbifto; ifto he, a vifta comprida, procurando delles a fua reunião fobre a retina, em vez de fe fazer efta fóra da mefma retina.

(*A boa vifta vem a fazer-fe Presbyta.*) A boa vifta vem a fazer-fe muitas vezes Presbyta na velhice, porque as partes fe defeccão pela idade, e o cryftallino fe vem a fazer chato. Aflim o tempo não póde fenão augmentar o defeito do olho Presbyto, elle corrige algumas vezes o do olho Myops.

(*A opacidade do cryftallino.*) Quando o cryftallino fe vem a fazer opaco, os raios da luz não podem paffar ao fundo do olho, e ahi pintão a imagem do objecto donde elles partem. Efta enfermidade chama-fe cataracta. Remedea-fe fazendo a extracção do cryftallino; ou defpegando-o, e abatendo-o para o fundo do olho; mas então vê-fe confufamente, porque os raios da lûz não são tornados a chegar, ou avifinhar pelo cryftallino, como erão antes que foffe abatida, ou defpegada a cataracta, e fe fe reuniffem não póde fer fenão além da retina.

Nefte cafo ainda não eftá privado de ver diftinctamente os objectos. Huma luneta convexa fituada entre o objecto,

e

e o olho, faz no exterior o que o cryſtallino devia fazer no interior do olho. Rompendo os raios da luz, os obriga a ſe ajuntarem preciſamente ſobre a retina, como convém.

(*O ouvir.*) As differentes agitações do ar cauſadas pelos córpos ſonoros, paſsão pela orelha externa até o tambor, e ao ar encerrado no labyrintho. Eſte ar o communica na porção molle do nervo auditivo derramada ſobre a membrana que forra o veſtibulo, os canaes meio circulares, e o caracol.

(*O olfacto, ou cheiro.*) Os corpuſculos que emanão dos córpos odoriferos ſe eſpalhão pelo ar, entrão em o nariz com elle, e penetrão os nervos olfactorios eſpalhados na membrana pituitaria, que forra o interior do nariz.

(*O goſto.*) Os córpos ſaboroſos attenuados, e diluidos pela ſaliva, eſquentados, e applicados pela boca, na lingua, penetrão ao travez da epiderme até aos córpos papillares que são as extremidades dos nervos do nono par.

(*O tacto.*) A pelle, ſobre tudo a das mãos, e dos dedos, he guarnecida ſobre a ſua ſuperfice de muita quantidade de papillas nervoſas cobertas da epider-

derme, para que os córpos que imprimem hum certo movimento a eſtas papillas não cauſem hum ſentimento doloroſo, como acontece quando, por algum accidente, a epiderme foi elevada. Os córpos produzem ſobre eſtas papillas certos movimentos, nos quaes conſiſtem as ſenſações do frio, quente, humido, e ſecco, do brando, do duro, do polido, do deſigual, do movimento, da quietação, das cócegas, e da dor.

(*A vigia.*) He preciſo notar que os córpos fazem huma menor impreſsão ſobre os orgãos no tempo do ſomno, que no da vigia. Porque a vigia he hum eſtado no qual os orgãos dos ſentidos, e aquelles que são deſtinados aos movimentos voluntarios, eſtão de tal ſorte diſpoſtos que facilmente podem ſer affectados pelos objectos externos, e exercer os movimentos para que forão deſtinados.

(*O ſomno.*) O ſono pelo contrario he hum eſtado em que os orgãos dos ſentidos, e dos movimentos involuntarios não podem receber a impreſsão dos objectos, nem exercer ſuas funções com facilidade, e promptidão. O primeiro deſtes dous eſtados depende da boa diſpo-

poſição dos ſólidos, e da abundancia dos eſpiritos animaes que eſtendem todos os reſortes de noſſo corpo. O ſegundo tem por cauſa a diminuta quantidade, ou falta deſtes meſmos eſpiritos, que deixão hum relaxamento em todas as partes.

(*A vida.*) A vida conſiſte no exercicio das funções do corpo. Com tudo entre ellas ha algumas que podem ſer deſordenadas, e meſmo totalmente abolidas ſem cauſarem a morte. (*A ſaude.*) A ſaude conſiſte no facil, e livre exercicio deſtas meſmas funções.

CAPITULO IV.

Dos Temperamentos.

(*QUe couſa he temperamento.*) Por temperamento ſe entende huma diſpoſição particular do corpo, que ſe produz pela combinação particular dos principios de que he compoſto.

(*Em que conſiſte a cauſa do temperamento.*) Os ſentimentos não são os meſmos ſobre a cauſa do temperamento em geral. Huns a fazem conſiſtir nos humores dominantes do corpo, e outros

na

na acção ſó dos ſólidos, á qual ſe ſubmettem os fluidos. Ainda que os ſólidos ſejão compoſtos de vaſos, cujo reſorte, ou a acção organica agita ſobre todos os fluidos, parece não obſtante que os fluidos, bem que ſubmettidos a eſte reſorte, podem ſegundo ſua qualidade particular obrar outra vez ſobre os ſólidos, augmentar-lhes o movimento, e a oſcilação, e deſta ſorte concorrer em alguma couſa para o temperamento. Da conformação primitiva, ou originaria das partes ſólidas do corpo, e da natureza, ou qualidade dos fluidos que por elles correm, he pois como julgão que depende o temperamento.

Como os vaſos de que o corpo he compoſto, são formados de fibras mais, ou menos duras, e que a natureza dos fluidos, ou a combinação de ſeu principio não he a meſma em todos os ſujeitos, o movimento ſyſtaltico dos vaſos he mais, ou menos forte, mais, ou menos frequente, e mais, ou menos regular em os differentes ſujeitos; e deſta variedade he que reſulta a differença dos temperamentos.

(*O que o póde fazer mudar.*) Huma infinidade de circumſtancias podem fazer mudar a conſtituição originaria das

partes, e por consequencia o temperamento. Porque, que mudança não traz aos sólidos, e aos fluidos, a idade, os alimentos de que se usa, o ar que se respira, o clima em que se habita, a maneira de viver que se observa, os exercicios que se fazem, &c. Todas estas cousas não mudão o fundo do temperamento, ou o temperamento innato, mas o fazem variar, e produzir-lhe huma infinidade de modificações. (*Quantas sejão as especies de temperamentos.*) Distinguem-se em geral quatro especies de temperamento simplice que se caracteriza cada hum por certos sinaes. Estes quatro temperamentos são o sanguineo, e quente; pituitoso, fleumatico, e frio; melancolico, e atrabeliario; bilioso, e secco.

(*O temperamento sanguineo.*) 1.° Aquelle que he de hum temperamento sanguineo, e quente, tem os vasos robustos, mas regulares em seus movimentos; o pulso grande, frequente, e medianamente forte, as vêas largas, e de côr azul; a côr do rosto vermelho; o branco dos olhos, e os labios incarnados; a pelle macia, e igual; o espirito alegre, e sociavel; em fim tem hum calor temperado, a carne firme, e he inclinado ao amor sem lubricidade. (*O*

(*O temperamento frio.*) 2.° O temperamento frio, pituitoso, e fleumatico, se manifesta differentemente. Neste o pulso he pequeno, lento, e preguiçoso; o corpo he debil, pezado, e obeso; os vasos são largos, e flacidos; a pelle he igual, molle, e branca; a côr do rosto pallida, as vêas limpidas; as materias fecaes são fetidas, e pouco tintas de amarello; os humores são aquosos, e crus; os cabellos chatos, de huma côr cinzenta; o espirito he tímido, medroso, e sem vivacidade.

(*Melancolico.*) 3.° Observa-se que aquelles que tem hum temperamento melancolico, ou atrabiliario são fortes, robustos, magros, e laboriosos. Tem hum pulso duro, pequeno, e lento. A côr de sua pelle he fusca, e trigueira; seus humores são tenazes, salgados, e grosseiros; as fibras de seus vasos são duras, e seccas. São constantes, penetrantes, e excessivos em seus sentimentos.

(*Biliosо.*) 4.° O temperamento bilioso, e secco, manifesta-se por hum pulso duro, grande, e prompto, pela magreza, e sequidão do corpo; pela pallidez da pelle, que declina para fusca, secca, e amarellada. As fibras, e os va-

ſos são duros, aſperos, ſeccos, e muito elaſticos. A bile abunda nos humores, os quaes são acres, e ſalgados. O ſangue he eſquentado; as ourinas vermelhas, e as materias fecaes amarellas, e de hum cheiro fetido. As peſſoas deſte temperamento são alteradas. Tem as ſenſações, a imaginação, e as paixões muito vivas, e o juizo muito ſólido.

Eſtes quatro temperamentos domināo mais, ou menos em os differentes ſujeitos, de maneira que ſe ſe attender aos ſeus gráos, e á ſua meſma miſtura (miſtura que ſe obſerva muitas vezes) póde-ſe dizer que ſe dá tanta variedade em os temperamentos, bem como a que ſe dá em a fyſionomia dos homens.

Os temperamentos contribuem muitas vezes para as enfermidades; daqui procede que as peſſoas de hum certo temperamento são ſujeitas a certas enfermidades, ás quaes as peſſoas de outro temperamento o não são, ou mui raramente são expoſtas a ellas. Importa pois muito conhecer os temperamentos em geral, e em particular os de differentes peſſoas, cuja ſaude eſtá confiada a noſſos cuidados.

Eſte

Eſte conhecimento ajuda a deſcobrir as cauſas das enfermidades, e até a prevenillas. Elle indica os remedios mais convenientes para a ſua cura, e as preparações, pelas quaes ſe devem diſpôr as enfermidades para o uſo de algum eſpecifico, ou para alguma operação.

PRINCIPIOS DE CIRURGIA.

SEGUNDA PARTE

HYGIENA.

O Uſo moderado das cauſas não naturaes conſerva a vida, e a ſaude. O ſeu exceſſo, ou má qualidade altera huma, e abbrevia a outra. Por conſequencia he muito importante conhecellas, e ſaber fazer dellas a eſcolha.

(Quantas são as cauſas não naturaes.)

As

As caufas não naturaes são feis; a faber: o ar, os alimentos, o trabalho, a quietação; o fomno, e a vigia; as excreções retidas, ou evacuadas, e as paixões d'alma.

§. I. O ar he huma fubftancia de que o ufo he inconteftavelmente neceffario ao homem. Defde que nafce refpira, e faltando totalmente a refpiração morre. Affim o ar influe baftantemente para a vida. Huma certa quantidade de ar entra nos pulmões, ahi fe dilata pelo calor; e delles fahe depois para dar lugar a que entre outra quantidade de ar. O ar dilatado nas veficulas do pulmão, faz que ellas fe comprimão extremamente humas com outras, e que comprimindo os vafos que as rodeão obriguem a paffar o fangue das arterias para as vêas.

Os alimentos contém muito ar que pelo feu movimento os quebra, e os divide em mui pequenas partes, e ajuda por confequencia a digeftão. O que eftá encerrado nos vafos, dá por fua rarefacção movimento ao fangue, e a todos os líquidos, augmenta a força dos fólidos, e contribue defta forte para a circulação, fanguificação, e para o movimen-

mento progreſſivo. Como o uſo do ar he inevitavel, deve produzir no corpo humano diverſos effeitos, ſegundo ſuas qualidades, e exhalações de que he impregnado; e ſegundo as variações mais, ou menos ſubitas ás quaes eſtá ſujeito.

(*Em que tempo o ar he mais temperado.*) O ar póde ſer ſereno, ou eſpeſſo; ſecco, ou humido; quente, ou frio, ou temperado. O ar mais ſaudavel he hum ar brando, e puro; iſto he, que não he carregado de exhalações corruptas, metallicas, ſulfureas. Todas eſtas exhalações são muito prejudiciaes á ſaude. As ſezões em que de ordinario o ar he mais temperado, são a Primavera, e Outono; razão porque eſtas ſezões ſe eſcolhem para ſe fazerem certas operações. O clima de França he hum dos mais temperados, (*o meſmo ſe póde dizer deſte Reino de Portugal.*)

(*As repentinas mudanças do ar.*) As mudanças repentinas do ar são inevitaveis, e muito nocivas á ſaude. Deſtas he que procedem o grande número de enfermidades que reinão no principio das Primaveras, e nas entradas dos Invernos.

(*O que cauſa ſuas más qualidades.*)

Os

Os Hospitaes, as Campanhas em que os Exercitos se demorão muito tempo, os lugares, ou sitios encerrados, aquelles onde se prepara o chumbo, e em que se cavão as terras, ordinariamente não são sadios, porque estes sitios estão impregnados de más exhalações. As brazas, principalmente de carvão accezo, em hum aposento fechado, espalhão pelo ar partes sulfureas, que causão molestias, e algumas vezes a morte ainda ás pessoas mais robustas. Algumas vezes sahe dos póços, e dos fóssos que se tem conservado muito tempo sem se esvasiarem, e alimparem, hum ar tão corrupto, que os que nelles trabalhão perecem em pouco tempo, ou os offende muito.

§ II. (*Os alimentos, e a bebida*) As evacuações que contínuamente fazemos, nos pôe na precisão de as reparar cada dia por meio das substancias analogas ás de nosso corpo: o que serve para esta reparação, se chama comida, e bebida. O que incita a estas acções são as duas sensações, a que se chamão fome, e sede. O que nos incita a tomar os alimentos, e bebidas, he hum certo prazer de que a natureza os dotou. A ne-

necessidade dos alimentos, e da bebida requer que delles se reconheça ao menos em geral as especies, e qualidades principaes, a fim que delles se possa fazer huma conveniente escolha para as differentes circumstancias da vida.

I. (*Distinguem-se muitas especies de alimentos.*) Distinguem-se muitas especies de alimentos. Chamão-se simplices quando se usão taes como a natureza no-los offerece; compostos quando se preparão; e medicamentosos quando se tomão com a idéa não sómente de nutrir; mas tambem de corrigir algum vicio. Huns são sólidos, e outros líquidos.

(*Donde se tirão os mistos.*) Os vegetaes, e os animaes que contém principios anal gos aos do sangue, são os differentes mistos de que se tirão todos, e excepto o sal, a agua que he hum elimento.

II. Não se póde dos alimentos fazer huma conveniente escolha sem que se conheção as suas qualidades. Assim he preciso considerar separadamente os alimentos sólidos tirados dos vegetaes, e dos animaes, os alimentos fluidos, e a bebida. 1.° Os alimentos sólidos tira-

rados dos vegetaes são as ſementes, os fructos, folhas, talos, e raizes. De todas as partes da planta, a ſemente he a mais bem trabalhada. Ella contém huma ſubſtancia farinhoſa, e hum ſucco leitoſo, donde ſe tira hum oleo doce, amigo do corpo humano, e proprio para fazer muito chylo, adoçar os humores, e para nutrir bem.

(*O pão.*) O pão he o principal alimento: faz-ſe de trigo, centeio, cevada, trigo da Turquia, ou com outras quaeſquer ſementes. (*He o alimento univerſal.*) Eſte he propriamente o alimento univerſal, porque ſem elle ſe não póde paſſar ſem que a ſaude ſe damnifique, e quaſi todos os póvos delle usão. (*Qual he o melhor pão.*) O que ſe faz de trigo he o melhor para o goſto, o mais nutriente, o mais leve para o eſtomago, ſobre tudo ſe lhe deixão hum pouco de rolão. O pão de centeio, e de cevada não convém áquelles que tem o eſtomago delicado, nem aos que fazem pouco exercicio. Com tudo o pão de centeio he laxativo, e refrigerante. Muitas peſſoas usão hoje delle por eſta razão.

(*Qualidades do pão.*) Das partes do

do pão a côdea he a mais nutriente, e mais facil a digerir ainda que adiſtringe alguma couſa o ventre, ao meſmo tempo que o miolo he mais untuoſo, e mais pezado. (*Outras ſubſtancias farinhoſas.*) As outras ſubſtancias farinhoſas taes, como são as fávas, ervilhas, lentilhas, &c. nutrem tambem muito; mas pezão ſobre o eſtomago, são flatulentas, e hum pouco viſcoſas; causão por conſequencia obſtrucções, quando ſe uſa muito deſta ſorte de alimentos. O arroz, cevada, e grãos são humectantes, adoçantes, e reſtaurantes; produzem bons effeitos em muitas occaſiões.

(*Os fructos farinhoſos.*) Tambem ha fructos que tem huma ſubſtancia farinhoſa. Taes como são as nozes, amendoas, caſtanhas, &c. Eſtes fructos contém muito oleo, e nutrem tambem muito. E por eſta razão, e por cauſa de ſua ſolidez he que aquelles que tem o eſtomago delicado os não digerem facilmente.

(*Os fructos polpoſos, e aceſcentes.*) Ha outros que são polpoſos, e hum pouco aceſcentes. Contém em ſi muito mais de agua que de outros principios,

ra-

razão porque elles refrefcão, humedecem, applacão o grande movimento do fangue, e mitigão a fede, e digerem-fe facilmente. (*Sũas qualidades.*) Os fructos do eftio, como são os morangos, as uvas, amoras, cerejas, &c., e muitos do outono, como os pêcegos, peras, maçans, &c. são defta efpecie. (*Como fe devem ufar.*) Eftes fructos não são mal fadios quando eftão maduros, e comidos em pouca quantidade; mas como em fi contém muito ar, gerão flatos nos inteftinos. (*Os cozidos são muito mais fadios.*) Quando elles são cozidos, ou quando delles fe fazem compofições de doces, são tão sãos, como agradaveis, e muito convenientes aos convalefcentes.

(*Os legumes.*) As folhas, talos, e raizes de que nós ufamos, chamão-fe propriamente hortaliças, legumes, ou plantas leguminofas. (*Suas qualidades.*) Eftes alimentos nutrem muito mais que os farinhofos. Huns, como a alface, chicoria branca, acelga, labaça, beldroega, &c. refrefcão, humedecem, laxão o ventre, e applacão o fervor do fangue. As outras como a alcachofra, o aipo, maftruço, ferpentina menor,
ef-

eſpargo, e perrexil, eſquentão mediocremente. Ha alguns que contém muito ſal acre, e que são eſtimulantes. Por conſequencia eſquentão, e alterão muito. Taes como são as tuberas da terra, o alho, os cucumelos, a cebola, a pimenta, o cravo, a noz moſcada, a moſtarda, &c.

(*Alimentos tirados dos animaes.*) 2.º Os animaes contém nas ſuas fibras carnoſas hum ſucco gelatinoſo, que dellas he extrahido para as differentes preperações da digeſtão. (*Qualidade do ſucco que delles ſe tira.*) Eſte ſucco he pela ſua analogia com o noſſo ſangue, huma eſpecie de gelea, propria para nos reparar muito melhor que os vegetaes, ainda que os animaes ſejão delles meſmo nutridos.

(*Quaes são as eſpecies dos animaes.*) Os animaes são terreſtres, volateis, e aquaticos, ou amfibios. (*Em que differem.*) Elles differem muito pelo que reſpeita a ſuas eſpecies, idade, maneira de viver, e ſua ſubſtancia. (*Os peixes, e ſuas qualidades.*) Os peixes são de todos os animaes os que nutrem menos, porque contém mais de fleuma do que de partes ſulfureas, o que os faz em recompenſa humetantes, e relaxantes.

Qua-

(*Qualidades pelo que respeita á idade.*) Como os animaes novos participão ainda da nutrição que tem tomado de suas mãis, suas fibras são muito tenras, e produzem hum succo muito brando, e pouco nutritivo. Quanto mais vão crescendo, mais succos contém bons, e proprios a nos nutrir. Quanto aos velhos, os succos de que as fibras são cheias, são espirituosos, gelatinosos, e muito agradaveis ao gosto, mas a carne delles he dura, e muito indigesta.

(*Suas qualidades pelo que respeita á sua maneira de viver.*) Os animaes que vivem de bons alimentos, e que respirão hum ar puro, e que fazem muito exercicio, tem succos mais leves, mais affinados, e mais proprios para passar pelo sangue, fibras mais faceis a quebrar, e a digerir, e são por consequencia muito sadios. (*Pelo que respeita á sua substancia.*) Os animaes cuja carne he branca, contém huma substancia muito succulenta, e tem as fibras muito tenras. Elles fornecem por consequencia hum alimento brando, e de facil digestão.

(*Alimentos liquidos.*) 3.º Os alimentos liquidos são o leite, ovos, chicolate, assim

ſim como tambem os caldos feitos de carnes, ou de peixes. (*O leite.*) O leite he propriamente hum chylo, e por conſequencia hum alimento que não tem neceſſidade de huma grande preparação no eſtomago. O melhor he aquelle que he de hum cheiro doce, e agradavel, de huma côr muito branca, de hum goſto muito doce, e de huma conſiſtencia, nem muito craſſa, nem muito fluida. (*Em que abunda.*) Elle abunda em principios oleoſos, e balſamicos. Razão por que he mui nutriente, e adoçante, e produz muito bons effeitos em muitas indiſpoſições, e enfermidades. Eſte he o alimento mais ſaudavel para as peſſoas fracas, para os eſtomagos languidos, e para os meninos.

(*De que he compoſto.*) O leite he compoſto de huma ſubſtancia butiroſa que faz a manteiga, de huma ſubſtancia caſeoſa que faz o queijo, e de huma ſoroſa, que he o ſoro. Cada huma deſtas partes tem ſuas propriedades.

(*Os ovos.*) Os ovos freſcos, e molles, fórmão tambem hum alimento muito adoçante, de mui facil digeſtão, e nutrem promptamente. Eſta eſpecie de nutrição convem por conſequencia áquelles que tem o corpo debil, e que he pre-

precifo reparar promptamente as forças, e aos velhos que tem precisão de alimentos faceis a digerir. Huma gemma de ovo frefca diluida em agua a ferver, faz hum licor que fe ufa em muitas occafiões, e he igualmente adoçante, e reftaurante.

(*O chicolate.*) O chicolate he compofto de cacáo, que he a fua bafe, da baunilha, cravo, canella, e affucar. Delle fe faz hum licor muito agradavel, que não fómente nutre muito pelo cacáo que abunda em oleo, e em fal effencial; mas tambem fortifica o eftomago, reftabelece o corpo, ajuda a digeftão, e adoça os humores acres; fobre tudo fe a baunilha, e os outros ingredientes lhe não entrão em demaziada quantidade. Convém muito aos velhos, cujo eftomago eftá fraco.

(*A bebida.*) 4.° A bebida refrefca as partes fluidas, e humidas de noffo corpo, e torna a recuperar o que ellas tem perdido. (*Sua utilidade.*) Serve de vehiculo aos outros alimentos, e facilita mais a digeftão. Sem ella o chylo muito craffo cuftaria muito a paffar pelos vafos lacteos, cuja a finura, e delicadeza he extrema; a diffipação das partes

tes, as mais fluidas do ſangue occàſionadas pelo ſeu movimento, e pelas ſecrecções não ſe acharia reparada, e eſtas ſecrecções tão uteis para a ſaude não ſe farião.

(*Quantas eſpecies ha de bebidas.*) Os licores que ſe bebem são de duas eſpecies, huma ſimples que a natureza produz em abundancia, e outra artificial que a arte prepara. (*A agua he a bebida a mais ſaudavel.*) A agua he a primeira eſpecie deſtas bebidas, a qual he a mais ſaudavel, e mais neceſſaria para a vida. (*Qualidades que deve ter para ſer boa.*) A melhor agua he a que he pura, limpa, leve, ſubtil, ſem cheiro, e ſem côr, que coze facilmente os legumes, e que diſſolve perfeitamente o ſabão.

(*Qual he a melhor.*) A agua do rio que he contínuamente batida pelo ſeu movimento, e que he eſquentada, e purificada pelo Sol, he mais leve, e mais ſadia. A agua da fonte, e da chuva ſe lhe aſſemelha muito; mas a dos póços, das neves, e dos gêlos paſſão pelas mais nocivas. Se eſtas ſe quizerem corrigir, não tem mais que fervellas levemente antes de ſe beberem.

(*Suas virtudes.*) O maior dissolvente que nós temos he a agua. Ella penetra os alimentos, e serve muito para a digestão; he para o chylo hum vehiculo que o leva facilmente para os vasos; em fim, passando para o sangue, refresca, e humedece todas as partes, empregna-se dos saes, que ella expelle pela transpiração, ourinas, e outras secrecções.

Tambem observamos que aquelles que bebem moderadamente, digerem melhor, tem huma melhor saude, e vivem mais tempo. Tem-se tambem curado indispoſições assaz graves só pelo uso da agua. Póde-se fazer hum máo habito da agua, no seu demasiado uso, assim como de todas as cousas ainda as melhores. Se se usa della em mui grande quantidade, relaxa, e enfraquece os sólidos, e póde causar muitos damnos.

(*Bebidas artificiaes.*) As bebidas artificiaes são o vinho, e todos os licores que delle se extrahem, e nos quaes elle entra, a cerveja, cidra, e outros licores. (*O vinho.*) Ao mesmo tempo que o uso da agua he saudavel, o uso immoderado do vinho, e dos outros licores espirituosos he prejudicial para a sau-

saude. (*Suas baos qualidades.*) Com tudo, se usarem de hum pouco de vinho bem temperado com agua produzirá algumas vezes bons effeitos independentemente do prazer que causa ao gosto. (*Suas más qualidades.*) Porque sua parte espirituosa corrobora, e fortifica os sólidos, e facilita a digestão; mas o seu excesso, como o de todos os outros licores espirituosos, endurece as fibras, accommette os nervos, diminue as secrecções, tira o appetite, e produz enfermidades chronicas, e mortaes. Póde pôr-se na classe das bebidas artificiaes, o chá, café, e chicolate, cujo uso se tem introduzido mais por regalo, que por necessidade. A agua faz a base destas bebidas, e serve para dellas tirar os principios.

(*O chá.*) O chá he a folha de huma planta estrangeira, que se faz infundir algum tempo em agua. Esta bebida está em muito uso por causa de suas boas qualidades que prevalecem muito as más que tem. Ella solicita a transpiração, e a secrecção das ourinas; fortifica o estomago, e serve quando se tem comido muito para levar as materias grosseiras, e para alimpar o estomago sem o enfraquecer.

(*O cafe.*) O café he o fructo de huma arvore estrangeira. Torra-se este fructo, faz-se em pó que se infunde em agua. Este licor presentemente está muito em uso. Toma-se depois do jantar para facilitar a digestão, e para applacar os vapores, ou fumos do vinho, e de manhã para servir de almoço, mas então se lhe ajunta leite. O uso moderado deste licor subtiliza hum pouco os humores, e não póde ser contrario á saude. Seu excesso he muito nocivo, porque agita o sangue, causa vigilia, emmagrece, causa a hemorrhagia, e irrita as hemorroidas.

III. (*Escolha que se deve fazer dos alimentos.*) A escolha que se deve fazer no uso dos alimentos requer certas regras que respeitão sua preparação, sazonamento, quantidade, delicadeza do estomago, idade actual, especie dos alimentos, tempo de os tomar, sazão do anno, temperamento, &c. Preparão-se em nossas cozinhas todos os alimentos, excepto alguns, como são as fructas, as ostras que se comem algumas vezes taes, como a natureza no-las offerece.

(*Pelo que respeita á sua preparação.*) A preparação consiste em o cozimen-

mento, e no aſſazonamento. Eſta he propriamente huma primeira digeſtão, que prepara o que o eſtomago deve fazer, e que muito a facilita. (*Em que conſiſte.*) Para cozer os alimentos ſe fazem ferver, fregir, ou aſſar. A agua em que ſe fazem cozer extrahe delles huma geléa branda, humectante, e nutritiva. (*Utilidade de preparar os alimentos.*) Daqui vem que os caldos são bons, e promptos reſtaurantes, proprios para nutrir no caſo de enfermidades, quando o eſtomago não póde fazer bem ſuas funções.

(*Alimentos cozidos.*) Muitos crêm que a carne cozida não he tão propria para nutrir, porque ella tem depoſto na agua todo o ſucco, ou huma boa parte delle que em ſi continha. (*Aſſados.*) A que he aſſada contém hum ſucco excellente, e muito nutriente, porque o humido que embaraçava os principios ſe diſſipa pelo fogo.

(*Frito.*) O oleo, ou unto dos que são fritos, ou ſejão peixes, ou carnes, fazem os alimentos muito pezados, e indigeſtos; por iſſo os fritos ſó convém a bons eſtomagos. (*Aſſazonamento em que conſiſte.*) O aſſazonamento conſiſte na addição, ou miſtura de certos ingredientes,

co-

como de aromaticos, eſpecierias, vinagre, de eſſencias, &c.

(*Quando he util.*) Quando são em pouca quantidade, corrigem o defeito de outros alguns alimentos, e fazem a digeſtão mais facil. (*Quando he nocivo.*) Mas quando ſe usão para augmentar o goſto, e excitar o appetite, são perniciosos. Porque o appetite excitado pela qualidade, e diverſidade dos guizados he hum appetite enganoſo, que obriga a comer mais do que he preciſo, o que cauſa indigeſtões, indiſpoſições frequentes, e tambem muitas vezes grandes enfermidades. A habilidade dos cozinheiros de noſſos tempos contribuem muito para abbreviar a vida de ſeus amos.

(*A quantidade, e eſpecie de alimentos que ſe devem uſar.*) O meio de ſe conſervar a ſaude he pois o viver de alimentos ſimplices, ou moderadamente compoſtos, e de não uſar delles ſenão em quantidade conveniente á idade, e forças do eſtomago de cada hum; ſazão em que ſe eſtá, ao ſexo, e ao temperamento, e ſobre tudo á diſſipação que ſe faz. Porque tão nocivo he uſallos em muita quantidade como demaſiadamente em pouca. Conhece-ſe quando ſe não tem comido

mui-

muito; quando o eſtomago digere bem, e que fica tão agil, e tão leve depois de comer como antes, e que no fim de huma hora ſe póde facilmente pôr a trabalhar.

(*Provas da excellencia da vida frugal, e ſimples.*) Os exemdlos de muitas peſſcas, a quem a frugalipade tem feito viver até huma idade muito avançada, deveria empenhar aos que amão a vida, e ſaude a imitar ſeu regimen. Hum proverbio que ſe acha quaſi ſempre verdadeiro he: *Quem bebe, e come pouco, nunca eſtá doente.* A intemperança, e o exceſſo dos alimentos, como de todas as outras couſas he muito pernicioſo.

(*Eſcolha dos alimentos pelo que reſpeita á delicadeza, e á fraqueza.*) Aquelles que são delicados, ou que gozão de pouca ſaude devem uſar alimentos brandos, leves, e amigos do eſtomago. Eſtes alimentos digerem-ſe mais facilmente, e em menos tempo, são mais proprios para fazer hum chylo bom, humedecem, e refreſcão o ventre. Os alimentos acres, tenazes, e viſcoſos, como a paſteleria, os que são muito gordos, ou que tem huma ſubſtancia negra, &c. são pelo contrario de dif-

ficil

ficil digeſtão, e a maior parte produzem hum chylo de má qualidade.

(*Que eſpecie de alimentos convém ás peſſoas fortes, &c.*) As peſſoas fortes, robuſtas, moças, e que fazem muito exercicio devem comer mais que as outras; ſupportão mais, e digerem facilmente os alimentos hum pouco mais groſſeiros; e tambem delles convém uſar, porque ſeu eſtomago ſendo forte, os alimentos ligeiros, e que ſe digerem mui facilmente, ſe diſſiparião muito depreſſa, e não os nutririão.

(*Aos meninos.*) Na infancia, e tenra idade o eſtomago he fraco, os vaſos são muito finos. O alimento deve pois ſer leve, e delicado, tenue, brando, e de facil digeſtão. (*Eſpecie de leite que ſe deve dar aos meninos.*) Razão porque he preciſo dar aos meninos hum leite fluido, e o menos craſſo que for poſſivel, para evitar repleções extraordinarias nos vaſos finos, e delicados. Aſſim o leite de huma mulher recem-parida convém melhor para os meninos novamente naſcidos, que o de huma mulher parida de quatro, ou ſinco mezes, cujo leite começa a ter demaziada conſiſtencia.

O

O leite da recem-parida adquire pouco a pouco a qualidade que convém para o menino, ao meſmo tempo que ſuas pequenas partes ſe vão fortificando. As mulheres que crião devem obſervar tambem hum regimen de viver ſuave, e evitar toda a ſorte de paixões violentas, não tanto porque as paixões de quem cria ſe communicão (como ſe crê) ao menino, mas porque perturbão a digeſtão.

(*Eſcolha dos alimentos na tenra idade.*) Quando ſe reflecte ſobre a delicadeza das partes, e dos nervos de hum menino a quem ſe véda a mamma, bem ſe conhece que os licores eſpirituoſos, e os alimentos muito ſólidos, ou muito ſalgados, e difficeis a digerir, como a carne, lhe não convém, ou ſeja para ſeu creſcimento, ou para ſua reparação. A fraqueza de ſeu eſtomago requer tambem que coma pouco de huma vez, mas muitas vezes.

(*Na velhice.*) Como na velhice ſe faz pouca diſſipação, que os líquidos são mais craſſos, que as ſecrecções ſe fazem mais lentamente, e que os ſólidos são menos brandos, que na mocidade; não he preciſo para os velhos ſenão ali-

alimentos brandos, nutrientes, humectantes, faceis a digerir, e em mediocre quantidade de cada vez, ſobre tudo á noite.

(*Alimentos máos em toda a idade.*) Em toda a idade, mas principalmente na velhice, o uſo continuo, e immoderado das carnes ſalgadas, e curadas ao fumeiro, dos vegetaveis acidos, e aromaticos, e dos licores eſpirituoſos, he mais propio para endurecer, e contrahir as partes do corpo, do que para lhes fornecer ſuccos bons. Além diſto a digeſtão deſtes alimentos he difficil, e produzem hum ſangue acre que dilacera os vaſos capillares.

(*Poder do coſtume.*) O coſtume tem com tudo hum grande poder ſobre o corpo. Porque vem-ſe peſſoas conſervarem huma boa ſaude, vivendo de alimentos contrarios á ſaude, e de bebidas muito más, porque a ellas ſe tem acoſtumado pouco a pouco, e cahirem enfermos quando mudão ſua maneira de viver. (*O coſtume he huma ſegunda natureza.*) O coſtume he, como ſe diz, huma ſegunda natureza; e prejudica muitas vezes á ſaude o mudar de repente eſte coſtume de viver. Aſſim quando ſe quizer mudar huma maneira de viver he preciſo que

ſeja

ſeja pouco a pouco, e inſenſivelmente.

(*He bom não contrahir algum habito, ou coſtume.*) Por eſta razão, he muito util não contrahir habito, ou coſtume de qualque couſa, e o que alguns Authores aconſelhão a hum homem ſadio, forte, e robuſto, he que gozem hum genero de vida, algum tanto variada, affazendo-ſe anticipadamente a tudo, e não evitando ſorte alguma de alimentos, (*O que ſe deve fazer para iſto.*) ainda os mais communs, de aſſiſtir aſſim no campo onde o ar he mais vivo, e mais ſadio, como na cidade, fazendo fazer muito exercicio, e deſcançando hum pouco, e em fim ſahindo algumas vezes dos limites da moderação no comer; quero dizer, de comer algumas vezes hum pouco mais do que he preciſo, e outros tempos abſtendo-ſe de algum jantar, &c.

(*A hora do jantar.*) A hora do jantar deve ſer ordenada pela fome. Com tudo o uſo nos ſujeita a horas regradas. Quando ſe paſſa bem ſó jantando, e ceando cada dia a horas proprias, não ſe deve mudar eſta maneira de viver. Na mocidade em que ſe diſſipa muito, e na velhice em que ha precisão de for-

çaſ,

ças, e que se não deve comer muito de cada vez, deve-se almoçar, e merendar. (*Quando convém comer.*) He preciso sómente notar sobre tudo, quando se tem hum máo estomago de não comer nem beber, senão quando a digestão dos alimentos da ultima comida estiver feita.

(*Número de comidas no tempo de 24 horas.*) Qualquer número de comidas que se tomem, a quantidade de alimentos que se tomarem em 24 horas não deve exceder a dissipação que se faz. Muitas pessoas estão presentemente em uso de não comerem senão huma vez no dia. (*Se he bom comer huma só vez no dia?*) Se estas pessoas tomão nessa comida aquantidade de alimentos que tomarião em muitas, sua saude se damnificaria; porque o estomago achando-se muito cheio não póde fazer facilmente suas funções, e deve ter muito que trabalhar. Por consequencia duas comidas quasi de igual quantidade preferem a huma só, se nesta se tomasse junto á mesma quantidade de alimentos que nas duas.

(*Se he melhor comer muito ao jantar, ou á cêa.*) Pergunta-se algumas vezes em que comida, ou de cêa, ou de jan-

jantar ſe deve comer mais. Se ſe achar bem, e ſe ſe comer com moderação, póde-ſe comer igualmente tanto á cêa, como ao jantar; mas ſe a peſſoa for delicada, he melhor jantar bem, e cêar parcamente, do que jantar pouco, e cêar muito.

(*Se he bom deſcançar algum tempo depois dos grandes exercicios.*) Como as grandes fadigas enfraquecem os eſpiritos, e por conſequencia os orgãos, he preciſo deſcançar algum tempo antes de comer. (*Se he preciſo comer muito na occaſião do medo, ou triſteza.*) Em occaſião de triſteza, e medo, não ſe deve fazer uſo ſenão de alimentos muito leves, e em mui pouca quantidade, porque o eſtomago não eſtá então em eſtado de ſupportar, nem de digerir muito por huma vez.

(*No tempo do eſtio de que alimentos ſe devem uſar.*) No eſtio em que ſe faz huma grande diſſipação de eſpiritos, e das partes fluidas, os alimentos leves, e humectantes, fluidos, e de facil digeſtão convém para reparar mais promptamente eſtas ſubſtancias. Ao meſmo tempo que no inverno, no tempo em que os eſpiritos são menos diſſipados, e as fi-

fibras de todas as partes do corpo tem mais força, requerem que se viva de alimentos menos ligeiros.

(*He nocivo engolir depressa, e mal mastigados os alimentos.*) Como a digestão depende em parte da boa preparação que os alimentos recebem na boca, he muito necessario mastigallos bem, sobre tudo os que são duros, e de nella os conservar algum tempo, para que a saliva os possa penetrar melhor. Porque aquelles que os engolem depressa, sem mastigar, estão muito sujeitos a indigestões. Para evitar este inconveniente, he que se não dá aos meninos alimentos muito sólidos, e que os velhos, e aquelles que não tem dentes, devem viver de alimentos de facil digestão, ou ter bastante cuidado de mastigar aquelles que são hum pouco sólidos.

§. III. (*O somno, e a vigia.*) Sem dormir he impossivel viver, e passar bem muito tempo. O somno (veja-se a Fysiologia) repara as partes espirituosas do sangue dissipadas no tempo da vigia: (*Effeitos do somno.*) restabelece por consequencia as forças abatidas, ou seja por causa do trabalho, ou por enfermidade; procura tambem huma transpiração, e se-

ſecreção das ourinas mais abundante, e contribue muito para a digeſtão, e ainda mais para a nutrição.

(*O tempo mais favoravel para dormir.*) A noite na qual tudo eſtá ſocegado, e tranquillo em a natureza, parece ſer o tempo mais proprio para dormir. O vigor do corpo, e do eſpirito ſe repara com effeito muito melhor de noite que de dia. Aſſim o trabalho, e eſtudo de noite enfraquece a ſaude.

(*Qual he o ſomno mais favoravel.*) O ſomno tranquillo, e não interrompido he o melhor. O ſomno inquieto, e interrompido muitas vezes, não ſómente não reſtabelece as forças, mas impede tambem a tranſpiração, e perturba as digeſtões.

(*Tempo que ſe deve dormir.*) O exercicio, e o coſtume são duas couſas que devem ſervir de regra ao tempo que ſe deve dormir. Dorme-ſe ordinariamente de 6 até 7 horas. (*Effeitos do ſomno moderado, e immoderado.*) O ſomno moderado faz o corpo, e o eſpirito agil. Se ſe dorme muito faz-ſe o corpo preguiçoſo, e pezado, e o eſpirito pouco prompto ao trabalho.

(*O que cauſa a vigia immoderada.*)

da.) Tanto o ſomno he util á ſaude quanto a vigia immoderada he pernicioſa. Ella póde cauſar grandes deſordens na economia animal, pela eſtancação que cauſa dos eſpiritos, e das partes fluidas do ſangue. Aſſim a moderação tanto na vigia como no ſomno he neceſſaria para a ſaude.

(*Lugar onde convém dormir.*) Como o bom ar contribue muito para a ſaude, convém que o lugar em que ſe deve dormir ſeja ſádio. Razão, por que os lugares eſpaçòſos, ſeccos, e onde reina hum bom ar são melhores para dormir do que aquelles que são pequenos, humidos, e eſquentados por eſtufas, &c. Para dormir deve obſervar-ſe não ter ninguem ao pé de ſi, (*Poſitura do corpo durante o ſomno.*) deitar-ſe ſobre hũ dos lados, e ter a cabeça hum pouco elevada, e o corpo algum tanto dobrado.

§. IV. (*O movimento, e quietação.*) O movimento, e a quietação não contribuem menos para a ſaude que o ſomno. O movimento augmentando a circulação do ſangue, attenúa, e divide os humores, e procura huma tranſpiração branda, e huma filtração de todos os líquidos; (*Bons effeitos do movimento*

mo-

moderado.) accelerando os eſpiritos animaes, facilita a ſua diſtribuição por todas as fibras do corpo, o que fortifica noſſas partes; cauſa o appetite, e ajuda a digeſtão. Daqui vem que aquelles que eſtão acoſtumados a mover-ſe, são ordinariamente mais robuſtos que os outros, e menos ſujeitos a baſtantes enfermidadades.

(*Máos effeitos do exercicio exceſſivo.*) Não he preciſo todavia fazer demaſiado exercicio; porque o exercicio exceſſivo, ſobre tudo o do eſpirito, diſſipa demaſiadamente os eſpiritos animaes, enfraquece com o andar de tempo, as partes diminuindo-lhes o ſeu elaterio, e eſgota exceſſivamente as partes fluidas do ſangue. (*Quantas ſortes ha de movimentos.*) O movimento divide-ſe em activo, e paſſivo. O activo he aquelle que ſe faz com o exercicio de andar, do paſeio, da caça, do jogo da pella, e do volante, da dança, da vóz, e do trabalho do corpo, e do eſpirito, &c. O paſſivo he o que ſe faz de cavallo, em carruagem, ou em alguma máquina, &c.

(*Em que tempo ſe deve fazer exercicio.*) Póde fazer-ſe exercicio até principiar a ſuar, ou ſentir laxidão nas fi-

bras; mas para o exercicio ser proveitoso, deve ser antes de comer, e em ar puro, e leve. Por esta razão he que as viagens, e o campo contribuem muito para nos conservar a saude, e muitas vezes para a recuperar.

(*A quietação moderada.*) A quietação moderada, e proporcionada ao movimento que se tem feito, he tambem muito bôa, e muito util para a saude; (*A excessiva.*) mas a que he excessiva produz effeitos contrarios aos do movimento moderado. Por consequencia he muito nociva. (*A vida sedentaria.*) A vida sedentaria, e ociosa está sujeita a muitas mais indisposições, que aquella em que se faz exercicio, e movimento.

§. V. (*As excreções retidas ou evacuadas.*) Entende-se por excreções a evacuação dos humores superfluos, e heterogeneos, de que a massa do sangue se depura (veja-se a Fysiologia.) (*Utilidade das excreções.*) Estes humores contídos na massa do sangue della se separão pelos differentes orgãos chamados glandulas, e são repostos successivamente por huma igual quantidade de alimentos. Estas evacuações, e esta reparação, ou reposição contínua são as que nos adultos con-

conſervão o corpo em hum pezo igual, e que, por conſequencia, conſervão a vida, e a ſaude. He pois muito importante não perturbar as ſecreções, e evitar tudo o que as póde diminuir, ſupprimir, e augmentar.

Todos eſtes humores tem tambem cada hum em particular ſeu uſo, cuja importancia ſe póde conhecer trazendo á memoria o que temos dito na Fyſiologia. Deſtes ha muitos que merecem particular attenção. Taes como são as ourinas, ſuor, tranſpiração, conjuncções, hemorrhoidas habituaes, a que ſe deve ajuntar os excrementos eſtercorios. A retenção, ou a ſuppreſsão, e a evacuação baſtantemente abundante deſtes excrementos são igualmente nocivas para a ſaude. He preciſo pois procurar ajudar a natureza a deſembaraçar-ſe, e não a perturballa.

(*As ourinas.*) Para ſollicitar huma filtração facil das ourinas, he preciſo uſar de bebida muito leve, e muito evacuante, capaz de ſe empregnar das partes ſalinas, e terreſtres do ſangue. Quando são impellidas para a bexiga, e que a natureza preciſa que a ajudemos a expellillas, ou retellas, he muito nocivo, como tambem

ourinar de manhã ſem dar alguns paſſos pelo apoſento.

(*O ſuor, e a tranſpiração.*) O ſuor, e a tranſpiração são de todas as ſecreções as mais abundantes, he muito facil o deſordenallas; convém cuidar em conſervallas, e evitar tudo o que poſſa ſupprimillas. Para eſte effeito he neceſſario abrir os póros das glandulas, e procurar a ſahida do humor da tranſpiração groſſeira, e eſtagnada por meio das fricções ſeccas feitas com hum panno, ou eſcova, e alimpar a pelle de tempos a tempos, por meio de banhos tépidos, e por pediluvios, mãos, e cabeça, e de todas as partes que tranſpirão baſtante.

Sabe-ſe que o frio tapa os póros, e diminue, ou ſupprime a tranſpiração, e o ſuor. Ha muitos meios de evitar eſta deſordem; os principaes são veſtir a tempo os veſtidos de inverno, e deixallas muito tarde, e de não paſſar de repente de hum ar quente para o frio, como tambem de não beber agua gelada, ou fria eſtando ſuado, ou tranſpirando, ou tendo-ſe fallado por algum tempo com exceſſo.

(*As conjuncções.*) No tempo das con-

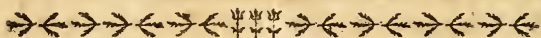
conjuncções, ou proximo a ellas deve haver cuidado de não fazer ſangrias a mulher que eſtá neſte eſtado, ſobre tudo nos braços, de evitar todas as couſas que lhe poderião cauſar medo, e de não metter os pés em agua fria.

(*As evacuações habituaes.*) As peſſoas ſanguineas são ſujeitas muitas vezes a hum fluxo hemorrhoidal, e periodico, e a outras evacuações da meſma, ou differente eſpecie que he preciſo não ſupprimir, e ás quaes convém ſupprir pela ſangria; quando o fluxo, ou as outras evacuações ſe ſupprimem, ou acabão, e vem a ceſſar.

(*Os excrementos fecaes.*) A difficuldade de expulſar os excrementos fecaes altera a ſaude. Deve-ſe pois indagar a ſua cauſa para a deſtruir pelo regimen, e ajudar a natureza para fazer huma, ou duas operações cada dia por meio de ajudas, das quaes não convém com tudo fazer hum uſo muito habitual.

§. VI. (*As paixões da alma.*) As paixões, e affecções da alma produzem ſobre nós effeitos bem ſenſiveis. Alegria, e o temor, ou triſteza são as principaes, a que ſe podem referir todas as outras. Na primeira os eſpiritos correm

com

com muita preſtreza, e vivacidade, na outra tudo he retido, e concentrado. Póde concluir-ſe daqui que as que são violentas deſordenão muito a ſaude, e que importa muito evitallas, e cuidar muito em conſervallas brandas, e moderadas.

PRINCIPIOS
DE
CIRURGIA.

TERCEIRA PARTE:
PATHOLOGIA.

A Pathologia tem por objecto as enfermidades do corpo humano, ſuas differenças, cauſas, ſinaes, ſymptomas, e accidentes. A enfermidade he hum eſtado em que huma, ou muitas funcções do corpo eſtão offendidas. Deve conſiderarſe pelo que reſpeita ás enfermidades em geral.

1°. Sua

1°. Sua divisão em muitas eſpecies, e os differentes nomes que ſe lhes dão. 2°. Suas cauſas. 3°. Seus ſinaes. 4.° Seus ſymptomas, e accidentes.

O que os Authores exprimem por eſtes quatro termos Gregos, Noſologia, Etiologia, Seméiotica, e Symptomatalogia.

CAPITULO I.

Diviſão das enfermidades em muitas eſpecies, e dos differentes nomes que ſe lhes dão.

OS nomes, e as differenças das enfermidades tirão-ſe das ſubſtancias, ás quaes ellas ſobrevem, e de outras algumas circumſtancias particulares, que as acompahão.

1.° (*Pelo que reſpeita ás ſubſtancias.*) Pelo que reſpeita ás duas ſubſtancias que compõe o corpo humano, a ſaber os ſólidos, e os fluidos, ſe divide em duas eſpecies. Chamão-ſe enfermidades ſimilares, e organicas aquellas, que accommettem os ſólidos; chama-ſe Plethora, e Cacochymia as que accommettem os fluidos.

(*Em*

(*Em que consistem as enfermidades similares?*) As enfermidades similares consistem humas na relaxação, e atonia das fibras; outras na sua contracção; e outras em fim na sua rotura. (*E as organicas?*) As enfermidades organicas são de duas especies. A primeira procede da má conformação. A segunda vem da solução de continuidade das partes. A primeira se subdivide em quatro classes.

Na primeira contém se as enfermidades que procedem da grandeza desproporcionada de huma parte, taes como são os tumores sobrenaturaes, e aquelles que procedem da sua pequenez, taes como são as enfermidades em que as partes são atrofiadas.

Na segunda se contém as que procedem da má figura de huma parte. Esta má figura póde ser de nascimento, como o beiço leperino; ou ser causada por accidente, como a deslocação, ou fractura de huma parte deslocada, ou fracturada.

Na terceira se contém as que consistem em o número extraordinario de certas partes, como naquelles que tem seis, ou quatro dedos. Em fim na quarta se contém as que consistem na situação das partes,

tes ; taes como são as deslocações, as hernias, &c.

(*Que cousa he solução de continuidade.*) A solução de continuidade he huma divisão das partes, ou simplices, ou organicas, que segundo a ordem natural devião ser unidas; taes como são as feridas, e as ulceras nas partes molles; as fracturas, e as carias das partes duras, &c.

(*As enfermidades dos fluidos.*) As enfermidades que accommettem os fluidos são de duas especies a Plethora, e a Cacochymia. (*A Plethora.*) A Plethora he huma abundancia de humores que impedem as funcções, a qual póde ser espalhada por todo o corpo, ou só em huma parte. (*A Cacochymia.*) A Cacochymia he huma alteração de todos, ou de alguns humores que desordenão nossas funcções.

2°. Dão-se differentes nomes ás enfermidades, segundo as differentes circumstancias que as acompanhão. (*Pelo que respeita a suas causas.*) Divide-se pelo que respeita ás suas causas em Sporadicas, pandemicas, benignas, e malignas. (*As Sporadicas.*) As Sporadicas são as que procedem de diversas causas, e a diffe-

ren-

rentes pessoas ao mesmo tempo, como a Erysipela a humas, e o Fleumão a outras.

(*As Pandemicas.*) As Pandemicas são as que reinão em hum paiz. Dividem-se em Endemicas, e em Epidemicas. (*As Endemicas.*) As Endemicas são as que reinão sempre em huma mesma Região, ou por causa do ar que nella se respira, ou por causa das aguas que se bebem. Tal como he o guetre em Saboya, as escrofolas em Hespanha, a plica em Polonia, o escorbuto em o Norte, e o dragonó em America.

(*As Epidemicas.*) As Epidemicas são as que affligem hum paiz inteiro, mas que são passageiras. Taes como são a peste, as bexigas, &c. (*As beniguas.*) As enfermidades benignas são as que não são acompanhadas de algum symptoma máo. (*As malignas.*) As enfermidades malignas são as que tem symptomas perigosos, e extraordinarios.

(*Pelo que respeita ás suas origens.*) Pelo que respeita á origem das enfermidades, se dividem em idiopaticas, symptomaticas, criticas, hereditarias, e adquiridas. (*As idiopaticas.*) As enfermidades idiopaticas são as que dependem do

do proprio vicio da parte em que se encontrão; como huma erysipela, ou hum fleumão simples que sobrevem a alguma parte.

(*As Symptomaticas.*) As Symptomaticas pelo contrario são aquellas que dependem do vicio de outra qualquer parte, que não seja aquella em que se manifestão. Tal como he a inflammação da conjunctiva em consequencia das feridas do cerebro; porque esta he causada pela lesão da dura-mater.

(*As criticas.*) As enfermidades criticas são as que tem sua origem em outra qualquer enfermidade, a qual ellas terminão. Taes como são as parotidas nas febres malignas.

(*As hereditarias*) As enfermidades hereditarias são as que dependem do vicio dos líquidos de nossos pais, e mãis; e as quaes delles contrahimos, vindo a este Mundo. Taes como são algumas vezes a gota, a pedra, &c.

(*As adquiridas.*) As enfermidades adquiridas são as que adquirimos depois de nascidos. Tal como o gallico, &c. (*As curaveis, incuraveis, perigosas, e mortaes.*) Pelo que respeita ao seu acontecimento; isto he, ao seu bom, ou máo suc-

ſucceſſo; ha enfermidades que ſe podem curar, outras que são incuraveis; ha humas leves ſem perigo algum, outras perigoſas, e outras mortaes. (*As contagioſas.*) Pelo que reſpeita á ſua communicação ha contagioſas, quero dizer, que ſe contrahem por algum contacto mediato, ou immediato, e outras que o não são.

(*Pelo que reſpeita a ſeu effeito.*) Pelo que reſpeita a ſeu effeito chamão-ſe humas ſimplices, outras compoſtas, e outras complicadas. (*As ſimplices.*) As enfermidades ſimplices são que para ſe curarem não precisão mais que huma ſó indicação. Tal como he huma ferida ſimples feita nas partes carnoſas com inſtrumento que corta, e que ſó requer a reunião.

(*As compoſtas.*) As enfermidades compoſtas são as que para ſe curarem neceſſitão de muitas indicações, mas ás quaes ſe podem ſatisfazer ao meſmo tempo. Tal como he huma ferida com hemorrhagia de ſangue. (*As complicadas.*) As enfermidades complicadas são as que precisão de muitas indicações, as quaes todas requerem huma cura particular. Tal como he huma fractu-

ra

ra com contusão, ferida, e dores consideraveis.

(*As enfermidades complicadas em quantas especies se dividem.*) As enfermidades complicadas são de tres especies; humas são complicadas com suas causas, outras com differentes enfermidades, e outras com os accidentes.

(*Pelo que respeita á sua duração.*) Pelo que respeita á duração das enfermidades, se distinguem em agudas, e em chronicas. As enfermidades agudas são as que se terminão promptamente para bem, ou para mal. Taes como são todas as inflammatorias. As enfermidades chronicas são as que durão muito tempo, e algumas vezes tambem toda a vida, como o cirro, as escrofolas, os ankylosis, &c.

(*Pelo que respeita a seus tempos.*) Distinguem-se tambem todas as enfermidades em quatro tempos, excepto as que se terminão com a morte. O primeiro tempo he o principio da enfermidade. Comprehende o espaço que se acha entre o primeiro instante, e o progresso dos symptomas. O segundo he o do augmento, isto he, aquelle em que os symptomas se multiplicão, e se fazem mais

con-

consideraveis. O terceiro o do estado, isto he, aquelle em que os symptomas estão no seu maior grão. O quarto finalmente he aquelle em que os symptomas diminuem sensivelmente, e desapparecem gradualmente.

(*Pelo que respeita á idade, e ao sexo.*) As enfermidades são tambem differentes segundo as idades, e differentes sexos, isto he; que ha algumas que são particulares a cada sexo, e outras a que se está mais sujeito em huma certa idade que na outra. Pelo que distinguirão-se em as dos meninos, dos adultos, dos velhos, das mulheres, e dos homens.

(*As dos meninos.*) Os meninos estão muito sujeitos á sarna lactea, á tinha, ao zunido dos ouvidos, á procidencia do anus, ás palpitações, ás ofthalmias, ás escrofolas, aos rachites, e á pedra na bexiga.

(*Dos adultos.*) Os adultos, á esquinencia, ás hemorrhoidas, ás inchações, e engorgitações das glandulas, e ás inflammações. (*Dos velhos.*) Os velhos á gota, á cataracta, á dificuldade de ourinar, á retenção das ourinas, ás arêas, á pedra, ás ulceras dos rins, á da be-

bexiga, a gangrena secca, e ás hernias.

(*As das mulheres.*) Pelo que respeita ao sexo feminino; as enfermidades particulares das mulheres, são a imperforação da vulva; a falta, ou suppressão das conjuncções, do que se seguem bastantes accidentes, a prenhez, as vêas inchadas, o parto natural, ou difficil, os depositos lacteos, o leite extravasado, as gretas nos bicos dos peitos, a procidencia, ou descida da vagina, e da madre, as molas, os cancros das mammas, e da madre, sobre tudo n'uma certa idade.

(*As dos homens.*) As enfermidades particulares aos homens são os tumores dos testiculos, os cancros destas partes, e do membro viril, o fymosis, e parafymosis. Tambem são mais sujeitos que as mulheres á difficuldade de ourinar, e á retenção de ourinas, e á pedra da bexiga.

(*Pelo que respeita á situação das partes.*) Pelo que respeita á situação das partes que as enfermidades accommettem, se dividem em internas, e em externas. (*As internas.*) As enfermidades internas são as que accommettem as partes en-

encerradas, como o cerebro, os pulmões, &c. (*As externas.*) As externas são as que sobrevem em algumas partes exteriores, e que não accommettem as internas, sem que primeiro tenhão offendido as primeiras. O conhecimento destas ultimas enfermidades, e das internas que carecem da operação manual são o assumpto da Cirurgia.

CAPITULO II.

Das causas das enfermidades.

(*QUe cousa he causa das enfermidades.*) As causas das enfermidades são todas as causas que offendem a acção, produzindo então huma desordem dos sólidos, ou dos fluidos, ou de ambos juntamente. (*Sua divisão.*) Dividem-se as causas das enfermidades em internas, e externas, em remotas, e em immediatas, em primitivas, em antecedentes, e em conjunctas, ou mistas.

As internas achão-se em nós mesmo. Ellas são os effeitos das causas externas, muitas vezes, ellas mesmas são as enfermidades. (*Causas externas.*) As externas pelo contrario estão fóra de nós,

e

e nunca são enfermidades. Estas pela maior parte são determinantes, ou dispositivas, quero dizer, que ordinariamente não são causa das enfermidades senão em quanto ha alguma disposição interna, que a causa externa determina.

§. I. (*Causas internas.*) As causas internas achão-se em os fluidos, e nos sólidos. Os sólidos cujo elaterio, e integridade natural estão perdidos, ou cujo elaterio se augmentou, vem a ser causa das enfermidades.

(*O elaterio augmentado.*) A tensão excessiva das fibras dos sólidos causa huma desordem na circulação do sangue, e dos espiritos; dalli vem a engorgitação, ou inchação dos vasos, a inflammação, a gangrena, a febre, a convulsão, &c. Ella produz tambem a compressão de certas partes pelo aperto das membranas de que estão rodeadas; e a retenção, ou diminuição de certas evacuações, como acontece na tensão do esfincter da bexiga que causa a retenção da ourina.

(*O elaterio perdido.*) O elaterio dos sólidos perdido faz cahir as partes na falta de acção. Dalli vem a perca, ou diminuição do orgão, como na paralysia

da bexiga, e algumas vezes a engorgitação dos líquidos nas partes, como na ranula, &c.

(*Integridade perdida.*) Quando a integridade dos sólidos está perdida por qualquer causa que seja, chama-se este defeito solução de continuidade. As pancadas, ou golpes feitos com alguns instrumentos cortantes, perfurantes, ou contundentes, &c. a produzem. Ainda que o vicio dos fluidos seja de si mesmo enfermidade, com tudo deve considerar-se aqui como causa de enfermidade.

(*Vicio dos fluidos.*) Este vicio he contrahido des do ventre da mãi, se o seu sangue está empregnado de algum vicio particular; por exemplo, do venereo, escorbutico, escorfuloso, &c., ou depois de nascido, seus fluidos tem perdido suas boas qualidades por qualquer causa externa, ou por defeito dos sólidos. Os fluidos podem ser viciados, ou na sua qualidade, ou quantidade. (*Vicios do chylo.*) A quantidade demasiadamente grande, ou pequena do chylo, sua espessura, a sua fluidez grande de mais, e a sua acrimonia são os vicios deste licor, capazes de causar differentes enfermidades.

(*Vi-*

(*Vicios do ſangue.*) A abundancia, ou a pequena quantidade de ſangue, ſua diſſolução, ſua craſſidão, acrimonia, o augmento, a diminuição, ou a falta de ſeu movimento, deſenvolvimento, ou a impreſsão de differentes virus, os quaes são o venereo, eſcorbutico, cancroſo, eſcrofuloſo, pſorico, gotoſo, hydrofobico são os defeitos deſte liquido que podem produzir enfermidades.

(*Vicios dos humores emanados do ſangue.*) Em fim a quantidade dos humores demaſiadamente grande, ou pequena, que ſe ſeparão da maſſa do ſangue, ſua craſſidão, a ſua fluidez nimiamente grande, e acrimonia são tambem outras tantas cauſas de enfermidades.

§. II. (*Cauſas externas.*) Podemſe reduzir as cauſas externas das enfermidades a ſete eſpecies; a ſaber, pancadas, quedas, esforços violentos, fortes ligaduras, ou compreſsões, a acção do fogo, o contacto, a introducção de algum corpo extranho nos orificios naturaes, ou na ſubſtancia das partes, e o máo uſo das ſeis cauſas não naturaes. (*Pancadas, golpes, quedas, &c.*) Facil couſa he o conceber que as pancadas, esforços violentos, e as fortes li-

gaduras, ou compressões são causa das enfermidades; porque podem destruir a integridade de nossas partes sólidas, ou occasionar alguma dislocação.

(*O fogo.*) Pela acção do fogo entende-se não sómente do fogo ordinario, mas tambem de todas as cousas que podem queimar; taes como são a cal, a agua forte, polvora, &c. Todas estas causas dividem os sólidos, e accelerão o movimento dos fluidos. Sua acção he por consequencia causa das enfermidades.

(*O contacto.*) Quatro especies de contacto podem occasionar as enfermidades: 1.° A respiração de hum máo ar: 2.° O simples tacto de huma pessoa enferma, ou de qualquer causa que ella tiver tocado: 3.° O congresso de huma pessoa sã com outra infecionada: 4.° O tacto, ou mordedura, e picada dos animaes venenosos, como da vibora, do escorpião, de hum animal damnado; &c. A primeira occasiona a peste, o escorbuto, &c. A segunda occasiona a sarna, &c. A terceira, além destas enfermidades, occasiona tambem o gallico. A quarta causa a introducção no sangue de hum humor venenoso, de hum virus hydrofobico; &c.

(*Os*

(*Os córpos estranhos.*) Os córpos estranhos introduzidos nos ouvidos, garganta, vagina, bexiga pela urétra, no olho offendem pela sua demora os orgãos em que estão, e produzem muitos accidentes. As lombrigas cujos ovos se engolem com os alimentos, consomem o chylo, picão os intestinos, donde procedem a magreza, e as convulsões nos meninos, e ajuntando-se fórmão algumas vezes tumores.

(*As causas não naturaes.*) As causas não naturaes que podem ser causa de enfermidades são todas necessarias para a saude, e não offendem senão pelo seu excesso, ou pór algum vicio que tem contrahido; como são o ar, os alimentos; o movimento, e a quietação, o somno, e a vigia, os humores retidos, ou evacuados, e as paixões d'alma.

I. O calor, o frio, a seccura, a humidade, a infecção, e variações do ar são outras tantas differentes qualidades que podem occasionar enfermidades.

O grande calor rarefaz os líquidos, augmenta seu movimento, e impede as secreções; o muito frio condensa os fluidos, tapa os póros, augmenta a força das fibras. Quando o frio he excessivo ex-

extingue congelando o principio vital das partes as mais diſtantes do coração. (*O ar.*) O muito ſecco diſſipa as partes fluidas do ſangue. O muito humido relaxa as fibras, e diminue a tranſpiração pulmonar, e cutanea. O infectado cauſa enfermidades malignas. Suas variações ſubitas produzem tambem enfermidades, ou accelerando, ou ſupprimindo a tranſpiração, &c.

II. (*Os alimentos.*) Os alimentos podem ſer nocivos pela ſua qualidade, ou quantidade; pela ſua qualidade ſendo acres, ſalgados, eſpirituoſos, demaſiadamente craſſos, ou nimiamente fluidos; pela ſua quantidade, quando ſe tomão com exceſſo, ainda que bons, ou quando delles ſe não toma ſó o que baſte para reparar as perdas que tem feito a natureza.

III. (*O movimento, e quietação.*) O grande movimento, e a demaſiada quietação são cauſas das enfermidades; o movimento, porque diſſipa as partes fluidas, e eſpirituoſas; a quietação, porque altera a brandura das fibras muſculoſas, a qual ſe não póde conſervar, ſenão por hum exercicio moderado, e cuja perda produz a craſſidão dos liquidos.

IV.

IV. (*O ſomno, e a vigia.*) O exceſſo do ſomno, e o da vigia produzem tambem enfermidades; o do ſomno, occaſionando a eſpeſſura dos líquidos; e o da vigia cauſando huma diſſipação demaſiada dos eſpiritos animaes.

V. (*Os humores retidos.*) Os humores, que no eſtado da ſaude emanão em certa quantidade da maſſa do ſangue; a ſaber, a byle, as ourinas, o humor da tranſpiração, as hemorrhoidas, os lochios, &c. vem a ſer a origem de infinidade de enfermidades, quando ſua evacuação he demaſiadamente abundante, ou quando ella eſtá ſupprimida.

(*As paixões d'alma.*) As paixões violentas d'alma quando ellas durão, causão nos eſpiritos, na circulação do ſangue, e nas ſecreções huma depravação que produz differentes enfermidades, ſegundo ſua diverſidade, e duração. (*As cauſas remotas.*) No que reſpeita ás outras divisões das cauſas das enfermidades, notar-ſe-ha, 1.° Que as cauſas remotas são aquellas que são diſpoſtas para produzir enfermidades, com tanto que quaeſquer outras concorrão; (*Cauſa immediata.*) que as proximas, ou immediatas são as que produzem o mal

pre-

prefente, e fendo ellas iffeparaveis das enfermidades; por exemplo, a paffagem do fangue pelos vafos lymfaticos he iffeparavel da inflammação, de que he a caufa immediata. O conhecimento das caufas immediatas he abfolutamente neceffario para a cura das enfermidades. (*Caufa primitiva.*) Notar-fe-ha, 2.º que as caufas externas forão chamadas pelos Antigos primitivas, ou procatarcticas; e as internas, antecedentes, e conjunctas.

(*Antecedente.*) Elles entendião por antecedentes os líquidos que circulão nos vafos, (*Conjuncta.*) e por conjunctas eftes mefmos líquidos retidos nas partes enfermas.

CAPITULO III.

Dos finaes das enfermidades.

(*QUe coufa feja final de enfermidade.*) Sinal da enfermidade he o que faz conhecer, e diftinguir as caufas que a produzem, fua natureza, duração, e fuas confequencias. Diftinguem-fe em geral tres efpecies de finaes; a faber; commemorativos, diagnofticos, e prognofticos.

§. I.

§. I. (*Os commemorativos.*) Os commemorativos nos ensinão o que se tem passado antes da enfermidade, e se tirão de tudo o que a precedeo; a saber, da maneira de viver do enfermo, do paiz em que tem habitado, da constituição de seus pais, e mãis, da situação em que estava quando o ferírão; se se trata de alguma ferida, das molestias a que tem sido sujeito, ou das que tem contrahido, &c.

Estes sinaes conduzem para hum perfeito conhecimento da enfermidade, de suas causas, e da consequencia que póde ter, e nos indica juntamente com os diagnosticos, os remedios convenientes.

§. II. (*Os diagnosticos.*) Os sinaes diagnosticos nos descobrem o estado presente de huma enfermidade, e nos fazem julgar deste modo de suas causas, e natureza. (*Sua divisão.*) Distinguem-se em communs, e em proprios; em positivos, e em exclusivos; em univocos, e em equivocos; em sensiveis, e em racionaes; ou por melhor dizer naquelles que a razão descobre. Tambem ha certos que se chamão pathognomonicos.

(*Os communs.*) Os sinaes communs

são

são que se encontrão sempre em huma mesma especie de enfermidade; por exemplo, o tumor he hum sinal commum a todos os apostemas. (*Os proprios.*) Os sinaes proprios são os que são particulares a cada enfermidade, e que as caracterizão; isto he, que distinguem a differença entre muitas enfermidades da mesma especie; por exemplo, a fluctuação he hum sinal particular que nos faz conhecer a differença que ha entre hum tumor onde ella se acha, e outro onde a não ha.

2.° (*Os positivos.*) Os sinaes positivos são os que determinão tão claramente de que especie he huma enfermidade que della se não póde duvidar; por exemplo, a hemorrhagia consideravel de huma ferida, he hum sinal positivo que nella ha hum vaso roto. (*Os exclusivos.*) Os sinaes exclusivos são os que fazendo conhecer que huma enfermidade não he de huma tal, e tal especie descobrem de que especie he effectivamente. Por exemplo, quando hum homem tem soluço com vomito bilioso, e materias fecaes, senão ha tumores em a verilha, ou na circunferencia do ventre, he hum sinal exclusivo, que fazendo conhecer que não

ha

ha hernia, dá lugar de presumir que o vomito procede de hum volvulo.

3.° (*Os equivocos.*) Os sinaes equivocos são os que apparecem em differentes especies de enfermidades. Por exemplo, a dor que se sente em huma parte, e a difficuldade de a mover, são sinaes equivocos, porque elles se encontrão igualmente quando ha dislocação, e fractura. (*Os univocos.*) Os sinaes univocos são os que se não encontrão senão em huma especie de enfermidade, e que por consequencia a caracterizão. Por exemplo, se introduzindo a algalia na bexiga, nella se encontra hum corpo duro, he hum sinal univoco que o enfermo está accommettido de pedra.

4.° (*Os sensiveis.*) Os sinaes sensiveis são os que se manifestão a nossos sentidos, á vista, ao ouvido, ao cheiro, ao tacto, e algumas vezes ao gosto. Eis-aqui os exemplos. (*A vista.*) Pela vista se reconhece a má conformação, as soluções de continuidade externas, &c. (*O ouvido.*) Pelo ouvido se percebem os pedaços dos ossos fracturados fazer em hum certo ruido, quando se toca huma fractura. &c. (*O cheiro.*) Pelo cheiro se reconhecem a mortificação, e a especie de

de humor que sahe de huma ferida, ou ulcera, &c. (*O tacto.*) Pelo tacto se certifica a extensão, e penetração, e direcção de huma ferida, ou de huma fistula; reconhecem-se os depositos, e ajuntamentos de humores, e as arterias que cortallas sería perigoso, quando se fazem certas operações. (*O gosto.*) Em fim pelo gosto se reconhece a especie de fluido que sahe por huma abertura, ou ferida; por exemplo, se he bile, ou outro qualquer licor.

(*Os racionaes.*) Os sinaes racionaes são os que o raciocinio descobre. Estes sinaes não são, propriamente fallando, sinaes, mas conclusões que se tirão dos sinaes exteriores tateando as enfermidades, seus gráos, suas circumstancias, e os remedios que lhes convém. Para tirar estas conclusões com exactidão, precisa attender a sinco cousas: 1.° A's funções offendidas: 2.° A' parte affecta: 3.° A's evacuações supprimidas, ou contra-naturaes: 4.° A' situação, e á especie de dor que sente o enfermo: 5.° Em fim ás cousas que allivião, ou augmentão o mal.

5.° (*Os pathognomonicos.*) Os sinaes pathognomonicos são os que são isse-

isseparaveis da enfermidade, e que se tirão de sua essencia. Por exemplo, a sahida da ourina por huma ferida do hypogastrio, he hum sinal pathognomonico que a bexiga está ferida.

§. III. (*Os prognosticos.*) Os sinaes prognosticos são os que nos fazem prever a duração, e as boas ou más consequencias de huma enfermidade. Tirão-se do gráo da differença, e complicação das enfermidades, de suas causas, da natureza das partes enfermas, e da sua necessidade para a vida, e saude; dos accidentes, da idade do enfermo, de seu temperamento; de seu sexo, da difficuldade de applicar os remedios, &c.

(*Importa attender aos sinaes sensiveis.*) Nada importa mais em certas enfermidades como attender aos sinaes sensiveis. A qualidade, e a quantidade das ourinas, e das outras excreções, como o suor, e a transpiração; a situação em que o enfermo se deita, e o estado da pelle da cara, dos olhos, da lingua, e do pulso, fazem muitas vezes conhecer perfeitamente a natureza, e o gráo da enfermidade.

(*E sobre tudo o pulso.*) O conhecimento do pulso he mais que tudo neces-

cessarissimo; porque o pulso he produzido pela dilatação, e contracção alternativa, e successiva do coração, e das arterias; por meio da qual o sangue he enviado pelo coração ás arterias, e das arterias para as vêas, as quaes o tornão a levar para o coração. Assim esta pulsação que procede da circulação do sangue, deve fazer conhecer a sua igualdade, ou alteração.

1.° (*As differenças no tempo da saude.*) O pulso se manifesta de differentes maneiras no estado de saude; he grande, apressado, pequeno, lento, forte, fraco, duro, ou molle. O pulso grande he aquelle, no qual a arteria se faz perceber muito dilatada. Este denota abundancia de sangue, e que o coração lança bastante para a arteria. O pulso pequeno, he aquelle que faz sentir pouco a dilatação da arteria. Elle indica que não ha demasiada abundancia de sangue, e que o coração expulsa pouco. O pulso ligeiro ou apressado, he aquelle no qual a arteria bate frequentemente. O pulso lento, he aquelle no qual a dilatação da arteria se faz sentir raramente. O pulso he forte quando he grande, e apressado ao mesmo tempo. He fraco quan-

quando pelo contrario he juntamente pequeno, e lento.

A dureza do pulſo procede da aſpereza das paredes da arteria, que reſiſtem aos dedos. Eſta qualidade de pulſo he ordinaria na mocidade, nos ſujeitos biliofos, nos velhos, &c. A brandura, ou molleza do pulſo procede da brandura das paredes da arteria que reſiſtem pouco aos dedos. Eſta qualidade de pulſo acha-ſe ordinariamente nos meninos, nos ſanguineos, e nos fleumaticos, porque ſuas fibras são molles.

(*O que o faz variar.*) Hum grande número de circumſtancias fazem variar o pulſo no meſmo eſtado de ſaude. A idade, o ſexo, as eſtações, o exercicio, o ar, as paixões da alma, o beber, e o comer, &c. lhe causão mudanças conſideraveis.

2.° (*Quando indica a febre.*) Quando o pulſo he de huma preſteza extraordinaria indica a febre, que he algumas vezes precedida de frios, e he ſempre acompanhada de hum calor mais, ou menos conſideravel.

A frequente contracção das fibras do coração, e dos vaſos he a cauſa immediata deſta velocidade, ou eſta contrac-

tracção provenha de huma abundancia demaſiadamante grande de ſangue levado ao coração ; por exemplo, quando ſe corre, ou ſobe huma ladéira, ou proceda de huma influencia de eſpiritos animaes, determinada nas fibras do coração, e na arteria, como em huma dor, &c.

(*Quando elle he muito máo.*) A velocidade do pulſo de ordinario não indica perigo algum, quando eſta ſe ajunta á força, á igualdade, e á grandeza; mas quando he apreſſado, pequeno, duro, deſigual, intermittente, ou convulſivo he muito máo ſinal. O pulſo duro indica craſſidão no ſangue, e huma plenidão nos vaſos das paredes das arterias; a obſtrucção, e embaraço nos vaſos capillares, e difficuldade nas ſecreções, &c.

O pulſo deſigual he aquelle, em que as pulſações são humas vezes grandes, outras pequenas; elle faz ver que o ſangue paſſa difficultoſamente do coração para os vaſos. O pulſo intermittente he aquelle, em que as pulſações são muito interrompidas; iſto he, que de duas em duas, de tres em tres, de quatro em quatro, &c. pulſações, o pulſo

ſo deixa de bater huma, ou duas vezes.

No pulſo convulſivo, as pulſações ſe fazem por ſobreſalto, com tremuras, e eſtiramento irregulár, como ſe a arteria ſe retrahiſſe para o coração, indica que o curſo dos eſpiritos nervoſos do coração, e das arterias he muito irregular. Eſte he propriamente o pulſo dos moribundos. O pulſo ao meſmo tempo duro, e pequeno, deſigual, frequente, e intermittente, he muito máo, e indica hũa morte proxima, quando he convulſivo.

(*Obſervação quando ſe toma o pulſo.*) Para julgar bem do eſtado do pulſo, deve tomar-ſe nos dous braços, e obſervar, que haja algum tempo que a peſſoa não tenha comido nem feito movimento algum, e que o braço em que ſe toma eſteja eſtendido, e deſembaraçado. He preciſo ſaber tambem que ha peſſoas, cujo pulſo tem ſempre algum defeito, ainda no ſeu eſtado natural, e na mais perfeita ſaude. Por exemplo certos velhos o tem intermittente; os vaporoſos o tem deſigual. Pode-ſe perceber não ſó no pulſo mas tambem nas temporaes, na garganta, na coxa da perna, e no meſmo coração.

CAPITULO IV.

Dos Symptomas, e Accidentes.

§. I. (*QUe cousa he Symptoma.*) Symptoma he huma affecção contra a natureza, produzida pela enfermidade da qual se póde distinguir. (*Divisão.*) Os Symptomas se dividem em primitivos, e em consecutivos. (*Primitivos.*) Os primitivos, ou essenciaes são os que sobrevem no mesmo instante que a enfermidade principia, e que della são huma consequencia immediata, e proxima. Tal como he a hemorrhagia nas feridas dos vasos grossos: a vermelhidão, e forte pulsação na inflammação; a paralysia na compressão do cerebro, &c. Tambem alguns Authores dizem, que o Symptoma he huma affecção preternatural, que acompanha a enfermidade como a sombra segue o corpo.

(*Os consecutivos.*) Os consecutivos, ou secundarios são os que succedem á complicação de huma enfermidade, ou ao concurso de muitas causas, como ao lethargo, ou adormecimento na

in-

inflammação das menigens que sobrevem á forte compressão do pericaneo, &c.

(*Os Symptomas são os sinaes.*) Os Symptomas propriamente não são mais que sinaes da enfermidade, e se referem todos ás funcções que geralmente podem ser offendidas de tres maneiras; por diminuição das acções, como na fraqueza da vista; pela extincção de acções, como na paralysia; por depravação de acções como na convulsão.

§. II. (*Que cousa he accidente.*) Os accidentes das enfermidades são todas as cousas que podem sobrevir, mas que não fazem o caracter dellas. Taes são a dor, a hemorrhagia, a vigia, ou insomnia, a febre, a convulsão, a paralysia, a indigestão, e metastase. Por tanto os accidentes de huma enfermidade devem-se distinguir dos Symptomas.

1.° (*A dor.*) A dor he huma percepção desagradavel, produzida pela distensão de algumas fibras nervosas; (*Em que consiste a dor.*) o que occasiona hum curso irregular, e impetuoso dos espiritos animaes para o cerebro. Se aqui nos lembrarmos do que dissemos na Fysiologia que os nervos são os orgãos do sentimento, nenhuma admiração causará

que façamos conſiſtir a dor na diſtensão das fibrazinhas nervoſas; de mais diſſo parece que a experiencia o prova.

Com effeito hum cabello que ſe tire, huma ferida em que os labios ſe apartão, hum eſpinho cravado debaixo da unha, hum dente cariado, huma grande quantidade de líquido nos vaſos, hum tendão picado, ou meio cortado, hum oſſo deslocado, &c. tudo iſto não cauſa a dor, ſenão porque as fibraſinhas nervoſas são irritadas, eſtiradas, ou diſtendidas. Porque ſe deixa de tirar o cabello, ou de o arrancar; ſe ſe unem os labios de huma ferida; ſe ſe tira o eſpinho cravado debaixo da unha; ſe ſaca o dente cariado; ſe ſe evacuar demaſiada quantidade dos líquidos, ſe ſe corta inteiramente o tendão, e ſe ſe põe no ſeu lugar o oſſo deslocado, a viva dor ceſſa no meſmo momento, e pouco tempo depois mais não ſe ſente.

Como ella conſiſte na diſtensão das fibraſinhas nervoſas, he tanto maior quanto as fibras mais perto eſtão de ſua rotura. (*Sua cauſa.*) A diſtensão das fibras nervoſas he a ſua cauſa immediata, e tudo o que he capaz de as diſtender mais ou menos he a ſua cauſa remota; taes

taes são a repentina engorgitação dos vaſos, e a imperfeita cortadura de huma parte nervoſa, ou tendinoſa, huma diſlocação, a acrimonia do ſangue, &c.

(*O que faz a dor.*) A dor não póde durar tempo algum ſem que ella perturbe a digeſtão, as ſecreções, e a circulação, e que não cauſe a vigia, a agitação, o calor, e a febre, a ſede, a ſeccura, a convulsão, a inflammação, os depoſitos, a gangrena, e algumas vezes a morte, ſe ſe não conſeguir o applacala. Nem todas as partes do noſſo corpo são igualmente ſuſceptiveis de dor. As partes membranoſas, tendinoſas, apeneuroticas, ligamentoſas, muſculoſas, eſtão cheias de nervos, e por conſequencia são muito ſenſiveis, e muito delicadas, ao meſmo tempo que a gordura, o pulmão, o cerebro, o são muito menos, porque na ſua compoſição entrão menos nervos.

(*O que ſe deve conſiderar na dor.*) Tres couſas ſe devem conſiderar na dor, o agente, o paciente, e o juiz: o agente he tudo o que he capaz de diſtender as fibras nervoſas: o paciente he o que refere á alma o que ſe paſſa na parte; eſte he propriamente o nervo; e o juiz he

he a alma. (*As eſpecies de dor.*) Os antigos diſtinguião quatro eſpecies de dór; pulſativa, pungitiva, ou lancinante, tenſiva, e aggravativa; mas não querião exprimir por eſtes nomes ſenão a maneira como a dor ſe fazia ſentir em differentes enfermidades.

A dor que ſe imagina reſentir em hum membro, ou em huma parte depois que eſte membro, ou a parte deſte membro ſe tem cortado, e aquellas que as grandes feridas, ainda que curadas depois de muitos annos, causão as mudanças dos tempos, procedem tambem da diſtensão das fibras nervoſas.

A cauſa da diſtensão naquelles a quem ſe tem ſeparado hum membro, até o preſente eſtá incognita. Quanto á cauſa da dor depois de huma grande ferida, póde attribuir-ſe ao ar quente, ou frio que rarefaz, ou condenſa, todos os líquidos, e produz hum, ou outro effeito ſobre o ſangue que circula debaixo da cicatriz. Eſta impreſsão do ar he grande á proporção que a pelle da cicatriz he delgada. Ella cauſa huma inchação neſtes vaſos fracos, e fóra do eſtado de reſiſtir, e por conſequencia huma diſtensão nas fibras nervoſas que os envol-

volvem ; assim póde-se dizer que o ar obra neste caso como obra sobre o líquido de hum Thermometro.

2.° (*A hemorrhagia.*) A hemorrhagia he huma effusão tão consideravel de sangue, que ella he seguida bem depressa de fraqueza, e até da morte, a não se lhe acudir promptamente com os remedios necessarios. Para se julgar do perigo de huma hemorrhagia, e os meios de a fazer parar, importa muito conhecer de que especie de vasos ella vem, e a qualidade do sangue da pessoa.

3.° (*A vigia, ou insomnia.*) A vigia, ou insomnia he causada por tudo o que póde apressar, ou accelerar o movimento do sangue, e dos espiritos animaes.

4.° (*A febre.*) A febre he hum symptoma da inflammação, de dor, de suppuração que se fórma em hum tumor, ou ferida, ou a consequencia da entrada do pus em o sangue, &c. mas algumas vezes he accidental, e dependente de outro qualque vicio, o qual he preciso destruir.

5.° (*A convulsão.*) A convulsão he huma contracção dos musculos, violenta, involuntaria, repetida, e causada pe-

pela irritação de algumas fibras nervosas.

6.° (*A paralysia.*) A paralysia he huma privação do movimento, e algumas vezes do sentimento, causada por hum obstaculo que impede que os espiritos animaes não vão á parte accommettida della.

7.° (*A indigestão.*) A indigestão procede do que se tem comido muito depressa, e mal mastigado, ou em muita demasiada quantidade, e da fraqueza dos orgãos destinados para a digestão.

8.° (*O métastase.*) O métastase he o transporte de humor morbifico de huma para outra parte. (*A que enfermidades sobrevem.*) Quando sobrevem ás feridas, e ás ulceras chama-se refluxo de materia purulenta, quando sobrevem aos apostemas, chama-se delitescencia. (*Para onde se faz o transporte do humor morbifico.*) Este transporte de humor se póde fazer das partes interiores para as exteriores, e das exteriores para as interiores. No primeiro caso he saudavel aos enfermos, e algumas vezes tambem os cura das enfermidades, cuja causa he o humor transportado. Por exemplo, nas febres malignas, nas pestilenciaes, nas be-

bexigas: o humor que causa estas enfermidades se depõe algumas vezes nas parotidas, nas glandulas debaixo dos sovacos, nas das verilhas, e outras partes; o que termina para bem a enfermidade, com tanto todavia que o humor se transporte inteiramente para estas partes, e nellas se faça abscesso.

No segundo caso, o transporte do humor he sempre perigosissimo, e algumas vezes tambem mortal. Com effeito, que desordem não sobrevem quando o humor da gota, da sarna, das impigens, da erysipela, do rheumatismo, dos lochios, ou da gonorrhea, o leite das mulheres pejadas, ou de parto, o mesmo pús tornando a entrar na massa do sangue, e depondo-se sobre alguma parte interior?

Estes differentes humores não fazem algumas vezes se não mudar do lugar exterior detendo-se sobre algumas partes membranosas, como nas articulações, e membranas que recobrem os musculos. Então causão vivas dores, e algumas vezes outras desordens, mas sempre menos perigosas, que aquellas que são occasionadas, quando ellas se depõe interiormente.

O

O humor da Gonorrhea ſe tranſporta muitas vezes para os teſticulos, para o perineo, para o olho, articulações, e neſtas partes cauſa não ſómente viviſſimas dores, mas tambem inflammações, abſceſſos, e algumas vezes a perda da parte.

(*As cauſas do métaſtaſe.*) A natural ſubtileza do humor, a applicação dos medicamentos repercuſſivos feita intempeſtivamente, os purgantes mal adminiſtrados, o frio, as variações ſubitas do ar, a que os enfermos ſe expõe, as ſangrias feitas fóra de tempo; o máo regimen, e as paixões d'alma são as cauſas ordinarias do métaſtaſe.

PRIN-

PRINCIPIOS
DE
CIRURGIA.

QUARTA PARTE:
THERAPEUTICA.

(*O Que enſina a Therapeutica.*) A Therapeutica nos dá a conhecer as regras geraes que convém obſervar, e os meios que ſe devem uſar para a cura das enfermidades. (*O que ſe deve propôr na cura.*) O que convém propor-ſe para a cura das enfermidades, he deſtruir-lhe as ſuas cauſas, porque eſtas cauſas deſtruidas, as enfermidades que dellas são os effeitos, ceſsão ſem temor de recahida.

(*Como ſe alcança eſte fim?*) Alcança-ſe eſte fim por differentes meios, ou remedios, e he a indicação que preſen-

ſenta cada eſpecie de enfermidade, o qual determina a eſcolha que delles ſe deve fazer, e a ordem com que ſe devem applicar. Razão, por que ſe explicará primeiramente que couſa he indicação, e o que ſe entende por ordem; como ſe offerecem algumas vezes razões que obrigão a apartar deſta ordem, dellas ſe fallará ao meſmo tempo; e dizer-ſe-ha depois quaes são os remedios de que ſe uſa para curar as enfermidades chirurgicas. Em fim, expor-ſe-hão as regras que ſe devem ſeguir na prática de cada hum dos meios, e os differentes methodos curativos geralmente eſtabelecidos.

CAPITULO I.

Da indicação, da ordem que ſe deve guardar entre os meios indicados, e as circumſtancias que obrigão a apartar-nos deſta ordem.

§. I. (QUe *couſa he indicação.*) Indicação he o juizo que o Cirurgião faz ſobre a eſcolha dos meios de curar huma enfermidade, em conſequencia das circumſtancias que acompanhão eſta enfermidade.

de. (*Donde ſe tirão.*) Eſtas circumſtancias tirão-ſe de tudo o que a tem precedido, e do que acompanha a enfermidade; a ſaber, as cauſas, os ſymptomas, os accidentes, a ſimplicidade, a compoſição, a complicação da enfermidade; a idade, forças, ſexo do doente, e a eſtructura de ſeu corpo.

(*Que ſe entende por indicante, indicação, e indicado.*) As circumſtancias que acompanhão huma enfermidade chamão-ſe o indicante. O juizo que ſe faz em conſequencia deſtas circumſtancias, chama-ſe indicação. Os meios, ou os remedios que as circumſtancias determinão a uſar, chamão-ſe o indicado.

Não ſómente ſe chama indicação a miſtura geral das circumſtancias de huma enfermidade que determinão ſobre a eſcolha dos meios, e ſobre a eſpecie de methodo curativo; mas tambem cada huma deſtas circumſtancias em particular.

Muitas vezes entre eſtas circumſtancias ſe achão algumas que determinão a deſprezar os meios, que outras fazem uſar. Daqui ſe deduzírão os nomes de co-indicação, de contra-indicação, e de contra-co-indicação, ou contra-repugnancia. He facil ver que a co-indicação favorece a in-

indicação, e que a contra-repugnancia; ou contra-co-indicação favorece a contra-indicação.

Estas differentes indicações oppostas causão algumas vezes embaraços; importa então para nos não arriscarmos em cousa alguma, o recordarmo-nos de muitas regras geraes estabelecidas pelos Praticos.

1.ª Que as enfermidades se curem pelos seus contrarios. 2.ª Que nos grandes males se devem applicar grandes, e promptos remedios. 3.ª Que se a natureza não póde ajudar para que estes fação o seu devido effeito, são mais prejudiciaes que uteis. 4.ª Que vale mais em huma enfermidade mortal usar hum remedio incerto, que expôr o enfermo a huma morte certa. 5.ª Que as utilidades, e inconvenientes de hum remedio bem consideradas, se delle deve resultar maiores inconveniencias que utilidades não he prudencia usallo. Porque se se não curar, ao menos não se faça maior damno ao enfermo.

§. II. (*A ordem.*) Não basta conhecer os meios indicados, convém tambem conhecer a ordem, pela qual se deveráõ usar; e estas são tambem as circum-

cumſtancias que determinão eſta ordem. Aſſim póde reputar-ſe como fazendo parte do que he indicado.

§. III. (*O que determina a ſuſpender a ordem.*) Algumas vezes nos vemos obrigados a mudar, ou ao menos ſuſpender eſta ordem ao menos, ou porque as circumſtancias mudão, ou porque ſe apercebem algumas que ainda ſe não tem viſto.

(*O urgente.*) Quando eſtas circumſtancias que ſobrevem fazem aperceber hum perigo evidente em ſeguir a ordem que as primeiras havião indicado, obrigão a interrompellas de repente; iſto he, o que ſe chama urgente; quero dizer, neceſſidade inſtante. Eſte meſmo nome ſe dá ás circumſtancias que no primeiro momento em que ſe propoz a ordem, tem indicado que certos meios ſe devem uſar primeiro, e ſem indicação.

(*A cauſa.*) Entre as circumſtancias que não ſe appercebêrão logo, he preciſo reſpeitar como principaes, certas cauſas de enfermidades, que tendo ſido incognitas, então ſe vem a deſcobrir pelo progreſſo da moleſtia. O que acabamos de dizer faz muito bem entender tres couſas, que os Authores dizem que ſe devem

vem obſervar na cura das enfermidades; a ordem, a urgencia, e a cauſa. (*Exemplo.*) Hum ſó exemplo tirado de huma fiſtula em o anus fará mais ſenſivel o que acabamos de dizer.

Neſta eſpecie de enfermidade, a ſolução de continuidade he huma circumſtancia que obriga a ſollicitar a reunião, mas as durezas, e calloſidades de que a ulcera he acompanhada, requerem huma operação doloroſa que deve preceder á reunião. Se o enfermo eſtá muito fraco, he huma circumſtancia que ſe chama contra-indicação, e oppõe-ſe á operação. Se o enfermo eſtá tranquillo, e ſem febre, he huma circumſtancia que ſe chama co-indicação, e que diſpõe a fazer a operação. Se o enfermo padece indigeſtões, ou ſe a fiſtula penetra muito pelo interior do ano, e além do alcance do dedo, eſtas circumſtancias são o que ſe chama contra-repugnancia, ou contra-co-indicação, que deſvia o fazer a operação, cujo ſucceſſo feliz impedirá.

Porém ſuppondo que nenhum eſtorvo ha para a operação, eſta ſe deve fazer obſervando a ſua ordem. Põe-ſe logo o enfermo em huma conveniente ſituação; põe-ſe as peſſoas que devem ajudar,

dar, introduz-ſe huma tenta, até ao fundo da fiſtula, cortão-ſe, e extrahem-ſe todas as durezas, e calloſidades, &c. Depois da operação faz-ſe ſuppurar a ferida, alimpa-ſe, e tirão-ſe-lhe os obſtaculos que poderião impedir a regeneração das carnes, e a formação da cicatriz. Eis-aqui o que ſe entende pela ordem que convém ſeguir na operação, e na cura.

Se a dor, a inflammação, a hemorrhagia, &c. ſobrevem pelo tempo do curativo, interrompe-ſe a ordem que ſe tinha propoſto ſeguir, e deſtroem-ſe primeiro eſtes accidentes que fórmão eſtas precisões urgentes, como os Praticos lhes chamão. Se depois das curas ſe apercebe que as carnes vem baboſas, que a ſuppuração he abundante em demazia, que os labios da ferida ſe endurecem, &c. ha lugar de ſuppôr que ha alguma cauſa occulta que impede a cura. Convém então ſuſpender a ordem para buſcar eſta cauſa, e deſtruilla. Depois do que ſegue-ſe outra vez a ordem que ſe havia deixado.

CAPITULO II.

Dos meios, ou dos remedios que se usão para curar as enfermidades.

OS meios, ou remedios de que se usa para curar as enfermidades se reduzem geralmente a tres; a saber, ao regimen de viver, ou á dieta, aos medicamentos, e ás operações.

§. I. *Do regimen de viver.*

(*Que cousa he regimen de viver.*) O regimen de viver, ou a dieta (porque estes dous termos são synonymos) consiste na escolha, e quantidade das cousas não naturaes que convém para a cura das enfermidades. Este meio póde algumas vezes só bastar, e nunca os outros podem aproveitar sem elle. As causas não naturaes são o ar, os alimentos, o somno, e a vigia, a quietação, e o exercicio, as excreções retidas, ou evacuadas, e as paixões d'alma.

1.° (*O ar.*) O ar influe sobre a saude, e sobre a vida por meio tanto de suas boas, como de suas más qualidades. Deve-se pois fazer diligencia de sor-

te

te que o enfermo não respire hum ar máo, mas antes bom, e saudavel.

(*Como se corrigem suas más qualidades.*) Corrige-se o calor, e a seccura do ar por meio de hum vento artificial, e barrufando a casa com agua, ou com decocções de plantas frescas que se fação respirar. Corrige-se o frio, e sua humidade pelo fogo. Impede-se o effeito de sua inconstancia, conservando o enfermo em hum aposento fechado, e bem agasalhado, procurando-lhe a frescura, ou o calor á proporção que o ar se esfria, ou aquece. Em fim impede-se o effeito da infecção do ar por meio dos odoriferos.

Quando elle he tão máo que nada póde evitar, ou impedir seus máos effeitos, he preciso sendo possivel transportar o enfermo para outro lugar, e escolher aquelle em que o ar por sua qualidade seja mais proprio ao temperamento, e á qualidade, ou especie de enfermidade.

2.° (*Os alimentos.*) Os alimentos, dos quaes huns são sólidos, e outros líquidos, consistem na comida, e bebida. (*Os melhores.*) A escolha que delles se deve fazer, e a quantidade que delles se

deve tomar depende da enfermidade, da idade, e das outras circumſtancias. 3.° (*O movimento, e quietação.*) O movimento, e quietação ſervem tanto para o reſtabelecimento, como para a conſervação da ſaude. Em certos caſos he preciſo fazer paſſear, e agitar o enfermo, fazer-lhe esfregações ſeccas, mover-lhe certas partes; ordenar-lhe o exercicio a cavallo, e eſtes differentes movimentos podem contribuir muito para a ſua cura.

4.° (*O ſomno, e a vigia.*) Se hum enfermo dorme muito he preciſo acordallo, ſe padece inſomnias, he preciſo ſollicitar-lhe o ſomno por meio dos remedios convenientes. 5.° (*Os humores evacuados, ou retidos.*) Conſervão-ſe as evacuações, e ſobre tudo a tranſpiração tendo o corpo quente, e facilitão-ſe as evacuações dos excrementos fecaes, administrando ajudas.

6.° (*As paixães d'alma.*) As paixões d'alma quando chegão a hum certo gráo, deſtroem a ſaude, pela deſordem que produzem na circulação do ſangue, e dos eſpiritos, e impedem pela mais forte razão ſeu reſtabelecimento. He preciſo pois apartar dos enfermos todos os objectos, e todas as idéas que po-

de-

derião excitar nelles paixões mui demasiadamente vivas, e não lhes reprefentar fenão aquellas que defpertão paixões fuaves, e moderadas; porque eftas em vez de ferem nocivas, podem contribuir para a cura. A efperança, e alegria são de todas as paixões as que são mais proprias para efte fim.

§. II. *Dos Medicamentos.*

Para dar hum fufficiente conhecimento dos medicamentos, fería precifo entrar em huma individuação que excederia muito além dos limites que me propuz nefta obra. Baftar-me-ha dar a fua definição, e fazer conhecer fobre que fubftancias de noffo corpo elles obrão; dividillos em differentes claffes fegundo fuas virtudes; dar huma idéa dos medicamentos externos os mais ufuaes; ajuntar depois muitas fórmulas, ás quaes fe recorrerá quando fe tratar da cura das enfermidades.

(*Definição dos medicamentos.*) Os medicamentos são fubftancias, as quaes fendo tomadas interiormente, ou applicadas exteriormente, mudão a má difpofição do noffo corpo em huma melhor. (*Sobre que fubftancias elles obrão.*)

Obrão

Obrão sobre os sólidos, ou sobre os líquidos, ou tambem sobre ambos ao mesmo tempo.

(*Medicamentos simplices.*) Os medicamentos que se applicão sem preparação alguma da Arte, chamão-se simplices. (*Compostos.*) Os medicamentos formados pela união de muitos, e preparados pela Quimica, ou Farmacea chamão-se compostos.

Aquelles que ao mesmo tempo nutrem, e destroem o vicio, chamão-se medicamentos alimentosos, como o leite, &c.

(*Donde se tirão.*) Tirão-se dos vegitaes, animaes, e mineraes. (*Sua divisão.*) Dividem-se os medicamentos em internos, e externos. Os internos são aquelles que se tomão interiormente. Os externos são os que se applicão exteriormente, e tambem se chamão topicos.

Dos medicamentos internos.

(*Effeitos dos medicamentos internos.*) Os medicamentos internos fazem seus effeitos, evacuando os humores, ou alterando as substancias do corpo. Dividem-se os evacuantes em muitas classes, e são as seguintes.

Dos

Dos medicamentos evacuantes.

1.° Os externutorios excitão o espirro, e a sahida dos humores filtrados pelas glandulas da membrana pituitaria. 2.° Os Petialismaticos, ou Sialologos purgão a saliva, ou o fluxo da boca. 3.° Os Expectorantes dissolvem os humores espessos, e viscosos dos pulmões, e facilitão a sua sahida, e evacuação pelos escarros.

4.° Os Emeticos fazem lançar pela boca as materias contidas no estomago. 5.° Os Purgantes irritando, ou relaxando as fibras dos intestinos procurão a evacuação dos humores pelo anus. 6.° Os carminativos dissipão os flatos. 7.° Os Antiverminosos matão as lombrigas geradas no estomago, e nos intestinos.

8.° Os diureticos sollicitão huma filtração abundante das ourinas. 9.° Os diaforeticos augmentão a transpiração. 10.° Os sudorificos causão huma filtração, e huma abundante evacuação da materia do suor. 11.° Os Emmenagogos facilitão as conjunções, e os lochyos, e applacão os vapores.

Dos

Dos medicamentos alterantes.

(*Medicamentos alterantes.*) Os medicamentos alterantes são os que mudando a má diſpoſição dos ſólidos, ou dos fluidos não produzem evacuação ſenſivel alguma de noſſos humores. Dividem-ſe em muitas claſſes.

1.° Os adſtringentes abſorvendo a ſeroſidade dão elaterio aos vaſos, e approximão os ſeus lados. 2.° Os encraſſantes, e refrigerantes encraſsão o ſangue, e moderão-lhe o movimento. 3.° Os attenuantes tem a virtude de augmentar a fluidez dos humores diſſolvendo-os, e dividindo-os.

4.° Os diluentes fazem os humores mais fluidos ſem os mudar. 5.° Os anodinos, narcoticos, e hypnoticos applacão a dor, e concilião o ſomno. 6.° Os aperitivos diſſolvem as obſtrucções. 7.° Os vulnerarios conſolidão as feridas interiores, e exteriores; diſtinguem-ſe em adſtringentes, e deterſivos, e aperitivos.

8.° Os febrifugos curão as febres intermittentes. 9.° Os cefalicos são proprios para as enfermidades da cabeça. 10.° Os eſtomaticos curão as enfermidades do eſto-

tomago, e fortificão este orgão. 11.° Os hepaticos, e os esplenicos convém ás enfermidades do figado, e do baço.

12.° Os cardiacos augmentão as forças. 13.° Os alexiterios convém nas enfermidades contagiosas, e malignas. 14.° Os antiscorbuticos destroem o vicio escorbutico.

15.° Os anti-venereos combatem o fermento venereo.

Os medicamentos externos.

Os medicamentos externos, ou topicos obrão sobre os sólidos, ou sobre os fluidos, e dividem-se em muitas classes, segundo os differentes effeitos que produzem.

OS ANODINOS.

(*Anodinos.*) Os anodinos, e narcoticos applacão a dor. A dor he o accidente o mais urgente, e o mais para temer depois da hemorrhagia. (*Como obrão.*) Os anodinos applicando a dor destroem algumas vezes a causa. Com effeito a dor consiste na tenção das fibras nervosas, e a maior parte dos anodinos são propriamente os emollientes, que relaxão as fibras ao mesmo tempo que temperão a petulan-

lancia, ou vehemencia dos humores que correm para a parte. Quando huma dor viva não se applaca pela applicação dos anodinos, recorre-se aos narcoticos, os quaes a applacão por algum tempo sopitando os espiritos animaes.

Anodinos simplices.

Os banhos de agua tepida.

As flores, e folhas de plantas emollientes, applicadas em fomentação, e em cataplasmas.

As farinhas das sementes de linhaça, de funcho, &c.

As decocções de tripas.

O miolo de pão branco.

As gemmas de ovos.

O açafrão.

A polpa de canafistula.

A manteiga fresca.

A agua de sperma de rans.

Anodinos compostos.

O ungoento de Popolião.

O de Althea.

O ceroto de Galleno.

O Emplastro de mucilagens.

O oleo de gemmas de ovos.

O de minhocas.

Nor-

Nacroticos ſimplices.

As cabeças de papoulas brancas em decocção.	A bella dona.
O meimendro.	A Eſtromonia.
Amendragora.	A herva moura.
A cicuta.	O ópio em cataplaſma.

Narcoticos compoſtos.

O balſamo tranquillo.	As gotas anodinas.

OS REPERCUSSIVOS.

(*Repercuſſivos.*) Os repercuſſivos, dando elaterio aos ſólidos, impedem que os líquidos ſe accumulem, ou demorem em huma parte, e os fazem circular pelos ſeus vaſos. (*Como obrão.*) Os repercuſſivos não obrão ſenão ſobre as fibras que elles eſtimulão, e por eſta eſtimulação augmentão o elaterio dos vaſos. Não convém por conſequencia aos apoſtemas, quando a tensão, e a inchação são conſideraveis, e quando o humor he maligno. Razão, por que ſe não usão ſenão no principio do tumor; iſto he, quando o depóſito ſe começa a formar,

mar, ou no fim, quero dizer, quando eſtá quaſi diſſipado. O elaterio que elles dão aos ſólidos reſtabelece a circulação, e faz tornar a entrar o humor para os vaſos. Convém tambem ás feridas, contusões leves, e as extensões de algumas partes. Quando os líquidos não eſtão ainda extravaſados; os repercuſſivos applicados logo, dando elaterio ás partes, impedem que ſe não fórme huma inchação pela accumulação dos humores, ou ao menos que eſta inchação ſe não venha a fazer conſideravel.

Repercuſſivos ſimplices.

A agua fria.	Os caracóes.
O vinagre.	O ſoro de leite.
A terra Sigillada.	As roſas vermelhas.
A herva moura.	A Argentina.
A alface.	O ſangue de drago.
A lentilha de agua.	O bolo Armenio.
A ſempre noiva.	A pedra hematites.
A ſperma de Rans.	O vinho tinto.

Repercuſſivos compoſtos.

A agua rozada.	de ſempre noiva.
de Tanchagem.	de Rans.
de herva moura.	Ungoento roſado.

OS

OS EMOLLIENTES.

(*Os emollientes.*) Os emollientes relaxão, e abrandão as partes ſólidas muito tenſas, e augmentão a fluidez dos líquidos. As ſuas partes mais finas ſe introduzem no tecido das fibras, e até nos vaſos. Os emollientes tem virtude que ſendo applicados ſobre os tumores duros de qualquer eſpecie que ſejão, não podem ſer ſeguidos de accidente algum, ao meſmo tempo que os repercuſſivos, reſolutivos, &c. augmentão a inflammação, e fazem degenerar os cirros em cancros, quando não são applicados a tempo conveniente.

Emollientes ſimplices.

Os banhos, e as emborcações de agua tépida.
A Althea, folhas, flores, e raizes.
A polpa de ſua raiz em cataplaſma.
A Malva, folhas, e flores.
A Parietaria.
A Acelga.
A Mercurial.
O cardo morto.
O eſpinafre.
A bella dona.
A branca-urſina, ou Uva-eſpim.
A Violeta.
O barbaſco branco folhas, e flores.
O thomilho.
A cebolla de Açucena.

O

O alamo.
A ſemente de linho.
Os farellos.
O cozimento de tripas.

Emollientes compoſtos.

O oleo de amendoas doces.
de linhaça.
O oleo commum.
Oleo de nós.
O unguento de althea, &c.

OS RESOLUTIVOS.

(*Reſolutivos.*) Os reſolutivos dividem, e attenuão os fluidos eſpeſſos, e demorados, dão-lhes movimentos, e augmentão o elaterio dos ſólidos. (*Suas virtudes.*) Põe por conſequencia os líquidos eſtagnados, e coagulados em ſeu eſtado natural, e os diſpõe para paſſarem pelos póros, ou para tornarem a encaminharem-ſe pela via da circulação.

(*Quando ſe deverão uſar.*) Os reſolutivos usão-ſe algumas vezes ſós, e muitas vezes miſturados com os emollientes, e pela maior parte deve preceder ao ſeu uſo ſó o dos emollientes. Por exemplo, deve-ſe abrandar os tumores duros, e cirroſos antes de tentar a ſua reſolução. Não ſe paſſa de repente dos emol-

emollientes sós aos resolutivos sós. Fazse huma mistura de huns, e outros, e só depois he que se usão os resolutivos sós. (*Propriedade dos resolutivos.*) A propriedade dos resolutivos sendo attenuar, e dissipar os humores espessos, e retidos, se se põe logo em uso sobre os tumores duros, elles dissiparião o mais subtil dos humores, e o que ficasse, poderia ser tão grosseiro, e tão espesso que sería talvez impossivel conseguir a sua resolução.

Resolutivos simplices.

O sangue de pombo.
A agua quente em banho, e por emborcação.
A semente de sinoura.
A semente de endro.
de cominhos.
de herva doce.
O funcho.
A pimenta.
O gengibre.
A cicuta.
As flores de meliloto, ou herva-coroa de Rei.
As de camomillo.
O açafrão.
O marroio.
O sabugueiro.
A hortelã.
A calamenta.
Os engos.

As

As que se seguem chamão-se plantas aromaticas.

O orgibão.
O poeijo.
O tomilho.
A alfazema.
A salva.
O sarpão.
A Alfazema.
O hyssopo.
O louro.
A mangerona.
A bardana.
A eserofularia.
A herva de Santo Estevão.
A herva de S. João.
O sello de Salomão.
A cebola de açucena.
A Persicaria.
A borra do vinho.
A barrela de cinzas de sarmento, isto he, de varas de vides, ou parreiras.

Outros resolutivos simplices.

A ourina.
O enxofre.
A canfora.
O mercurio.
A gomma ammoniaca.
O galbano.
O Bedellion.
O sal ammoniaco.
O sal marino.
O Beijoim.
A Medulla dos animaes.

Farinhas resolutivas.

Farinha de favas.
de chicharros.
de tramoços.
de cevada.
de centeio.
de trigo.

de

de avêa.
de lentilhas.
de linhaça.

Resolutivos compostos.

A agua salgada.
O espirito de vinho.
A agua ardente.
da Rainha de Hongria.
Vulneraria.
O balsamo de Fiorovanto.
O unguento marciatão.
de estoraque.
da mera.
O oleo de louro.
de escorpião.
de minhocas.
de nardo.
de aspide.
de camomillo.
de rosmaninho.
de petrolio.
de terebenthina.
O emplastro de cicuta.
de betonica.
de meliloto, ou de herva coroa de Rei.
divino.
de manus Dei.
de André da Cruz.
O emplastro de aquilão simples, ou composto.
de virgo com mercurio.
O emplastro triafarmaco.
De Mesué, e o de aquilão com as gommas dissolventes em partes iguaes, onde se ajunte depois o cinabrio natural, e o coral em pó.
O emplastro de sabão.
de Diabotano.

OS SUPPURATIVOS, E MATURATIVOS.

Quando os emollientes, e os resolutivos não podem resolver o humor retido de huma parte, ou seja porque este humor he muito crasso, ou que estando extravasado não póde ser resolvido; e que o tumor se dispõe para a suppuração, ou he critico nestes casos, applicão-se os maturativos, ou suppurativos. Digo huns ou outros, porque elles não tem muita differença entre si.

(*Os suppurativos.*) Os medicamentos suppurativos são aquelles que sendo applicados no corpo vivo mudão em pus os humores estagnados, e retidos. (*Os maturativos.*) Os maturativos dispõe os humores a suppurar, e juntamente a cumularem-se em hum só lugar. (*Sua virtude.*) Sua virtude he causar a rotura dos pequenos vasos, misturar perfeitamente o líquido estagnado com as reliquias dos sólidos, dar movimento ao humor, cozello, e digerillo. Desta sorte he que elles fórmão o pus. (*Quando se applicão.*) Applicão-se os maturativos mais brandos sobre os tumores que se for-

má-

márão depreſſa, e os mais fortes nos que ſe fórmão lentamente.

Maturativos ſimplices.

Todos os emollientes são maturativos.

As flores de camomillo, e de melilotos.

As folhas de labaça. de acelga. de eſpinafres. As cebolas de aſſucena. — Cozidas debaixo de cinza.

A ſemente de moſtarda.

A manteiga.

As gorduras, e excrementos dos animaes.

O fermento.

As gommas diſſolvidas em oleo.

Maturativos compoſtos.

O unguento Bazilicão.

O unguento negro, chamado da mera.

Triafarmaco miſturados, e deſſolvidos em partes iguaes.

O emplaſtro de aquilão ſimples, ou com as gommas.

O emplaſtro de aquilão com as gommas, e o de

Oleo commum.

de lyrio.

de

de camomilla.
de melilotos.
de louro.
de minhocas.

Suppurativos.

Os ſuppurativos applicão-ſe principalmente nas feridas, e ulceras, onde he preciſo buſcar a ſuppuração, dos ſuccos retidos.
As gommas.
Os oleos.
As gorduras.
O unguento bazilicão.
de Arcéus.
de eſtoraque.
A therebentina.
A gemma de ovo, &c.

OS DETERSIVOS, E MONDIFICATIVOS.

(*Deterſivos , e mondificativos.*) Os deterſivos, e os mondificativos applicados ſobre huma ferida, ou ulcera as deſembaração dos ſuccos eſpeſſos, e das carnes baboſas, augmentando o ſeu elaterio dos vaſos. (*Em que caſos convenhão.*) Eſtes remedios convém ás feridas, e ás ulceras, onde huma ſuppuração abundante relaxa os vaſos, o que produz carnes flacidas, e baboſas, e impede que ſe formem boas.

Detersivos, e mondificativos simplices.

O mille-folio.
A agrimonia.
A marcella, folhas, e flores.
A cevada.
As folhas de Nogueira.
A myrrha.
O azebre.
O açucar.
O mel.
O vinho tinto.
A therebentina.
A canfora.
O rainucolo.
A saboeira.
A héra.
As çarças.
A serpentaria menor.
O sal ammoniaco.
O verdete.
A pedra hume.
O vitriolo.

Detersivos, e mondificativos compostos.

A agua ardente.
A agua fagedenica.
A agua vulneraria.
O espirito de vinho.
O oleo de Gayeão.
O collyrio de lanfranco.
O unguento Apostolorum.
O unguento mondificativo de aipo.
O emplastro triafarmaco de Mesué.
O emplastro de Nuremberge.
O unguento Egypciaco.
O balsamo da madama Fevilhet.
O balsamo de Fiorovanto.
O oleo de ovos, e o de Eypericão.
O mel rosado.
O balsamo de agulha de pastor.

OS

OS SARCOTICOS.

(*Sarcoticos.*) Os ſarcoticos que os Authores dizem ſer proprios para fazerem incarnar, são medicamentos deterſivos, os quaes não reparão por ſi meſmos as perdas das carnes, mas facilitão-lhes a regeneração conſervando-lhes a circulação do ſangue á roda da ferida, e impedindo a penetre o ar, e conſervando-lhe os ſuccos nutrivos.

Sarcoticos ſimplices.

A therebentina.	O balſamo de Tolu.
O balſamo de copaivo branco.	O Peruiano.

Sarcoticos compoſtos.

O balſamo de Arceo.	do Commendador.
de MadamaFevilhet.	

OS CORROSIVOS, E CAUSTICOS.

(*Corroſivos, e cauſticos.*) Os corroſivos, e corroentes, os cauſticos, ou eſcaroticos comem, corroem as carnes;

a

a que se applicão. (*Corrosivos.*) Os corrosivos, e os que roem, consomem os humores viscosos, e as carnes babosas, ou flacidas, produzindo-lhes huma leve escara. (*Causticos.*) Os causticos, e os escaroticos corroem, comem, e destroem as partes a que se applicão fazendo nellas huma escara mais, ou menos consideravel segundo o tempo que nellas se deixão demorar.

(*Em que caso se ministrão.*) Usão-se os primeiros para destruir as carnes fungosas, e superfluas de huma ulcera. Usa-se dos outros para abrir certos tumores; para consumir os bordos callosos de certas ulceras, as glandulas que não se querem, ou podem extirpar com instrumento de cortar, e nas carnes fungosas, para destruir certas fistulas; para deseccar as carias, e para accelerar a sua exfoliação, &c.

Corrosivos, ou corroentes leves.

O pó de sabina.
O ocré.
O vitriolo branco.

Corrosivos, e Escarotivos.

A cal.
A pedra hume queimada.

O

O Arſenico.
O precipitado rubro, e branco.
O ſublimado corroſivo.

Cauſticos, e eſcaroticos.

O eſpirito de nitro.
A agua forte.
O tartaro por deſfallecimento.
A pedra infernal.
A agua mercurial.
A manteiga de antimonio.
O oleo de vitriolo.
A pedra cauſtica.
Os torciſcos de Minio.

OS CICATRIZANTES.

(*Cicatrizantes.*) Os cicatrizantes, ou diſſeccativos produzem a cicatriz das feridas. (*Em que caſo ſe applicão.*) Quando as carnes tem quaſi chegado ao nivel da ſuperfice da pelle, e que eſtão firmes, grumoſas, e vermelhas; então ſe applicão os diſſeccativos, ou cicatrizantes, os quaes abſorvendo as humidades comprimem os pequenos óriticios dos vaſos, retem, e diſſeccão os ſuccos de que ſe fórma eſta pellicula, ou membrana que ſe chama cicatriz, e que ſuppre a pelle ſem ter as ſuas qualidades.

Ci-

Cicatrizantes simplices.

O parche de fios seccos sobre tudo, os raspados.
O chumbo queimado.
O lithargirio.
O alvaiade.
A pedra hematites.
A pedra calaminar.
O Minio.
A Tucia, ou o espodio.

Cicatrizantes compostos.

O sal de Saturno.
A agua de cal.
O emplastro de Diapalma.
de alvaiade.
de lithargirio.
de Nuremberg.
de Triafarmaco.
de Mesue.
de fios.
O balsamo de Saturno.
O unguento branco de Rhasis.
O unguento dePomfolix.
Agua vulneraria.
Os Torciscos brancos de Rhasis.

OS ADSTRINGENTES.

(*Remedios que suspendem a hemorrhagia.*) Nós comprehenderemos nesta classe os remedios que suspendem a hemorrhagia. Estes remedios são de tres especies, adstringentes, causticos, e estyticos.

(*Os*

(*Os adſtringentes.*) Os adſtringentes, ou abſorventes apertão as fibras dos vaſos, abſorvendo as ſuas humidades que ſe achão entre as carnes, e as fibras dos vaſos.

(*Os cauſticos.*) Os cauſticos, e os cauterios queimão as extremidades dos vaſos, ſobre que ſe applicão, e fórmão huma eſcara.

(*Os eſtyticos.*) Os eſtyticos encreſpão os vaſos ſem fazerem eſcara, coagulão o ſangue que nelles ſe contém.

Eſtes merecem a preferencia ſobre os adſtringentes, e cauſticos. Os adſtringentes não tem virtude baſtante para deter huma hemorrhagia conſideravel, e fazem com o ſangue hum miſto que mortifica a ferida. Os cauſticos detém por algum tempo a hemorrhagia por meio da eſcara que fórmão; mas muitas vezes ella repete quando a eſcara cahe. Os eſtyticos, comprimindo a abertura do vaſo, e formando nella hum grumo de ſangue, detém ſem perigo, e pára ſempre a hemorrhagia. Deve-ſe com tudo notar que eſtes remedios não fazem ſeu effeito ſenão com os ſoccorros da compreſsão.

Adſ-

Adſtringentes, ou abſorventes.

Alfarroba de lobo.	A greda.
O Bolo armenio.	O geſſo.
A terra ſigillada.	A gomma.
A terra ſimulada.	O agárico de chene, ou de carvalho. *
O ſangue de Dragão.	

Cau-

* Eſta eſpecie de Agarico produz-ſe nos carvalhos velhos. Colhe-ſe no mez de Agoſto, e de Setembro. O Agarico he compoſto de tres ſubſtancias; huma exterior que he a caſca, a qual he branca, e dura; outra interior que he fiſtuloſa, e outra media que ſe acha entre a caſca, e a fiſtuloſa. A ſubſtancia media he fungoſa, cede debaixo dos dedos como a camurça; e não he tão forte, mas aſſemelha-ſe-lhe pela côr. Eſta ſubſtancia fungoſa he a que tem a virtude de ſuſpender a hemorrhagia ſem ligadura. Separa-ſe das outras duas com huma faca, e machuca-ſe com hum martello para a fazer branda ao tacto. Conſerva-ſe aſſim preparada em hum vaſo tapado para a preſervar da traça que ſem eſta precaução ſe lhe introduziria, e ſe corromperia. Eſte remedio que o Rei comprou tem lugar de ligadura nas amputações, nos aneuriſmas, &c., e não tem incoveniente algum. Para ſe uſar delle utilmente, convém: 1. ſuſpender o curſo do ſangue por meio de hum torniquete: 2. enxugar, e alimpar o lugar do vaſo aberto ſobre o qual ſe ha

Cauterios actuaes.

Os metaes em braza.
Os carvões em braza.
O chumbo derretido.
O oleo muito quente.

Cauterios potenciaes.

O oleo de vitriolo.
O eſpirito de Nitro.
A agua Mercurial.
A pedra infernal.
A pedra cauſtica.

Eſtyticos.

A agua eſtytica.
A agua aluminoſa.
A pedra hume.
O vitriolo Romano.
A agua de Rabel.

DOS

de applicar o Agarico : 3. applicallo immediatamente ſobre a abertura pelo lado oppoſto á caſca : 4. applicando-ſe logo hum pedaço maior que o primeiro : 5. finalmente ſuſter eſtes dous pedaços aſſim poſtos com fios , compreſſas, ou chumaços , e huma atadura conveniente, por meio da qual ſe faz huma compreſsão ſufficiente para conſervar o Agarico bem applicado ſobre abertura do vaſo , e ſuſpender a hemorrhagia.

DOS OPHTHALMICOS.

Os ophthalmicos são proprios para as affecções dos olhos, cuja delicadeza, e eſtructura são differentes das das outras partes; e requerem por conſequencia huma boa eſcolha dos medicamentos.

Ophthalmicos propriamente ditos.

As folhas de celidonia.
de Tutabona.
de Eufraſia.
de Centinodia.
de Gala criſte.
de Verbena.

As folhas, e flores de eſcovinha.
As flores da planta Pé-de-cotovia.
As flores de urze.
As folhas, e flores de Roſa.

Ohpthalmicos anodinos.

A polpa de canafiſtula, e de peros cozidos.
O leite de mulher.
A agua de Malvaiſco.

As mucillagens de Pſylium.
de linhaça.
de funcho.
de gomma arabiga.

Ophthalmicos reſolutivos.

A agua de funcho.
de Celidonia.

A canfora.
O ſal Ammoniaco.

O

O eſpirito de vinho.
A flor, ou caſca interior de nós moſcada.
O açafrão.
O ſangue de pombo.
O crocus metellorum.
O azebre.

Ophthalmicos adſtringentes.

A agua de tanchagem.
de roſas.
O vinho tinto.
A pedra hume.
O cryſtal mineral.
A clara de ovo.

Ophthalmicos deterſivos.

O encenſo da primeira ſorte.
A myrrha.
O açucar candi.
O vitriolo.
A pedra admiravel.

Ophthalmicos deſeccativos.

Os torciſcos brancos.
de Rhaſis.
O alvaiade.
A Tucia, ou Eſpodio.
A agua de cal.
O ſal de Saturno.
A pomada de Tucia, ou de eſpodio.

Eſcolhe-ſe em todas eſtas claſſes de medicamentos aquelles que a experiencia, ou a analogia faz conhecer proprios pa-

para as enfermidades que se curão, e convenientes ao sexo, idade do enfermo, e as outras circumstancias. Combinão-se, misturão-se, e se receitão debaixo de differentes fórmas, como cataplasmas, fomentações, emborcações, pomadas, linimentos; injeções, loções, fumigações; unguentos, digestivos, emplastros, collyrios, gargarejos; a que se póde ajuntar tambem a sangria, sanguixugas, ventosas, sarjas, os suppositorios, os banhos, visicatorios, cauterios, ajudas, suppositorios, bogias, esponja prepadada, emborcações, e banhos de aguas mineraes. Porque estes differentes soccorros, ainda que não sejão propriamente medicamentos, não deixão de obrar como elles sobre os fluidos, evacuando os humores, ou alterando-os, e sobre os sólidos relaxando-os, ou dando-lhes elaterio. Antes de dar delles huma idéa geral, e de referir as Fórmulas dos Medicamentos os mais usados, he necessario fazer conhecer primeiro os differentes caracteres de que se usa, ou para exprimir a dose dos remedios, ou para abbreviar certos termos.

To-

Tomai - - - - - - - -	℞.
Huma libra - - - - - - - - -	℔ j.
Meia libra - - - - - - - - -	℔ ß.
Huma onça - - - - - - - - -	℥ j.
Meia onça - - - - - - - - - -	℥ ß.
Huma outava, ou dracma - - -	ʒ j.
Meia outava, ou meia dracma -	ʒ ß.
Hum efcropulo - - - - - - -	℈.
Meio efcropulo - - - - - - -	℈ ß.
Hum grão - - - - - - - - -	gr. j.
Huma gota - - - - - - - -	got. j.
Hum pugillo - - - - - - -	p. j.
Hum manipulo - - - - - -	m. I.
Número hum - - - - - - -	N.º I.
Raiz - - - - - - - - - - -	rais.
Colher - - - - - - - - - -	colher.
Faça-fe - - - - - - - - - - -	f.
Segundo Arte - - - - - - - -	S. A.
Quantidade fufficiente - - -	q. f.
De cada coufa - - - - an' ou	(ãã.)

Fórmulas dos Medicamentos Topicos os mais ufados.

I. *Cataplafma.*

℞. miolo de pão branco - - ℥ iiij.
Leite - - - - - - - - - ℔ j.
Faça-fe cozer tudo junto até á con-
fif-

ſiſtencia de cataplaſma ; ajunte-ſe depois gemmas de ovos. - - - - N.º ij.

Açafrão pizado. - - - - - ℈ j.

Em certos caſos póde-ſe ajuntar de balſamo tranquillo. - - - - - ℥ ß.

De ópio. - - - - - - - - ℥ ß.

Ou de gotas anodinas. - - - ℥ ß.

2. Cataplaſma anodina para a queimadura dos olhos.

R. Polpa de dous peros, ou camoezas bem cozida em agua de Eufrazia, miſture-ſe-lhe aſſucar candi. - - ℨ ij.
Canfora. - - - - - - - gr. xv.
Açafrão em pó. - - - - gr. vj.

3. Cataplaſmas repercuſſivas.

R Folhas de herva moura, de alface, e de tanchagem (ãã) manipulos hum, folhas de ſemprenoiva manipulos meio: faça-ſe ferver tudo em ſufficiente quantidade do oxycrato, ajunte-ſe depois farinha de favas. - - ℨ iij.
Unguento roſado. - - - - ℥ ij.

4. Cataplaſma emolliente.

R. Raizes de althea, e de lyrio (ãã) ℨ j.

Folhas de malvas, de malvaiſco, de mercuriaes, de barbaſco, de parietaria, e de violas (ãã) hum punhado Flores de camomilla, e de melilotos (ãã), hum punhado.

Faça-ſe cozer tudo em q. ſ. de agua, depois paſſe-ſe por tamis, e ajunte-ſe á polpa unguento de althea. - - - ℥ ij.

5. *Cataplaſma emolliente ſegunda.*

R. Farinha de linhaça. - - - ℔ j. ß.
Miolo de pão - - - - - - ℔ ß.
Faça-ſe cozer tudo em conſiſtencia de cataplaſma com huma fórte decocção de plantas emollientes em q. ſ.

6 *Cataplaſma reſolutiva.*

R. Das quatro farinhas reſolutivas ℥ iv.
Fação-ſe cozer em q. ſ. de oxycrato, ou cerveja; ajunte-ſe depois oleo de lyrio, e unguento
De eſtoraque (ãã) - - - - ℥ j.

7. *Cataplaſma emolliente, e reſolutiva.*

R. Podem-ſe miſturar as drogas que compõe as cataplaſmas emollientes com as que compõe as reſolutivas; e fazer hu-

huma cataplafma que feja ao mefmo tempo refolutiva, e emolliente.

8. *Cataplafma maturativa.*

R. Folhas de labaça, e de pereira (āā) hum punhado.
Cebolla de açucena. - - - N.° j.
Faça-fe cozer tudo debaixo de cinzas em braza; pize-fe em hum gral, e ajunte-fe depois unguento bazalicão. - ℥ j.
Póde ajuntar-fe tambem fermento velho, unto de porco, ou unguento da Mera. - - - - - ℥ j.

9. *Cataplafma refolutiva.*

R. Miolo de pão branco. - - - ℔ j.
Farinha de linhaça. - - - ℥ iiij.
Vinho tinto, ou vinho aromatico. ℔. j.
Faça-fe cozer tudo até á confiftencia de cataplafma á qual fe póde ajuntar agua ardente.

10. *Cataplafma confortiva.*

R. Pó das plantas aromaticas. - - ℔ ij.
Farinhas refolutivas. - - - - ℔ ß.
Faça-fe ferver tudo em q. f. de vinho tinto até á confiftencia de cataplafma, e depois ajunte-fe mel commum. - ℥ vj.

Eſtoraque. - - - - - - - ℥ iiij.
E unguento marciatão. - - - ℥ ij.

11. *Fomentação emolliente.*

R. Raizes de Althea, e de lyrio branco (ãã) - - - - - - - ℥ ij.
Folhas de althea, de malvas, de cardo morto, de parietaria, e de barbaſco (ãã) hum punhado. Flores de ſabugueiro, de camomillo, e de melilotos (ãã) tres pugillos: ſemente de linho, e de funcho (ãã) meio punhado.

Faça-ſe ferver tudo em oito libras de agua até á reducção de ſeis libras; molhão ſe neſta decocção quente pedaços de panno que ſe applicaráõ ſobre a parte, ou tambem ſe banhe com elle, e por emborcação a parte enferma. Póde-ſe tambem expôr ao vapor deſta decocção depois de o haver aquentado.

12. *Fomentação reſolutiva aromatica.*

R. Folhas de alfazema, e de roſmaninho; de tomilho, de hyſopo, de hortelã, e de ſalva (ãã) hum punhado.
Flores de camomillo, e de melilotos (ãã) tres pugillos.

Ba-

Bagas de louro, e de zimbro (ãã) ℥ j.

Faça-se ferver tudo em dez libras de agua commua, ajunte-se huma libra e meia de vinho.

Fação-se ferver todos estes simplices em vinho em lugar de agua; e far-se-ha o que se chama vinho aromatico.

13. *Fomentação ophthalmica.*

R. Folhas de eufrazia, de tanchagem, e de funcho (ãã) - - - - - m. j.
Celidonia maior. - - - - - m. ß.
Flores de rosas, e de escovinha (ãã) p. j.
Faça-se ferver tudo em agua. - ℔ iij.
Até se reduzir a - - - - ℔ ij.
Coe-se, e clarifique-se o coado.

14. *Fomentação resolutiva.*

R. Agua commua. - - - - - - - ℔ xx.
Sal commum. - - - - punhados ß.
Folhas de alfazema, e de salva (ãã) p. ij.

Faça-se ferver tudo em q. s. de agua commua até se reduzir a tres quartas partes. Coe-se esta decocção, e com ella se banhe, ou dê emborcações á parte enferma.

15. *Agua phagedemica.*

R. Agua de cal. - - - - - - ℔ j.
Faça-ſe diſſolver ſublimado corroſivo. - - - - - - - gr. xx.

16. *Emborcação ſimples.*

R. Oleo roſado, oleo de hypericão, e agua ardente partes iguaes. Ajunte-ſe-lhe algumas vezes huma gemma de ovo.

17. *Emborcação reſolutiva.*

R. Sabão branco em tal quantidade que ſe quizer, faça-ſe diſſolver em agua ardente.

18. *Pomada anodina.*

R. Unguento de althea. - - - ʒ j.
Gotas anodinas - - - - got. xx.
Caſtoreo. - - - - - - - - - - gr. x.
Miſture-ſe tudo juntamente.

19. *Linimento anodino.*

R. Unguento popolião. - - - ℥ viii.
Balſamo tranquillo (ãã) - - ʒ vj.
Oleo de gemmas de ovos. - ℥ ij.
Miſture-ſe tudo.

20.

20. *Outro linimento anodino.*

R. Unguento popolião. - - - ℥ j.
Oleo commum ; Balſamo tranquillio. (āā) - - - - - - ℥ ß.
Tintura anodina. - - - - got. xv.
Miſtura-ſe tudo.

21. *Linimento para as queimaduras.*

R. Manteiga freſca diſſolvida nove ou dez vezes, e lavada em agua de ſperma de arrans. - - - - - ℥ vj.
Oleo de gemmas de ovos.- - ℥ ij.
Miſture-ſe tudo.

22. *Injecção anodina.*

R. Leite miſturado com xarope de papoulas brancas.

23. *Injecção vulneraria.*

R. Agua de cevada. - - - - ℔ j.
Faça-ſe ferver nella hum punhado de folhas de plantas vulnerarias, ou ſe lhe ajunte a agua vulneraria. - - ℥ j.
Mel rozado. - - - - - - ℥ ij.

24. *Injecção deterſiva.*

R. Folhas de nogueira quanto quizerdes;

des; fação-se ferver em q. s. de agua commua, e ajunte-se açucar.

25. *Loção detersiva.*

R. Decocção de cevada. - - - ℔ j.
Mel rozado. - - - - - - ℥ j ß.
Em certos casos ajunte-se-lhe agua vulneraria. - - - - - - - ℥ ij.

26. *Loção resolutiva.*

R. Agua ardente. - - - - - ℔ ij.
Sal ammoniaco, e canfora (ãã) ℥ j.
Misture-se tudo. Ajunte-se-lhe algumas vezes unguento Egypciaco. - ℥ ß.

27. *Unguento digestivo simples.*

R. Terebenthina de Veneza. - - ℥ ß.
Gemmas de ovos. - - - N.º ij.
Misture-se tudo com oleo de hypericão ℥ ß.

28. *Unguento digestivo composto.*

R. Terebenthina de Veneza. - - ℥ vj.
Balsamo de Arceo. - - - - ℥ iij.
Unguento suppurativo. - - - ℥ ij.
Oleo de hypericão. - - - - - ℥ j.
Misture-se tudo com duas ou tres colheres de agua ardente.

29.

29. Unguento digeſtivo animado contra a podridão.

R. Ajunte-ſe ao digeſtivo precedente eſtoraque, - - - - - - ℥ j. ou Myrrha, aloes, azebre, e ariſtiloquia redonda (ãã) - - - - - - ʒ ij.

30. Unguento digeſtivo conſumptivo.

R. Balſamo de Arceo, e unguento bazilicão (ãã) - - - - - ℥ j. Pedra hume queimada, e precipitado rubro (ãã) - - - - - ℥ ß. Miſture-ſe tudo.

31 Balſamo de aço para conſumir as carnes fungoſas das ulceras cancroſas.

R. Eſpirito de nitro certa quantidade. Lancem-ſe-lhe agulhas tantas quantas elle poſſa diſſolver. Quando eſtiver feita a diſſolução, miſture-ſe-lhe dobrada quantidade de oleo commum, i. h. de azeite de azeitonas. Ponha-ſe eſta miſtura em hum lugar frio até que tenha tomado a conſiſtencia de balſamo eſpeſſo, lave-ſe muitas vezes em agua; quantas mais vezes ſe lavar, menos corroſivo ficará. 32.

32. *Unguento dessecativo, e adoçante para as gretas, e fendas dos peitos.*

R. Pomada de pepinos ſimples. - ℥ iij.
Cêra nova. - - - - - - ℥ ß.
Empregnação de Saturno. - - ʒ j.
Faça-ſe diſſolver tudo.

33. *Unguento para reſolver os tumores lymfaticos das articulações.*

R. Unguento de eſtoraque. - - ℥ ij.
Sal ammoniaco, canfora, e enxofre (āā) - - - - - - - ʒ ij.
Miſture-ſe tudo.

34. *Nutritum para as ulceras malignas, e para as Eryſipelas.*

R. Litargirio em pó bem fino. - ℥ iiij.
Oleo de amendoas doces, ou roſado. ℔ ß.
Agua diſtillada de herva Moura. ℥ iiij.
Faça-ſe Nutritum ſegundo arte.

35. *Unguento mercurial.*

R. Mercurio crú purificado em vinagre diſtillado. - - - - - - ℥ iiij.
Eſtingua-ſe em hum almofariz de bron-

ze

ze com huma pequena quantidade de unto de porco; triture-se muito bem, e ajunte-se-lhe pouco a pouco hum igual pezo de unto de porco novamente dissolvido.

36. *Unguento de Tutia para desseccar as pequenas ulceras das palpebras, e impedir se não peguem de noite.*

R. Manteiga bem fresca. - - - ℥ j.
Tutia preparada, e em pó fino. ℥ j ß.
Misture-se tudo muito bem, e applique-se hum bocadinho com huma boa cabeça de alfinete no angulo maior do olho do enfermo antes que elle se deite, e recommende-se-lhe tenha as palpebras fechadas.

37. *Outro unguento de Tutia mais composto para as ulceras das palpebras.*

R. Tutia preparada, sangue de drago natural, e sal de saturno (ãã) - ʒ j.
Trociscos brancos de Rhasis. gr. xij.
Verdete. - - - - - - gr. xiij.
Unguento rosado. - - - - - ℥ j.
Mistura-se tudo em hum gral de marmore. Este unguento estende-se em hum pe-

pequeno panno fino, que se applica sobre as extremidades das palpebras ao deitar na cama.

38. *Emplastro agglutinativo, para conservar os labios de huma ferida unidos.*

R. Colla forte ordinaria, e tintura de bejoin (ãã) - - - - - ℥ iiij.
Faça-se dissolver tudo a fogo brando em hum alguidarinho. Molhe-se nesta mistura bem dissolvida huma escova de cabello fino, e com esta escova applique-se este emplastro sobre tafetá preto bem estendido. Para usar delle, he preciso molhar hum pouco o emplastro em agua como se faria a hum final gommado que se quizesse suster sobre a pelle.

39. *Emplastro balsamico vulnerario.*

R. Boglosa, sanicola, agrimonia, anagalis em flores vermelhas, pinpinella, vervena, e celidonia (ãã) punhados. - - - - - - - - ij.
Tudo junto bem lavado, e enxuto faça-se de sorte que peze. - ℔ iij, e ℥ xj.

Pi-

Pizem-se grossamente estas hervas, mettão-se em hum vaso de barro novo, e vidrado com seis quartilhos de vinho branco bom; e tape-se o vaso hermeticamente, faça-se ferver tudo a fogo muito brando por tempo de 7. ou 8. horas. Exprema-se tudo; ponha-se em huma bacia de cobre o succo que se tirar por esta expressão, faça-se ferver a fogo brando, e lance-se-lhe pouco a pouco, e em pedaços pequenos,

Pez negro, Pez branco, Pez de Bergonha, * e depois cêra virgem (ãã) ℔ j.

Quando começar tudo a espessar-se, ajuntar-se-lhe-ha terebenthina de Veneza. ℔ j.

Tire-se logo depois o vaso do fogo, e ajunte-se-lhe pouco a pouco,

Almecega em lagrimas passada por huma peneira de cabello. - - - ℔ j.

Por todo o tempo destas misturas, e até que tudo esteja frio, haja cuidado de se remexer sem descançar com huma espatula de páo. Depois fação-se madellões. *Em-*

* Antes de se usar o pez he preciso purificallo, e para isto faz-se derreter, e passe-se por hum panno posto na boca de huma panella que se deve untar com azeite para que se não pegue.

40. *Emplastro dissolvente para fazer bogias.*

R. Oleo commum, ou azeite. - - ℔ j.
Vinho tinto. - - - - - - ℔ ß.
Pombo vivo, e depennado. - N.º 1.

Faça-se ferver tudo em huma tigélla nova, e sobre brazido por tempo de meia hora, ou tres quartos; quando o pombo estiver bem cozido tire-se, depois do que lance-se pouco a pouco, e hum depois do outro, e no mesmo tempo se remexerá tudo muito bem com huma espatula de páo,
Minio, e lithargirio de ouro (ãã) ℥ vj.

Faça-se ferver toda esta mistura por tempo de duas horas, não deixando de remexer sem descançar. Depois disto faça-se dissolver cêra amarella, e pez de Borgonha (ãã) - - - - ℥ iiij.
Espermacete. - - - - - - ℥ ij.
Emplástro de Aquilão. - - - ℥ j.
E lance-se-lhe de pó de solas velhas de çapatos queimados. - - - ℥ ij.

Quando vos parecer, ou estiveres bem certificado que o emplastro tem a conveniente consistencia para fazer as bogias, o que conhecereis deixando resfriar

friar huma pequena parte desta mistura em hum vaso. Tire-se a tigella do fogo, remexendo-a sempre até que esteja alguma cousa fria esta mistura; logo se molhão muitas vezes pedaços de panno fino, e meio usado. Estando o panno bem embebido no emplastro, dependure-se ao ar para que escorra, e arrefeça, o que fará huma especie de panno embreado, ou emplastro espadrapo.

Destes pedaços de panno assim embebidos de emplastro de hum, e outro lado, se cortaráõ tiras mais, ou menos largas, segundo a grossura de que se quizerem fazer as bogias, mas do comprimento de hum palmo, ou palmo e meio pouco mais ou menos, e representando huma especie de triangulo, do alto do qual se terá cortado a ponta. Rolão-se estas tiras entre os dedos, depois sobre huma pedra, ou taboa bem lisa, com a mão, ou entre dous marmores, ou duas taboas bem polidas, se alisão muito bem. Por este meio as bogias se fazem bem polidas, firmes, e quasi pyramidaes. Como em certos casos podem ser muito compridas, então cortão-se

dellas

dellas o que excede, e se fazem de menor comprimento.

41. *Outro emplastro dissolvente para fazer bogias.*

R. Emplastro Triafarmaco de Mesué, e Emplastro de Aquilão simplez. Fação-se dissolver, juntamente, e em partes iguaes, e ajunte-se-lhe hum pouco de oleo para fazer esta mistura menos secca; depois ajuntai almagre em pó huma sufficiente quantidade, sufficiente para lhe dar a côr vermelha.

42. *Emplastro emolliente, e adoçante para fazer bogias.*

R. Cêra virgem. - - - - - ℥ iiij.
Oleo commum, ou azeite. - ℥ ijß.
Faz-se derreter tudo junto, e ajunte-se-lhe depois espermacete. - - - ℥ j.

43. *Loção para resolver as contusões grandes.*

R. Sal ammoniaco. - - - - - ℥ j.
Sal de saturno, e terra sigillada. (ãã) - - - - - - - - - ℥ ß.
Estas drogas feitas em pó separadamente,

te, lancem-se em duas libras de agua commua, e huma de agua ardente simples, ou canforada.

Faça-se aquecer esta loção; molhem-se nella compressas, e appliquem-se na contusão.

44. *Caustico sólido.*

R. Gomma arabica. - - - - ℥ ß.
Lance-se em hum gral com duas colheres de agua rosada, remexa-se tudo de tempos em tempos, para que a gomma se dissolva bem. No fim de 24. horas ajunte-se.
Farinha de cevada bem fina. - ʒ j.
Sublimado corrosivo bem moido. ℥ ß.

Misture-se tudo exactamente por 24 horas remexendo com huma espatula de páo, e faça-se huma massa. Forme-se depois della pequenos torciscos de differentes figuras, e grossuras segundo a parte, onde se pertende applicar. Sequem-se á sombra sobre papel.

45. *Outro caustico.*

R. miolo de pão quente. - - - ʒ ij.
Sublimado corrosivo. - - - ℥ ß.

Misture-se muito bem tudo entre os dedos, e formem-se disto torciscos.

46. *Collyrio repercussivo.*

R. Pedra divina. - - - - - gr. x.
Dissolva-se em agua rosada, e de tanchagem. - - - - - - ℥ iiij.

47. *Collyrio simples que restabelece a cornea, e a conjunctiva relaxadas, e ensopadas de sorosidade.*

R. Pedra hume crua. - - - - ℥ ß.
Dissolva-se em agua de tanchagem. ℥ vj.
Lance-se de tempo a tempo algumas gotas deste Collyrio no olho enfermo.

48. *Opiata para firmar, e detergir as gengivas, e para curar as ulceras fungosas.*

R. Pó de folhas de pombinha, de salva crespa, e de hortelã (ãã) - ʒ ij.
Nós moscada, myrrha, e pedra hume de rocha (ãã) - - ʒ ij. ß.
Misturem-se todas estas drogas sobre hum fogo brando, e remexão-se sempre até que esta mistura esteja perfeita.

Para

Para se usar della, estende-se o que baste desta Opiata sobre hum panno, e applica-se sobre as gengivas.

49. *Collyrio anodino.*

R. Agua de sperma de rans, de rosas, e de herva Moura (ãã) - - ℥ j.
Infunda-se-lhe semente de psyllio, e de linho, para fazer a agua hum pouco mucilaginosa, e 15 grãos de açafrão.

50. *Collyrio detersivo, ou de Lanfranco.*

R. Ouro pimenta pulverizado. - - ℥ ij.
Verdete em pó. - - - - - ʒ j.
Myrrha, e azebre, ou aloes. - ʒ j.
Dissolva-se tudo em vinho branco. ℔ j.
E agua de tanchagem, e rosada. ℥ iij.
Quando se quizer usar, abrande-se misturando-se-lhe agua de tanchagem.

51. *Collyrio resolutivo.*

R. Agua de funcho, e de eufrasia (ãã) - - - - - - - - - - - - ℥ iij.
Açafrão. - - - - - - - gr. iiij.
Vitriolo branco. - - - - gr. x.
Canfora. - - - - - - - gr. viij.

Aſſucar candi. - - - - - ℈ j.
Miſture-ſe tudo.

52. *Gargarejo refrigerante.*

R. Agua da fonte, ou leite. - - ℔ j.
Xarope de amoras. - - - - - ℥ j.
Cryſtal mineral. - - - - ʒ ß.
Miſture-ſe tudo.

53. *Gargarejo deterſivo.*

R. Sevada inteira. - - - - - ℥ j.
Folhas de agrimonia, e extremidades de arruda (ãã) - - - - M. j.
Fação-ſe ferver em ℔ ij. de agua commua, e na coadura ajunte-ſe mel roſado. - - - - - - - - - - - ℥ j.
Sal poronel. - - - - - - - ʒ ß.

De outros alguns remedios, ou ſoccorros exteriores proprios para certas enfermidades.

Os effeitos que reſultão deſtes ſoccorros exteriores parecem muito ſaudaveis; razão porque nos vemos obrigados a dar delles aqui huma idéa geral, e ao meſmo tempo referir os caſos em que podem produzir eſtes effeitos.

(*A*

(*A ſangria.*) O prompto allivio que a ſangria produz em quaſi todas as enfermidades, a deve fazer reſpeitar como o mais importante deſtes ſoccorros. (*Seu effeito.*) Diminuindo a maſſa do ſangue, elle diſtende as partes, e dá aos ſólidos ſua elaſticidade, e faz pòr conſequencia que os líquidos mais batidos pela acção das arterias circulem melhor, eté nos mais pequenos vaſos. Pelo ſeu meio he que o ſangue ſe depura, que as accumulações deſte líquido ſe diſſipão, que os embaraços ſe deſvanecem, que as ſecreções ſe facilitão melhor, e os remedios ſe fazem mais efficazes.

(*Effeito das ventoſas, e das ſanguexugas.*) A applicação das ventoſas ſarjadas, e as ſanguixugas são ſangrias locaes, que procurão a evacuação do ſangue detido em alguma parte. Eſtes meios convém nas enfermidades cauſadas pelo defeito, ou lentura da circulação do ſangue, e em que as ſangrias, e os outros evacuantes tem ſido inuteis não produzindo effeito algum. (*Que he a ventoſa, e como ſe applica.*) A ventoſa he hum vaſo de vidro, cuja entrada he mais eſtreita que o fundo. Quando ſe quer applicar, põe-ſe o enfermo em huma ſitua-

tuação conveniente, e ajusta-se sobre huma carta cortada do tamanho da boca da ventosa, dous pedacinhos de pavio; põe-se sobre a parte; e applica-se a ventosa de sorte que os pavios accesos fiquem dentro da ventosa. Então as partes sobre que a ventosa está posta se inchão, porque estão menos comprimidas pelo ar contido na ventosa, e rarefeito pelo fogo que o não estão as partes visinhas pelo ar exterior.

Póde-se substituir ao pavio huma pouca de estopa, a qual se accende depois de o haver apparelhado na ventosa. Mas a estopa inflammada causa na pelle hum sentimento doloroso de calor, que não causa o pavio.

Deixa-se a ventosa até que a parte esteja sufficientemente inchada; cobre-se com hum panno quente, e quando se quer despegar a ventosa, applica-se a ponta do dedo perto do seu bordo, o que permitte a entrada do ar exterior, e facilita o despegalla. Depois com huma lanceta, ou com hum instrumento chamado escarificador, se fazem no circulo, ou impressão circular que deixou a ventosa escarificações penetrantes no corpo da pelle. Applica-se de novo a

ven-

ventoſa da meſma maneira que ſe fez a primeira vez. A compreſsão do bordo da ventoſa ſobre a parte, e a rarefacção do ar interior, determina o ſangue dos pequenos vaſos cortados a ſe eſtravaſar na ventoſa, em mais ou menos quantidade; tira-ſe a ventoſa, lavão-ſe todas as partes feridas com agua tepida, e curão-ſe com hum pequeno pedaço de panno, embebido em balſamo de Arceo, o qual ſe ſuſtem com huma pequena compreſſa, e atadura appropriada á parte.

Em certos caſos applica-ſe hum emplaſtro veſicatorio, em lugar do balſamo de Arceo. Algumas vezes não ſe fazem eſcarificações depois da applicação das ventoſas, a eſtas chamão-ſe ventoſas ſeccas. Quando ſe fazem eſcarificações chamão-ſe humidas, ou ſarjadas.

(*Ventoſas ſeccas.*) A ventoſa ſecca não produz muito effeito. Aſſim ao preſente eſtá em pouco uſo. (*Em que caſos ſe applicão.*) Porém alguns Praticos a applicão ſobre certos tumores com o deſignio de lhes accelerar a ſuppuração, attrahindo huma maior abundancia de humor.

(*Ventoſas humidas, ou ſarjadas onde convém.*) A ventoſa humida, ou ſar-

ſarjada applica-ſe no peſcoço, ou nuca; ou entre as eſpadoas, ou mais aſſima, para curar as dores rebeldes da cabeça, as impertinentes fluxões dos olhos, e dos ouvidos, e nas coxas para attrahir as hemorrhoidas, ou os menſtruos, ou os lochyos ſupprimidos.

(*Que couſa são ſanguexugas*) A ſanguexuga he hum bicho aquatico deſejoſo de ſangue, o qual tem duas propriedades. A primeira he de cortar a pelle dos animaes por meio de huma parte carnoſa que tem a figura de huma eſtrella com tres pontas, das quaes os tres angulos ſahem de hum centro commum, o qual he fendido, fórmão cada hum meio circulo rugoſo na ſua curvadura. A ſegunda he de chupar por meio de huma papilla carnoſa o ſangue que ſahe das tres pequenas feridas. Eſta papilla eſtá na ſua boca, pouco mais ou menos como huma lingua, e applicada á abertura do centro da eſtrella; faz o officio da buxa de huma bomba, ao meſmo tempo os labios applicados na parte, e a cavidade da boca do animal, fazem a figura do corpo de huma bomba.

(*Como ſe applicão.*) Para uſar das ſan-

ſanguixugas he preciſo deixallas deſengorgitar, porque eſtando esfomeadas pegão-ſe mais fortemente á parte, e tirão mais ſangue. Lava-ſe com leite o lugar onde ſe querem applicar, pega-ſe depois em cada ſanguixuga pelo corpo, e applica-ſe á parte. Applicão-ſe mais, ou menos ſegundo a eſtensão da parte, e a quantidade do ſangue que ſe preciſa tirar.

Produzindo o effeito deſejado ſe ellas não cahem por ſi, por ſua plenidão, applica-ſe-lhes ſobre a cabeça hum pouco de ſal moido, de que são inimigas, e logo ſe deſpegão. Depois que ſe deſpegão, as pequenas aberturas lanção ainda muito ſangue; razão porque ſe lava bem a parte com agua tepida: tambem ſe banha a parte com eſta agua ſe ſe póde fazer commodamente.

(*Caſos em que ellas convém.*) As ſanguixugas applicão-ſe á roda das palpebras nas grandes inflammações dos olhos, e ſobre tudo na ophthalmia chamada *chemoſis*; nas temporaes, nas grandes, e rebeldes dores de cabeça; nas hemorrhoidas quando eſtão muito groſſas, e tenſas; nos labios, e naris na rebelde inchação deſtas partes.

(*As*

(*As eſcarificações nas gengivas.*) Fazem-ſe com hum pequeno inſtrumento humas eſcarificações nas gengivas para as evacuar do ſangue eſpeſſo de que os ſeus vaſos eſtão cheios, e reſtabelecer o elaterio dos pequenos vaſos finos, e delicados deſta parte.

(*Na conjunctiva.*) Fazem-ſe tambem na conjunctiva humas pequenas eſcarificações que ſe chama ſangria do olho, para tirar o ſangue que incha extremamente os vaſos nas violentas ophthalmias, e cortão-ſe os pequenos vaſos deſta parte que ficárão varicoſos depois deſtas inflammações, e que conſervão algumas vezes huma ulcera na conjunctiva, ou na cornea.

(*Effeito dos viſicatorios, dos ſedanhos, e dos cauterios.*) Os viſicatorios, ſedanhos, e cauterios deſvião, e evacuão o humor que ſe encaminha para huma parte, e que nella cauſa alguma deſordem. Aſſim elles obrão, ou evacuando hum, e outro líquido, o que não fazem as ventoſas ſarjadas, as ſanguixugas, e eſcarificações. Eſtes meios procurão ſua ſahida da parte vermelha do ſangue que ſe acha em demaſiada quantidade, e muito craſſo nos vaſos de huma

ma parte. Os outros não procurão ſenão a ſahida dos ſuccos brancos da maſſa ſanguinea, carregada de hum humor viciado.

(*Effeito dos viſicatorios.*) Os epiſpaticos, ou viſicatorios são remedios que applicando-ſe ſobre a pelle, determinão pelas ſuas partes acres huma maior quantidade de ſoroſidade, a encaminhar-ſe para os pequenos vaſos da pelle. Os vaſos, que unem a epiderme, ſe rompem, e o licor ſe extravaſa entre a pelle, e a epiderma, e eleva-ſe eſta, e fórma huma bexiga, ou ampolla.

(*O que o produz.*) Para produzir eſte effeito, uſa-ſe do emplaſtro epiſpatico, em que entrão as cantaridas. Eſtende-ſe o que baſte em hum panno da largura neceſſaria, e para lhe accelerar o effeito ſe polvoriſe com os pós das meſmas cantaridas, e lava-ſe com vinagre a parte ſobre que ſe ha de applicar. Em falta do emplaſtro ſe póde uſar do fermento de maſſa, a que ſe ajunta baſtantes pós de cantaridas, e ſe humedeça com vinagre.

Não ſe tire o emplaſtro, ou fermento ſenão paſſadas vinte e quatro horas, então abre-ſe ſimplezmente a bexiga

ga para fazer ſahir della a ſoroſidade nella contida, e penſa-ſe a parte com huma folha de couve em que ſe tenha eſtendido manteiga freſca. Depois uſe-ſe do unguento bazalicão eſtendido em panno, ou em papel pardo; e ſe para ſe dar ſahida a todo o humor morbifico, he neceſſario conſervar a evacuação, cure-ſe de dous em dous dias a parte com huma miſtura de unguento ſuppurativo, e de cantáridas em pó, ou com o unguento epyſpatico, e no dia de intervallo, cure-ſe com o ſuppurativo ſimplez.

(*Caſos em que ſe usão.*) Os viſicatorios ſervem para ſollicitar a evacuação de huma ſoroſidade acre, que cauſa as exaquecas rebeldes, rheumatiſmos, ophthalmias eſcrofuloſas, e humidas; as fluxões inpertinentes dos olhos, dos ouvidos, dos dentes, e da cabeça &c. (*Effeitos interiores que reſultão de ſua applicação.*) Servem tambem para tirar os embaraços, e as obſtrucções dos pequenos vaſos, porque as partes volateis das cantaridas de que são compoſtas, introduzindo-ſe no ſangue, augmentão o ſeu movimento. He preciſo com tudo notar que ſe eſtas partes volateis ſe introduzem algumas vezes na bexiga, causão ar-

ardores de ourina, e até a sua retenção. (*Meios de prevenir os máos.*) Previnem-se, e curão-se estes accidentes fazendo tomar ao enfermo amendoadas, orgeata, ou emulsões. Póde-se tambem prevenillos misturando no emplastro huma pouca de canfora em pó, ou dando-se della ao enfermo todas as tardes dous ou tres grãos de que se fórme huma pequena pirula com huma pouca de conserva de rosas.

(*Cauterio que significa.*) O nome cauterio significa duas cousas: huma dellas he o meio, e outra o effeito. Segundo a primeira significação, he hum instrumento de ferro que se põe em braza ao fogo, ou hum remedio caustico, com o qual se queimão certas partes, ou sejão molles, ou duras, para corrigir algum vicio exterior, ou interior. Segundo a segunda significação he huma ulcera formada por hum ferro em braza, ou por hum remedio caustico, e que se conserva por hum certo tempo. Esta ulcera tambem se chama fonte.

(*Duas especies de cauterios.*) O instrumento de ferro ardente chama-se cauterio actual: cauterio potencial chama-se o remedio caustico. (*Em que caso*

se

se applica o actual.) Applica-se o cauterio actual sobre as carias, e extoses para se deseccar, consumir, e fazer exfoliar mais promptamente a parte viciada. Por esta razão ha cauterios de differentes figuras, e grossuras. Quando se querem conservar as partes visinhas daquellas que se querem queimar, introduz-se o cauterio n'uma canula; usa-se tambem algumas vezes delle para consumir toda a corrupção de certas partes molles, para applacar certas dores violentas, ou para suspender certas hemorrhagias, porque outros meios com difficuldade supprem este.

(*Effeito do cauterio potencial*) Os antigos fazião talvez nestes tres ultimos casos hum uso muito frequente do cauterio actual; os modernos pelo contrario o desprezão muito. O cauterio potencial consome, e destroe as partes sobre que se applica, formando-lhes huma escara mais, ou menos consideravel, segundo sua actividade, e tempo que se deixa estar sobre a parte. Sua acção procede de hum sal acre, e corrosivo, que pondo-se em movimento pelo calor, e humidade da parte, ahi faz o mesmo effeito que fazia o fogo actual.

(*Em*

(*Em que casos se applica.*) Usa-se della para apressar a exfoliação de certas carias profundas, e para consumir as durezas, e collosidades de certas fistulas. O caustico N.° 44, e 45. se póde usar nestes casos. A pedra infernal, a agua mercurial, &c. convém nas leves carias, e superficiaes. Ha certas glandulas cirrosas, e certas lupias, ou lobinhos que se podem destruir com hum, ou outro dos causticos que temos referido no formulario das receitas. Mas he preciso ter começado primeiro a consumir a pelle com a pedra caustica. Usa-se tambem a pedra caustica para abrir certos tumores suppurados, aos quaes o instrumento cortante não convém, e para estabelecer hum cauterio, ou huma fonte.

(*Maneira de applicar a pedra caustica.*) Applica-se da mesma sorte em hum, e outro caso. Toma-se hum emplastro de Diapalma, ou de Nuremberg, no meio do qual se faz hum buraco, ou abertura do tamanho que for preciso segundo a grandeza da escara que se quizer, applica-se este emplastro sobre o centro do tumor, ou sobre o lugar, onde se quer estabelecer o cauterio; applica-se a pedra sobre a pelle que a abertu-

ra

ra do emplaſtro deixa deſcuberta; cobre-ſe, e rodea-ſe dos lados com hum pouco de cotão; cobre-ſe tudo com outro emplaſtro ſem ter abertura, que tudo ſe ſuſtem com algumas compreſſas, ou chumaços, e com huma atadura.

Tres, ou quatro horas depois tira-ſe o apparelho; fazem-ſe ſobre a eſcara pequenas eſcarificações com huma lanceta, e cura-ſe com unguento bazilicão para fazer cahir a eſcara. Quando eſtiver ſeparada, applica-ſe na chaga que fica depois de cahida a eſcara hum grão de bico, ou huma bolinha de cêra, ou o que he melhor huma pequena bola de lyrio de Florença.

Conſerva-ſe o grão, ou bola, com hum pequeno chumaço coberto do unguento bazilicão, e com hum emplaſtro de Diapalma diſſolvido, ou de Nuremberg; ſujuga-ſe eſte apparelho com huma compreſſa, e huma pequena atadura. E deſte modo he que ſe fórma hum cauterio, ou huma fonte. Renova-ſe a cura todas as 24 horas, e mais vezes quando lança muita materia.

Póde-ſe com o biſturim fazer o meſmo effeito que com a pedra cauſtica. Apanha-ſe a pelle com dous dedos, e pegan-

gando da mesma sorte hum Ajudante: corta-se ao travez pelo meio, até chegar ao corpo adiposo; mette-se na abertura huma bola de lyrio de Florença, ou de fios bem firme, e cobre-se com hum emplastro, e o apparelho conveniente á parte. Não se descobre, tirando-se-lhe o apparelho serão passados dous, ou tres dias, para que estando a ferida humedecida, se possa tirar a bola facilmente, e que o buraco esteja bem formado: cura-se depois este cauterio como se se tivesse feito com caustico.

Desta ultima maneira o cauterio, ou fonte se estabelece, e suppura mais depressa do que se se houvesse feito com a pedra caustica. Mas a pedra por sua acção não determina a correr mais quantidade de humor á parte, do que succede quando se usa do instrumento cortante? Não ha apparencia disto, e os dous modos parecem igualmente obrarem com o mesmo successo.

(*Onde convém applicar-se o cauterio.*) O cauterio, ou fonte he hum meio que a natureza nos tem indicado, para desviar hum humor superfluo, e viciado que se encaminha para huma parte, e por seu meio, depurar a massa

do ſangue. Razão por que convém nas impertinentes fluxões dos olhos, dos ouvidos, nas ophthalmias, eſcrofuloſas, e humidas, na gota ſerena, nas dores de cabeça rebeldes, no rheumatiſmo, tinha, ſarna, e algumas vezes depois da operação do cancro, para dar facil ſahida ao humor que produz eſta cruel enfermidade.

(*Sitios onde ſe applicão.*) Para eſtabelecer hum cauterio, ou fonte eſcolhão-ſe os lugares, ou ſitios mais gordos, e que eſtejão affaſtados das arterias, vêas, tendões, e nervos. Abrem-ſe na nuca, nos braços, abaixo do tendão do muſculo deltoide; na parte interna, e inferior da coxa; na barriga da perna abaixo da articulação dos muſculos interiores, e algum tanto para a parte interna da perna.

(*O ſedanho.*) O ſedanho he propriamente huma ulcera que ſe faz na pelle com huma agulha, e que ſe conſerva, por meio de hum fio comprido que ſe chama *ſedanho*, e o qual ſe unta com hum unguento ſuppurativo, tal como o baſilicão.

(*A maneira de o fazer.*) Para eſtabelecer eſta ulcera uſa-ſe de huma agu-

lha

lha larga, e algum tanto curva, por cujo fundo ſe paſſa o fio encerado, e da groſſura conveniente; faz-ſe na pelle da nuca huma ruga groſſa tranſverſal, ou obliqua, a qual ſe fura com agulha; aſſim ſe introduz o fio, e ſe deixa debaixo da pelle huma parte delle, a qual ha de ſer muito comprida para ſe ir mudando todas as vinte e quatro horas para de cada vez ficar huma nova porção delle debaixo da pelle, e por eſte meio conſervar a ſuppuração. O ſedanho, e a fonte convém nos meſmos caſos; mas o ſedanho ſómente ſe applica em a nuca.

(*As ajudas, ou mézinhas.*) Adminiſtrão-ſe as ajudas para amollecer, e evacuar as materias fecaes, para ſervir de banho interior nas inflammações de quaeſquer viſceras do ventre inferior, para facilitar o parto, e a ſahida de algum corpo contído na madre. Fazem-ſe de cozimentos no caſo de huma ferida no eſtomago, ou nos inteſtinos delgados, &c. para ſupprir a nutrição que então não he preciſo dalla ſenão em pequena quantidade pela boca.

(*O ſuppoſitorio.*) O ſuppoſitorio he hum corpo pyramidal da groſſura,

e tamanho do dedo pequeno: introduz-ſe no anus para ſollicitar, irritando hum pouco a ſahida das materias quando ſe não podem adminiſtrar as ajudas. Os ſuppoſitorios fazem-ſe de ſabão, ou de mel cozido. Tambem ſe fazem de manteiga de cacáo que ſe introduz da meſma ſorte no anus para adoçar as hemorrhoidas internas, e irritadas. Até algumas vezes ſe tem curado fiſtúlas completas do anus, introduzindo-ſe lhes os ſuppoſitorios mais, ou menos groſſos, feitos de tiras de panno molhado no emplaſtro, N.° 39, e formadas como huma tenta, e applicando-ſe exteriormente hum emplaſtro da meſma compoſição

Fazem-ſe tambem ſuppoſitorios com a raiz de malvaiſco, de genciana, ou com o emplaſtro, N.°. 36. &c., introduz-ſe hum deſtes ſuppoſitorios em o anus para o dilatar, quando ſeu diametro he tão eſtreito que os excrementos paſsão difficilmente, e como por huma eſpecie de fieira, o que acontece algumas vezes depois da operação de certas fiſtulas do anus, por falta de cuidado de conſervar ſeu diametro até o fim da cura.

(*As bogias.*) A bogia he hum corpo

po comprido, quasi pyramidal, formado de panno embebido em algum medicamento emplastrico, e cujo comprimento, e grossura devem ser proporcionadas ás da uretra.

(*Duas especies de bogias.*) Ha bogias sólidas, e ovadas, ou ocas. (*Em que consiste a sua virtude.*) A virtude da bogia consiste em sua fórma, e nas qualidades do emplastro de que ellas estão embebidas. Se se querem emollientes, e dissolventes, usa-se do emplastro de Nuremberg, ou do unguento da Mera, ao qual se dá a consistencia de emplastro, ou de hum dos descritos N.º 40, 41, pag. 254., e 256.; se se querem detersivas; usa-se pelo contrario do emplastro Triafarmaco de Mesué, ou do de alvaiade, ou do de fios. Quando se querem adoçantes, e emollientes usa-se do emplastro descrito N.º 42. pag. 256.

A gonorrhea bem ou mal curada deixa muitas vezes na uretra impressões, que pelo decurso do tempo occasionão difficuldades de ourinar, e retenções de ourina. Estas difficuldades são acompanhadas de dores, quando se ourina. Até a ourina que não sahe senão a poder de

ex-

esforços mais ou menos violentos, ſahe como por hum fio, que muitas vezes ſe divide em duas, ou mais partes, e repreſenta a figura de huma forquilha. Se ſe introduz a bogia, percebe-ſe mais ou menos dentro do canal hum obſtaculo, que impede a ſua entrada na bexiga.

A abertura dos cadaveres dos que morrêrão de ſemelhantes enfermidades (unico Livro a que devemos referirnos) tem feito conhecer a todos os Práticos, que o obſtaculo que cauſa a difficuldade de ourinar não he mais que hum contrahimento, ou retracção mais, ou menos conſideravel, e mais ou menos tenſa do canal da uretra. O lugar deſte contrahimento ſe endurece inſenſivelmente, mas mais ou menos depreſſa, ſegundo a qualidade da ourina do enfermo.

Elle impede o curſo do ſangue nos vaſos do tecido cellular da uretra; o que os faz varicoſos augmentando mais as difficuldades, e produz muitas vezes pelo andar do tempo a retenção da ourina.

Remedêa-ſe eſte vicio do canal por meio de huma bogia, que ſe introduz até ao obſtaculo. Quando eſtá introduzi-

zida, corta-se no caso que seja muito comprida, para a sojugar: tomar-se-hão muitos fios de algodão, fórme-se delles ligadura, ou atadurinha, cujo meio se põe sobre a extremidade da bogia, que se dobrará, e se dará hum nó dobrado. Com as duas pontas pendentes faz-se outro nó na distancia de sinco, ou seis linhas; descobre-se a glande, situa-se a atadurinha ao longo do filete, e relevão-se as duas pontas com as quaes se cerca a verga assima da corôa da glande, e com as mesmas se dá depois hum nó; depois do que cubra-se a glande com o prepucio.

Ha enfermos que a bogia lhes não impede o ourinar, e ha outros que o não podem fazer menos que se não tire. Com tudo he preciso conservalla ao menos tres ou quatro horas da manhã, e outras tantas de tarde.

O effeito da bogia he destruir, ou alhanar o obstaculo, não sómente por meio de huma fonte, ou de huma especie de suppuração que ella excita no canal, mas tambem pelo seu volume; razão, por que depois de haver introduzido bogias delgadas, he preciso introduzir outras mais grossas gradualmente.

Re-

Reconhece-se que o canal está inteiramente desembaraçado, quando o enfermo ourina sem dor, que a bogia passa livremente até á bexiga, que a ourina sahe da mesma sorte, e da mesma grossura que vinha antes da enfermidade, e que sahe sem interrupção, e sem divisão.

Estas enfermidades são algumas vezes acompanhadas de fistulas no perineo, ou nas suas visinhanças, pelas quaes sahe a ourina em mais ou menos quantidade. Tambem algumas vezes são complicadas com hum vicio venereo que he preciso destruillo antes de introduzir as bogias. As fistulas não deixão de se curarem logo que a ourina, cujo obstaculo se tem vencido pelo especifico, e pelas bogias, se ellas tem sido necessarias tornão a tomar hum curso livre pelo canal.

Em cujos termos só resta detergir, e consolidar o canal com as bogias que tem esta virtude, e que no mesmo tempo a tem dilatado, e como n'huma forma. Não he preciso mais que no tempo da cura, e depois della não desprezar o uso das bebidas proprias para adoçar a acrimonia das ourinas.

A

A bogia de que o uſo he muito antigo para as enfermidades de que ſe trata, produz algumas vezes dores, e inchações nos teſticulos, e ſuas viſinhanças, as quaes ſe diſſipão pela ſuppreſsão dellas, e pelos remedios convenientes.

Achão-ſe algumas vezes em o canal, quando ſe introduz a bogia, obſtaculos naturaes, que ſe poderião julgar por enfermidades, o deſprezallos he conveniente; porque neſtes caſos o uſo das bogias he inutil, e ſe lhe podem ſeguir accidentes fataes.

(*Bogias ocas, e flexiveis.*) Quanto ás bogias ocas, eſtas ſe fazem com fio delgado de latão, ou prata, enrolando eſte fio, ou lamina em huma verga de ferro, ou de latão da groſſura, e comprimento de que ellas devem ſer feitas, a qual verga lhe ſerve de forma. Faz-ſe ſoldar, ou unir bem cada extremidade deſte fio enrolado em eſpiral, e muito comprimido, e cobre-ſe com huma pequena tira de panno embebida no emplaſtro N.° 42 pag. 256. Como hum ſperadrapo, e ſe fazem firmes da meſma ſorte que as bogias ſólidas: tira-ſe a forma, e fica huma bogia oca, da qual ſe não uſa ſenão

em

em certos casos particulares como por exemplo quando hum enfermo não póde soffrer tentas, ou algalias ordinarias. A maneira de que as bogias ocas são feitas, permitte aos enfermos andar com ellas sem temor de que offendão, por serem flexiveis, e accommodarem-se bem ao membro em qualquer figura que elle esteja; o que não succede com as ordinarias por serem irritas ainda que tambem ocas, &c. com tudo não he preciso conservallas muito tempo na bexiga por causa do seu pezo, e solidez, porque se póde temer que o panno embebido no emplastro, este se desfaça, e ao depois custe a tirar. Por cujo motivo, e pela difficuldade que ha muitas vezes de as introduzir, he que se faz dellas tão pouco uso, ainda que ha muito tempo introduzido na prática. Não obstante se se quizer usar dellas he preciso mudallas de dous em dous dias; o que he tambem muitas vezes hum muito grande inconveniente.

As curas feitas com as bogias, raras vezes são constantes: se se quer precaver a recahida da enfermidade, he preciso aconselhar aos que usão dellas, que repitão o seu uso de tempos a tempos, a

fim

fim de conſervar o canal da uretra livre, e deſembaraçado. Quando he preciſo dilatar os ſeios, ou fiſtulas, ou huma ulcera, introduza-ſe hum bocado de eſponja preparada, a qual embebendo-ſe das humidades da ulcera, ſe incha, e dilata o orificio.

(*O banho*) Ha differentes eſpecies de banhos, huns são naturaes, outros artificiaes, ou domeſticos, e outros de vapores. (*O natural.*) O banho natural toma-ſe no eſtio em o rio, mais por prazer do que por neceſſidade; o do mar he util para a hydrofobia, e para a ſarna; as aguas mineraes fortes para relaxar as cicatrizes antigas, para remediar as conſequencias das deslocações, e das grandes feridas, para fortificar as partes ſólidas; e convulſas, para curar as paralyſias, &c.

(*O banho artificial, ou domeſtico.*) O banho artificial, ou domeſtico toma-ſe em hum vaſo que ſe chama banheira, que contanha tanta agua doce quanta baſte que chegue ao peſcoço da peſſoa que ſe mette nelle. (*Meio banho.*) Quando a agua chega ſó até á cintura, ou quando ſó ſe banha huma parte como o ventre, as nadegas, ou as pernas até os joelhos, chama-ſe meio banho.

O

O bom effeito do banho vem de que as pequenas partes finas, e subtis da agua abrandão, e relaxão as fibras nervosas de que todo o corpo he composto, e de que ellas penetrem, e se insinuem pelos póros, de que a pelle está cheia, em os vasos, onde diluem, e adelgação os humores espessos, e salinos do sangue.

O calor brando da agua o rarefaz hum pouco, e augmenta por consequencia a sua circulação, o que produz huma transpiração tanto mais abundante quanto as fibras, e os póros da pelle estão mais brandas, e laxas.

(*Em que casos convém.*) Assim o banho convém muito em todas as enfermidades da pelle; por exemplo, na sarna, nas impigens, onde he preciso adoçar os humores, e abrir os póros para os fazer transpirar; e nas enfermidades que procedem da grande tensidade, e compressão das fibras por causa do espasmo, e convulsão; porque elle distende as fibras, e dá mais livre passagem aos líquidos. Tambem por este effeito he que se faz tomar antes de administrar certos especificos; por exemplo, o mercurio, ou antes de fazer certas operações,

ções, como a do talhe, ou operação da pedra, ou a extracção, ou extirpação do cancro das mammas. Depois do banho estes especificos fazem mais brandamente seus effeitos, e as consequencias destas operações são menos perigosas.

(*Em que casos se usa o meio banho.*) Applica-se o meio banho para as enfermidades das partes contidas no ventre. Seu uso he muito efficaz nas colicas hepathicas, e neufriticas, onde he preciso relaxar as partes para fazer extrahir huma pedra; em todas as retenções de ourina, excepto naquella que tem por causa a paralysia da bexiga; nas hemorrhoidas dolorosas, em os cirros simplices, e complicados da madre; em fim nas inflammações de alguma das visceras do ventre inferior. O banho das pernas diminue a rigeza das partes inferiores, sollicita as conjuncções, e as hemorrhoidas supprimidas, ou diminuidas; allivia as dores de cabeça, e applaca as fluxões dos olhos.

(*De que agua se deve usar, e qual deve ser seu grão de calor.*) A agua de que se usa para o banho he da chuva, ou da fonte, ou do rio, e deve ser de hum calor brando, e temperado. Se ella

he

he muito quente, rarefaria muito o ſangue, e cauſaria mais mal que bem.

(*Em que tempo ſe deve tomar.*) Deve tomar-ſe o banho pela manhã em jejum, ou ſeis horas depois do jantar, de ſorte que eſteja a digeſtão bem feita. Deve eſtar huma hora, ou hora e meia, ou duas no banho, ſe as forças o permittirem.

(*Banho compoſto.*) Quando ſe ajunta á agua do banho algumas plantas, ou ſejão emollientes para abrandar mais as partes, ou ſejão aromaticas para as fortificar, &c. chama-ſe a eſta eſpecie de banho, banho artificial compoſto.

(*Banho ſecco.*) O reſiduo do vinho a que ſe chama bagaço em que ſe mette alguma parte, póde reputar-ſe tambem como hum banho ſecco. Uſa-ſe algumas vezes delle para fortificar os membros fracos, pela conſequencia da paralyſia, ou de huma grande ferida, deslocação, ou fractura, &c.

(*A quem convém o banho?*) O banho convém ſómente ás peſſoas robuſtas; he nocivo aos velhos, e aos que tem alguma enfermidade de peito, aos que são ſujeitos a hemorrhagias, a peſſoas repletas, e cacochymias, &c. (*Embor-*

ca-

cação.) A emborcação he huma eſpecie de fomentação feita com agua lançada de hum lugar elevado ſobre huma parte enferma. A agua lançada de alto penetra melhor as partes, e attenua mais facilmente os humores eſpeſſos.

Prepara-ſe hum enfermo para tomar o banho com ſangrias, purgas, e cozimentos alterantes. Faz-ſe-lhe tomar hum ao deitar na cama, na qual deve eſtar meia hora ao menos.

(*Banho de vapor.*) O banho de vapor não he outra couſa mais que o vapor de algum licor muito quente, ou ſimples, ou compoſto, ao qual ſe expõe por algum tempo huma parte enferma.

Uſa-ſe, por exemplo, do vapor de leite, de ſoro de leite, ou de agua nas ophthalmias, nas hemorrhoidas, &c. do vapor de huma decocção de plantas emollientes nos partos laborioſos, para relaxar, abrandar, e deſtender as partes opprimidas, e facilitar aſſim a ſahida do infante.

Uſa-ſe tambem do vapor de huma decocção de hervas aromaticas, quando ſe pertendem fortificar algumas partes, &c.

(*Aguas mineraes.*) As aguas mineraes são aquellas que paſſando por cer-

certas terras se empregnão de algumas partes salinas, sulfureas, terrestres, ou metallicas.

(*Como se distinguem?*) Distinguem-se em frias, ou acidulosas, como as aguas de Forges, da Rainha Santa, de Passy, &c., e em quentes, ou thermaes, como as de Bourbom, de Plambierc, de Bagnoles, de Spá, de Monte d' Ouro, d' Aix-la-chapelle, de Barreges, &c. (*) A virtude das aguas mineraes procede principalmeute do principio aquoso que os differentes mistos, que contém, as fazem mais activas, ou se tomem interiormente estas aguas, ou se appliquem exteriormente em banho, meio banho, fomentação, emborcação, ou injecção.

As aguas de Forges, e de Vals são proprias para as hemmorrhoidas supprimidas, para dissolver as viscosidades das ourinas, para detergir as ulceras da bexiga, e para dissipar os fluxos albos.

As

* O mesmo se póde dizer das deste Reino de Portugal, das Caldas da Rainha, das de S. Pedro do Sul, Alcafache, S. Jemel, Chaves, Manteigas, os Banhos de Monchique, no Algarve, que os antigos Romanos tanto afamárão; &c.

As aguas de Spá, e de Paſſy convem no fim das gonorrheas, e para vencer as obſtrucções das glandulas, e nas enfermidades dos olhos.

As aguas de Vichy, de Balaruc em banho, ou emborcação, são boas para a paralyſia, para o rheumatiſmo, &c. uſa-ſe das aguas de Plonbiere, de Bourbonlancy, de Bognoles em banho para curar a ſarna, as empigens, ou erpes, e a eryſipela.

As aguas de Balaruc, de Vichy, do Monte d'ouro, de Bourbon-l', Archambault, de Barreges, convem em banho, e emborcações, ou injecções; nas fraquezas, e tórpor dos membros, na offenſa que deixão as grandes feridas, fracturas, deslocações, e torceduras; nos ankiloſes, na paralyſia da bexiga, nos tumores cirroſos, e nas fiſtulas.

As aguas de Bagnoles em banho são proprias para os tremedouros dos membros, ſuas contracções, e para o rachites.

§. III. *Das operações.*

(*Que couſa he operação.*) Operação he a applicação methodica de algum inſtrumento, ou ſó da mão do Cirurgião

ſobre o corpo humano, para conſervar a ſaude, ou para reſtabelecella, ſe eſtá perdida.

Como a maior parte das operações ſe fazem com certos inſtrumentos, e que depois de feitas ſe preciſa tambem para prevenir a cura, e empregar certos meios, que vão comprehendidas debaixo do nome geral de apparelhos; nós fallaremos primeiro dos inſtrumentos; ſegundo das differentes eſpecies de operações; e terceio dos apparelhos.

1.° *Dos inſtrumentos.*

(*Diviſão dos inſtrumentos.*) Diſtinguem-ſe os inſtrumentos Chirurgicos, em naturaes, e artificiaes. (*Inſtrumentos naturaes.*) Os naturaes são os dedos, e as mãos do Cirurgião, e geralmente todas as partes do ſeu corpo que lhe podem ſer uteis para operar. (*Suas qualidades.*) As qualidades que ſe requerem na mão do Cirurgião, e ſeus dedos, são ſua limpeza, firmeza, deſtreza; a flexibilidade, ou ſuavidade das articulações, e do punho, e a delicadeza do tacto que ſuppõe a fineza da epiderme. Aſſim o Cirurgião deve abſter-ſe de toda a operação que

que poderia fazer ſuas mãos trémulas, e çujas, que diminuão ſua deſtreza, e a flexibilidade, ou ſuavidade de ſuas articulações, e que fação a epiderme dura, e aſpera.

(*Inſtrumentos artificiaes.*) Os inſtrumentos artificiaes são meios auxiliares, de que o Cirurgião ſe ſerve para fazer ſuas operações quando as mãos não baſtão.

O ouro, a prata, o aço, o chumbo, o cobre, o páo, &c. são as differentes materias de que ſe fazem os inſtrumentos.

(*Sua materia.*) Os que são deſtinados para cortar, dividir, e picar; por exemplo, a navalha biſturi, tiſouras, trepanos, ferrotes, lancetas, agulhas, &c., e os que devem ter reſiſtencia; por exemplo, os levantadores, eſpeculos, tira-cabeça, e tentas para cortar, devem ſer de aço.

Aquelles que devem ſer muito flexiveis, taes como certas tentas, e canulas devem ſer de chumbo. Os que ſe introduzem no corpo não devem ſer de cobre, mas ſim de algum metal limpo, aſſim como o ouro, prata, chumbo; por exemplo, as algalias, tentas flexiveis, &c. devem ſer de prata.

(*Divisão dos inſtrumentos artificiaes.*) Podem-ſe dividir os inſtrumentos em tres claſſes; e pôr na primeira os que ſervem a preparar os apparelhos; na ſegunda os que ſervem para as curas; e na terceira os que ſervem para as operações. A agulha, o fio, as tiſouras, e a eſpatula são da primeira claſſe.

(*Os que ſervem para preparar os apparelhos.*) Os inſtrumentos da ſegunda claſſe podem-ſe ſubdividir em duas eſpecies. Huns são deſtinados para a cura das feridas exteriormente; taes como são a folha da murta, a navalha, &c. (*Os que ſervem para curar.*) Os outros são deſtinados para as tratar interiormente, taes como as tentas, pinças de anneis, canula, e ſeringa.

(*Os que ſervem para as operações*) Podem-ſe diſtinguir os da terceira claſſe em communs, e proprios. (*Os communs.*) Os communs são aquelles de que ſe uſa nas differentes operações. Taes como são as tiſouras, lancetas, biſturis, eſtiletes, &c. (*Os proprios.*) Os proprios são aquelles de que ſe uſa em huma ſó eſpecie de operação. Taes como são as peças dos inſtrumentos que ſervem ao trepano, os que ſervem para a lytho-

to-

tomia ; os que fervem para a amputação ; o bifturi occulto, opharimgotomo, a agulha para a catarata, os trocates, o efpeculum matricis, &c. (*Os que fervem para a diffecção.*) He precifo pôr nefta ultima claffe os efcalpellos, as tenazes, as tifouras, a ferra, as feringas, os inftrumentos com que fe faz a diffecção dos cadavres, e as máquinas que fe usão em huma infinidade de cafos.

2.° *Das differentes efpecies de operações.*

(*Divisão das operações de Cirurgia.*) Todas as operações de Cirurgia fe reduzem a reunir o que eftá dividido, e dividir o que eftá unido, extrahir os córpos extranhos, e ajuntar ao corpo humano o que lhe he util. Razão por que fe diftinguem quatro generos de operações, que os Gregos exprimem por eftes nomes, *Synthefe*, *Dierefe*, *Exerefe*, e *Prothefe*, e os Francezes, e Portuguezes, por eft' outros, *reunião*, *divisão*, *extracção*, e *addição*.

Da fynthefe, ou reunião.

(*Que coufa he fynthefe.*) A fynthe-

these he huma operação pela qual se reunem, ou ajuntão as cousas apartadas humas das outras. Assim divide-se a Synthese, em Synthese de continuidade, e de contiguidade. A Synthese de continuiade reune o que está dividido. A Synthese de contiguidade approxima o que está apartado, e torna a pôr as partes na sua situação natural.

(*Objecto da Synthese de continuidade.*) As divisões preternaturaes, e que fazem o objecto da Synthese de continuidade são de duas especies; a saber, as feridas, e fracturas. Os Antigos distinguião a Synthese de continuidade em *Epagoguo*, *Raphé*, e *Synthetismo.* O Epagoguo he a reunião das feridas sem fazer divisão alguma. O Raphé he esta reunião por meio de alguns pontos de sutura, que são pequenas divisões. O Synthetismo he a reunião das partes dos ossos fracturados.

(*O objecto da Synthese de contiguidade.*) As partes deslocadas, que são o objecto da Synthese de contiguidade, são de duas especies; humas são molles, e as outras duras. Os Antigos chamavão *Arthrombole*, a Synthese que reduz as partes duras á sua situação natural. Elles

cha-

chamavão *Taxis* aquella que produz o meſmo effeito pelo que reſpeita ás partes molles.

Os meios de que ſe uſa para executar eſtas differentes eſpecies de Syntheſe, são a ſituação, as ligaduras, a boceta, a ſutura ſecca, os laços, as talas, as máquinas, e as ſuturas, ou coſturas.

Da Diereſe, ou divisão.

(*Que couſa he Diereſe.*) A Diereſe he huma operação pela qual ſe ſeparão as partes cuja união he preternatural, e ſe dividem aquellas, cuja continuidade he hum obſtaculo para a cura de certas enfermidades. (*Divisão da Diereſe.*) Eſta definição de Diereſe contém ao meſmo tempo ſua divisão em duas eſpecies, das quaes a primeira chama-ſe Diereſe particular, e a ſegunda Diereſe commua. A Diereſe particular ſepara as partes, cuja união he preternatural. Ella remedêa, por exemplo a imperforação do ano, da vagina nas mulheres, e da glande em os homens, &c.

A Diereſe commua contém todas as operações em que ſe dividem as partes que he preciſo para chegar a algum fim.

fim. Ella comprehende, por exemplo; a incisão, que se faz para extrahir as pedras da bexiga; a que se faz no peito para evacuar os fluidos extravasados sobre o diaphragma, &c.

(*Suas divisões pelo que respeita á maneira de se fazerem.*) Os Antigos dividírão a Dierese pelo que respeita ao seu methodo de se fazer, em encetadura, picada, ou pontura, arrancamento, e queimadura.

(*A encetadura sobre as partes duras.*) 1.º A encetadura se faz com os instrumentos cortantes. Distinguem-se sinco maneiras, ou methodos de fazer huma encetadura sobre as partes duras, a saber, furar, raspar, serrar, limar, cortar, &c. (*Furar.*) Fura-se, ou trepana-se com hum instrumento cortante em fórma de serra redonda chamada trepano. Pratíca-se esta operação principalmente nas fracturas do craneo para levantar as peças dos ossos submersos; isto he, mettidos para dentro; para facilitar a sahida do sangue extravasado sobre a dura-mater, ou debaixo desta membrana; para extrahir os córpos extranhos, &c. Pratíca-se tambem em mais duas occasiões. 1.º Quando hum abscesso está for-

formado na medulla de hum osso comprido; por exemplo, na tibia, ou canella da perna; procura-se por este meio a sahida do pus; descobre-se a grandeza do mal interior, e applicão-se-lhe os remedios convenientes. 2.° Quando algum corpo estranho se encalha debaixo de hum osso; isto he, debaixo da omoplata, ou na parte posterior dos ossos Ilios, e que se não póde extrahir sem fazer abertura no osso. Os Antigos praticavão tambem esta operação sobre o esternon, quando alguma materia estava extravasada no mediastino; mas a Anatomia faz conhecer em que casos esta operação he util.

(*Raspar.*) Raspa-se com hum instrumento chamado legra. Esta operação gasta a superfice dos ossos corruptos, o que faz mais prompto, e efficaz o effeito dos remedios que se lhe applicão. Já não se pratíca para descobrir as fracturas.

(*Serrar.*) Serrão-se os ossos dos membros que se querem separar. (*Limar.*) Limão-se, ou escarnão-se os dentes que se querem tirar, para os fazer iguaes, e para lhes gastar a caria.

(*Cortar.*) Cortão-se com as tenazes

zes inciſorias as extremidades dos oſſos quebrados, cujas pontas podem picar certas partes; cortão-ſe os oſſos até na ſua continuidade, quando ſe não podem ſerrar, ou ſeparar em ſua contiguidade.

(*Encetadura nas partes molles.*) Os Antigos diſtinguião doze maneiras de fazer huma encetadura nas partes molles; o Aplotomia, a Flebotomia, a Arteriotomia, Oncotomia, o Catachaſmos, a Perіereſe, o Hypoſpatiſmo, o Periſcyſiſmo, o Encopé, o Acroteriaſmo, Angiotomia, e a Lithotomia.

A Aplotomia he huma ſimplez abertura feita n'uma parte molle. A Flebotomia he abertura de huma vêa; a Arteriotomia he a de huma arteria, e Oncotomia, he a de hum abſceſſo. O Catachaſmos he o que ſe chama em Portuguez Scarificação, e são de tres ſortes, a ſaber, ſuperficiaes, medias, e centraes, os ſuperficiaes ſómente penetrão a pelle, a incisão, ou medias penetrão até os muſculos, e o corte, ou os centraes penetrão até os oſſos. A Periéreſe he huma eſpecie de incisão que os Antigos fazião á roda dos abſceſſos grandes. O Hypoſpathiſmo he huma inci-

cisão que elles praticavão na testa, a qual penetrava até ao osso. O Periscyssismo he huma incisão circular que continuavão de huma temporal, ou fonte até a outra, e que penetrava até ao osso. A crueldade destas tres especies de operações, e sua pouca utilidade as proscreveo da prática. O Encopé he huma amputação de huma parte pequena; por exemplo de hum dedo. O Acroteriasmo he a amputação de hum membro consideravel, por exemplo de huma perna. O Angiotomia he abertura de hum vaso. A Lithotomia he huma abertura que se faz na bexiga, para della extrahir a pedra.

2.º (*Picada.*) A picada he huma divisão das partes molles feita com hum instrumento picante. Tal como a divisão que se faz em o olho com huma agulha para abater o crystallino, ou catarata; e a puntura que se faz com o trocate para evacuar as aguas extravasadas no ventre, no peito, ou em hum kisto, ou folliculo particular.

3.º (*Arrancamento.*) O arrancamento he huma divisão que se faz sobre as partes molles, e duras quando he preciso extrahir alguma porção delles. Por

este

efte meio he que fe tirão por exemplo os dentes viciados, e os polypos, &c.

Os Antigos refpeitavão como hum arrancamento o effeito das ventofas. Efte fentimento fuppunha que efte effeito era huma efpecie de attracção; mas não he outra coufa mais que a comprefsão do ar fobre as partes que eftão fóra da ventofa; comprefsão que força as partes que eftão debaixo da ventofa a metterem-fe nella, porque o ar contido nefte inftrumento eftá ahi mais rarefeito que o ar exterior.

4.º (*A queimadura.*) A queimadura he huma operação, pela qual fe confomem algumas partes molles, ou duras. Ha duas fortes de córpos de que fe ufa para queimar as partes. Huns são os metaes poftos em braza. Chamão-fe Cauterios actuaes. Outros são medicamentos compoftos de differentes fubftancias que produzem os mefmos effeitos que os metaes accefos. Chamão-fe Cauterios potenciaes. Os primeiros applicão-fe fó nos offos cariados. Os outros applicão-fe nas partes molles, para fazer nellas huma abertura exterior, para que por ella poffa fahir hum humor que fe en-

encaminha para alguma parte essencial.

Da Exerese, ou Extracção.

(*Que cousa he Exerese.*) A Exerese he huma operação por meio da qual se tira fóra do corpo toda a substancia extranha que lhe póde ser nociva; tal como he a extracção de huma pedra formada na bexiga.

Da Prothese, ou Addição.

(*Que cousa he Prothese.*) A Prothese he huma operação, por meio da qual se ajunta ao corpo algum instrumento, para supprir o defeito de huma parte, que lhe falta natural, ou accidentalmente.

(*Por quantas razões se accrescenta alguma cousa ao corpo.*) Ajunta-se ao corpo o que lhe falta por quatro razões.

1.ª Para facilitar suas funcções. Ajuntão-se por exemplo dentes artificiaes, o obturador do palladar para facilitar a pronunciação, &c.

2.º Para restabelecer alguma função.

ção. Põe-ſe, por exemplo huma perna de páo a huma peſſoa que não poderia andar ſem eſte ſoccorro.

3.° Para diminuir huma deformidade. Põe-ſe, por exemplo, olhos de vidro, hum nariz de prata, e huma barba áquelles que a perda dos olhos, do nariz, e da barba os fazem disformes.

4.° Para corrigir huma má conformação. Põe-ſe por exemplo, hum corcelete, ou colleira ás peſſoas cujo eſpinhaço ſe curva, e borzaguins ás que tem as pernas tortas, ou curvas.

(*Nota.*) Todos os generos de operações; iſto he, a Syntheſe, a Diéreſe, Exéreſe, e Protheſe, concorrem algumas vezes todas quatro para a cura de huma enfermidade. Por exemplo, quando ſe trata de curar huma peſſoa da pedra ſe faz huma incisão, tira-ſe a pedra, trata-ſe da reunião da ferida; e ſe as ourinas tem tomado ſeu curſo pela abertura que ſe fez, applica-ſe hum inſtrumento que lhe impede a ſahida pela dita abertura.

3.° *Dos Apparelhos.*

(*Apparelhos.*) Apparelho he o ajun-

ajuntamento de muitas cousas necessarias para alguma cura. (*De que se compõe os apparelhos.*) As peças do apparelho são compressas, emplastros, canulas, talas, fios, e ataduras, ou ligaduras.

1.º As compressas, ou chumaços são pedaços de panno dobrados em duas, ou mais dobras com as quaes se cobre alguma parte. (*Compressas, ou chumaços.*) Chamão-se compressas porque ellas comprimem algum tanto a parte. Applicão-se seccas, ou molhadas em alguns Medicamentos. Sua figura, e grandeza varêão, segundo a figura, e grandeza da ferida, ou chaga sobre que se applica, e segundo outras circumstancias. O panno de que se fazem deve ser lavado na barrela, hum pouco usado sem costuras, bainhas, nem ourelas, para que estas cousas não offendão a parte. (*Feitio das compressas, ou chumaços, e o seu uso.*) As differentes figuras das compressas, e os differentes usos em que se empregão lhes tem feito dar differentes nomes; por tanto são triangulares, quadradas, &c. Ha tambem expulsivas, &c.

(*Seu uso.*) O uso das compressas, ou chumaços he para encher os vacuos

a

a fim de que a parte fique firme, e igual; para resguardar das injurias do ar a parte enferma, e para lhe conservar o seu calor; para suster-lhe os remedios que se lhe applicão; e para prevenir as dores que as ligaduras poderião causar nas mesmas partes, onde se applicão.

2.° (*Emplastros.*) Nós não consideramos aqui os emplastros senão pelo que respeita á figura, e grandeza que se lhe deve dar para os applicar sobre algumas partes; e a razão, por que elles fazem parte dos apparelhos, he por ser necessario applicallos no corpo humano.

Fazem-se grandes, medios, e pequenos, segundo a extensão da ferida, chaga, ou tumor. Fazem-se ovaes, redondos, quadrados, triangulares, semilunares, com abertura em fórma de T, ou em Cruz. Estendem-se os emplastros em panno, couro, ou tafetá. Convém rapar a parte onde se hão de applicar se nella houver pêlos, ou cabellos. Os emplastros tem differentes usos; elles fazem ordinariamente vezes de remedios, e algumas vezes não servem mais que de conter as planchetas, ou labios em huma ferida.

3.° (*Canulas.*) As canulas são pe-

quenos canaes que se applicão em huma ulcera, ou ferida para a conservar aberta, e por este meio dar facil sahida aos líquidos que estão extravasados em huma cavidade. Fazem-se de ouro, prata, ou chumbo. São redondas, ou chatas.

4.° (*Talas.*) As tálas são pedaços de páos, ou canas delgadas mais compridos que largos, que servem para suster, e conservar huma parte na sua situação natural.

5.° (*Fios.*) Os fios, ou planchetas não são outra cousa mais que hum pedaço de panno cortado em pequenas partes, e se desfião, e estes se chamão fios em bruto. (*Fios raspados.*) Se este panno se raspa com huma navalha, chama-se cotão, ou fios raspados.

O panno de que se fazem os fios deve ser lavado da barrella; nem muito fino, nem muito grosso, nem muito novo, nem muito usado. Nas primeiras curas, usão-se dos fios brutos. Delles se fazem planchetas, méchas, lechinhos, e tentas.

O nome de planchetas vem de que os Antigos se servião de plumas cosidas entre dous pannos. (*Planchetas.*) As planchetas são muitos fios unidos huns com outros dobrados nas suas extremi-

dades, e achatados na costa de huma mão, e a palma da outra.

A figura das planchetas he redonda, ou oval, o seu tamanho varêa segundo a da ferida, ou chaga a que se applicão. As planchetas não devem ser demasiadamente espessas porque opprimirião a parte; nem muito delgadas, porque não se embeberião de huma assas grande quantidade de pús. O uso das planchetas he para reter as hemorrhagias pequenas; para conservar as feridas, e as ulceras abertas, para que se não fechem, antes que o seu fundo esteja detergido, e para as consolidar por meio dos unguentos, dos digestivos, ou balsamos de que se cobrem; e para embeber as humidades acres, e pús que dellas sahe, e para as preservar das injurias do ar.

(*Lichinos.*) Os lichinos são rolinhos mais, ou menos grossos de fios enrolados entre as mãos. Huns são redondos, outros algum tanto chatos; alguns se ligão com huma linha pelo meio. O uso dos lichinos he o mesmo que a das planchetas.

(*Tentas.*) As tentas são especies de lichinos hum pouco mais duros;

que

que tem huma cabeça em huma de ſuas extremidades, o que lhes dá a figura de hum cravo. Não ſómente ſe fazem de fios, mas tambem de panno, de eſponja preparada, e de raiz de genciana. Sua figura he redonda, ou chata, e ſeu tamanho he proporcionado ao da ferida, ou ulcera, a que ſe applica. O uſo das tentas he para dilatar huma ferida, ou fiſtula, ou ao menos para a conſervar aberta.

(*Méchas.*) As méchas são feitas de muitos pedaços de fios mais, ou menos compridos, unidos huns com outros. Tambem ſe fazem com algodão, tal como o que ſe uſa nas alampedas, ou candieiros, e com huma tira de panno fino desfiado nos lados. O uſo das mechas he para detergir, e mundificar as fiſtulas, ou ulceras ſinuoſas ao traves das quaes ſe fazem paſſar pelo meio de huma agulha de ſedanho. Devem ſer compridas, e cobertas de unguento a porção que ſe deve introduzir na fiſtula, e tire-ſe a mecha pelo lado inferior da fiſtula.

3.° (*Atadura.*) He preciſo diſtinguir as ataduras das ligaduras. A atadura he hum panno de huma certa gran-

deza, ordinariamente mais comprida que larga, a qual ferve para enrolar alguma parte.

(*A ligadura.*) O nome de ligadura he equivoco. Algumas vezes não fegnifica mais que a circumvolução de huma, ou muitas ataduras feita á roda de huma parte para a confervar em huma fituação conveniente, ou para fufter o apparelho: nefte cafo a ligadura não he mais que a applicação da atadura. Outras vezes efte nome fignifica hum inftrumento; o qual contém huma parte rodeando-a com ella.

O panno de que fe devem fazer as ataduras ha de fer hum pouco ufado nem muito groffo, nem muito fino, cortado por fio direito, e lavado da barrella. Diftinguem-fe tres partes em huma atadura, a faber, o corpo que he o feu meio, e as duas pontas que são as extremidades. A atadura que he enrolada por ambas as extremidades, ou por huma, chama-fe atadura enrolada por huma, ou por ambas as pontas.

(*Como fe deve fazer, e desfazer huma atadura.*) Para applicar bem huma atadura, deve pôr-fe a parte em fituação, ter o globo, ou rolo da atadu-

ra na mão, e ir desenrolando della o que for preciso applicar sobre huma parte, tendo cuidado de não apertar muito nem muito pouco, mas o que for conveniente.

(*Quando se tira, ou desfaz.*) Para se tirar bem a atadura convém pôr a parte em boa situação, despegar, ou alimpar as partes que estiverem sujas com o pus, ou sangue, receber com huma mão a atadura que a outra for desenrolando, e conservar a parte firme sem a fazer tremer, ou abalar.

(*Differentes instrumentos que se chamão ligaduras.*) As ataduras tomadas pelo nome de instrumentos fazem-se de differentes materias, de panno de linho, de ferro, de couro, &c. Destas as ha compridas, curtas, largas, e estreitas. Tem differentes nomes segundo sua figura, e as partes a que se applicão. Humas são unitivas, outras encarnativas para reunir as partes divididas, devisivas para impedir a união das partes; expulsivas, para impedir a demora, ou accumulação da materia em hum bolso, ou fistula, e contentivas para suster hum apparelho. Humas são simplices, outras compostas.

A

A ligadura simplez he igual, ou desigual: a igual he circular, e a desigual he de cinco especies; a saber, ligadura hum pouco obliqua; a ligadura que faz a figura como de touca; ligadura espaçejada; ligadura desigual, ou torcida; ligadura inversa.

As ligaduras compostas só são-se de muitas ataduras simplices.

A utilidade das ataduras he conter em huma situação natural as partes desordenadas, fazer compressão sobre algum vaso, e conservar hum apparelho. Huma só atadura produz algumas vezes a hum mesmo tempo estes tres effeitos.

CAPITULO III.

Das Regras geraes que convém seguir na prática dos meios de curar.

DEpois de termos exposto os meios de curar, passamos a dar as regras que se devem seguir na sua prática. Isto he o que propriamente se chama *methodus faciendi.* Dividírão-se os meios, ou modos de curar em tres especies, quaes são o regimen, os medicamentos, e as operações.

§. I.

§. I. (*Regimento nas enfermidades agudas.*) Nas enfermidades graves, e agudas, ordena-se ao enfermo huma dieta muito exacta. Não se lhe faz tomar no espaço de tres, ou quatro horas, mais que hum caldo mais, ou menos nutriente, segundo a especie de sua enfermidade, e a plenidão de seus vasos; nos intrevallos se lhe dá por bebida huma tizana accommodada á enfermidade, ou de caldo de frango, &c.

(*Quando os symptomas diminuem.*) Quando os symptomas diminuem, deve conceder-se alguma liberdade na dieta; os caldos devem ser mais nutrientes, póde-se tambem fazer tomar nos intervallos algumas colheres de gelea, huma gemma de ovo fresca deluida em agua, ou creme de arros em caldo.

(*Quando os symptomas cessão de todo.*) Quando os symptomas, e os accidentes acabão, e que se reconhece que o estomago começa a fazer suas funções, augmenta-se pouco a pouco a quantidade dos alimentos para costumar insensivelmente o enfermo á nutrição ordinaria.

(*Regimento nas enfermidades chronicas.*) Nas enfermidades leves, e nas que são chronicas, não se receita, ou man-

manda huma dieta tão regular; permittem-se alguns alimentos mais sólidos que o caldo, como as sopas, os ovos frescos, &c. Além disto, as causas da enfermidade, as forças, a idade, o temperamento, e o sexo são outras tantas circumstancias que devem determinar sobre a especie de regimento que convém fazer observar.

§. II. Não se podem dar regras geraes para a administração dos medicamentos: o conhecimento de suas virtudes, o das enfermidades, e de seus tempos, devem conduzir para a sua applicação.

§. III. (*Regras que he preciso observar em todas as operações.*) Não he mesma a prática nas operações, ha regras geraes muito importantes que convém observar no tempo de as fazer. Humas respeitão ás preparações, outras á operação mesma, e outras em fim a suas consequencias.

1.° (*Que segurança, e cautela se deva tomar antes da operação.*) Antes da operação convém certificar-nos da necessidade que ha de de se fazer, do tempo, e do lugar em que convém fazella, e precaver tudo o que for preciso no acto de se fazer.

(O

(*O que prova a necessidade de fazer huma operação.*) Pelo que respeita á necessidade, se vê pela natureza da enfermidade, e pela inutilidade dos outros remedios, que provão se não póde dispensar de fazer huma operação. (*Nota.*) Não obstante he de notar que ha casos em que estes motivos não devem empenhar a fazella; porque se encontrão alguns obstaculos, que impederião sua execução, ou o bom successo. Por exemplo, a fraqueza do enfermo, sua idade, a complicação de outra qualquer enfermidade, &c. podem impossibilitar, ou inutilizar huma operação.

(*Tempos.*) Pelo que respeita aos tempos, distinguem-se dous; hum de necessidade, e outro de eleição. (*Necessidade.*) O tempo de necessidade he aquelle, em que convém fazer a operação sem a retardar, porque o enfermo está em hum perigo evidente. A operação do trepano, a do empyema, &c. se fazem sempre em hum tempo de necessidade, porque não se podem deferir.

(*E de eleição.*) O tempo de eleição he aquelle que hum Cirurgião escolhe para fazer mais felizmente huma operação tal como he; por exemplo, a Prima-

mavera, e o Outono, que se escolhe para a operação do talhe, ou extracção da pedra, para a da cataracta, &c.

(*Lugares.*) Pelo que respeita aos lugares distinguem-se tambem dous; de necessidade hum, e outro de eleição. O lugar de necessidade he aquelle, em que a enfermidade indica absolutamente que a operação se deve fazer. Por exemplo, o lugar onde se acha hum tumor, he sempre hum lugar de necessidade pelo que respeita á operação, porque he preciso sempre abrir os tumores nos lugares onde elles se fórmão. O lugar de eleição he aquelle que o Cirurgião póde escolher. Por exemplo, o lugar da operação do talhe he ordinariamente hum lugar de eleição, porque o Cirurgião, entre muitos differentes sitios que póde abrir para tirar a pedra, escolhe hum onde faça esta operação.

(*Quaes são as cousas necessarias na operação.*) As cousas que o Cirurgião deve prever, ou preparar, porque lhe são uteis para o bom successo da operação, ou necessarias para a mesma operação, são os remedios geraes; o apparelho, os instrumentos, o ar, a luz, a situação do enfermo, e a dos ajudantes.

(*A*

(*A diſpoſição do eſpirito do enfermo.*) Diſpoſto o eſpirito do enfermo, fazendo-lhe conhecer a neceſſidade da operação, e ganhando a ſua confiança pela perſuasão. (*A preparação pelos remedios geraes.*) Prepare-ſe o ſeu corpo com certos remedios geraes, que são ſangrias, cozimentos alterantes, banhos, &c. (*O apparelho.*) Diſpõe-ſe o apparelho conveniente para a operação ſobre hum prato, ou couſa ſemelhante onde ſe ponhão todas as peças na ordem que ſe devem uſar. (*Inſtrumentos.*) Da meſma ſorte os inſtrumentos ſe ponhão por ordem em outro prato, os quaes ſe cobriráõ com cuidado para não ſe horrorizar o enfermo com a viſta delles.

(*O ar.*) Se o ar tem alguma má qualidade, procura-ſe corrigillo, ou mudar-ſe o enfermo de lugar.

Diſtinguem-ſe duas eſpecies de luz; natural huma que he a do dia, e outra artificial que he a das velas, ou candieiros em certas operações; por exemplo, nas da lithotomia, e nas da cataracta, prefere-ſe a luz natural. Nas outras; por exemplo, nas do bubonocelo, eſcolhe ſe a artificial.

He melhor uſar de rolo do que da ve-

vela ordinaria, porque huma gota de sebo, que cahisse por acaso sobre a pelle não queimaria tanto como hum pingo de cêra. Com tudo a bogia, ou vela chamada de S. Cosme, ou rolo, he melhor que a candea, porque não escorre, e allumêa melhor.

(*A situação.*) A situação dos enfermos no tempo da operação differe segundo as differentes especies de operações. Esta situação, que os Authores chamão tractativa, deve ser em geral tal que o Cirurgião possa descobrir toda a enfermidade, e operar livre, e commodamente.

(*Escolha dos ajudantes.*) Devemse escolher para ajudantes pessoas attentas, entendidas, discretas, e se for possivel companheiros, porque sendo instruidos previnem, e executão com mais acerto o que ha para fazer.

2.° Cada operação tem suas regras particulares, mas ha regras geraes, das quaes se não deve apartar, e as quaes os Antigos chamavão em latim, *Citò, tutò & jucundè*, promptamente, seguramente, e agradavelmente.

(*O que segnifica* Citò, *promptamente.*) As operações devem-se fazer com promp-

promptidão, a fim de não prolongar as dores. O Cirurgião, para adquirir esta qualidade, deve exercitar-se nos cadaveres, e ter visto operar os bons mestres; porque por estes meios he que se aprende a fazer escolha dos instrumentos convenientes, e tellos em boa ordem para os não multiplicar, e para não cortar muitas vezes o que se póde cortar huma só. He preciso além disto, que a cura seja tão prompta quanto for possivel. O Cirurgião dilatando-a offende sua consciencia, arrisca a reputação, e algumas vezes tambem a vida do enfermo.

(*O que significa* tutò *seguramente*) He preciso fazer as operações com segurança; isto he, o Cirurgião deve certificar-se da necessidade da operação, conhecer perfeitamente a estructura das partes, sobre que deve operar, e ter por consequencia todas as precauções necessarias para evitar os perigos da operação, e segurar o bom successo da mesma.

(*O que significa* jucunde *agradavelmente.*) A palavra *jucunde*, que significa agradavelmente, quer dizer que o Cirurgião deve animar o enfermo, esconder-lhe em parte as dores da opera-

ção,

ção, e poupar-lhas tanto quanto lhe for possivel, fazendo-a com destreza, e promptidão.

3.° (*O que se deve fazer depois da operação.*) Feita a operação, e applicado que seja o apparelho conveniente, deve o Cirurgião pôr o enfermo na situação appropriada, ordenar-lhe o regimento de viver, e os remedios, fazer-lhe o prognostico, e precaver as cousas necessarias para as curas seguintes.

(*Situação.*) Deve-se pôr o doente commodamente, e á sua vontade; situar a parte enferma algum tanto elevada para facilitar o retrocesso dos líquidos; brandamente para que não seja offendida, e seguramente que não fique exposta a movimento algum. Os Authores chamão esta situação positiva.

A natureza da enfermidade, a especie de operação, a idade, as forças do enfermo, &c. devem determinar sobre a especie do regimento, e do remedio que se lhe receita.

(*Prognostico.*) Faz-se ao enfermo hum prognostico que o console ácerca do estado em que se acha; e que lhe dê muita mais esperança que temor; mas não se deve fundar esta esperança senão so-

ſobre a exactidão com que elle obſervará tudo o que ſe lhe receita, e aconſelha.

(*O apparelho, e remedios topicos.*) Em fim preparão-ſe as couſas neceſſarias para as curas ſeguintes; iſto he, o apparelho conveniente, e os remedios topicos, proprios para a enfermidade. He util dilatarmo-nos hum pouco ſobre as curas.

(*Que couſa ſeja a cura.*) A cura he applicação de hum apparelho proprio para conſervar huma parte em ſituação, e dos remedios convenientes, de que o apparelho eſtá embebido, ou coberto.

(*O que ſe deve conſiderar a reſpeito das curas.*) A utilidade das curas, as peças do apparelho, os medicamentos de que as peças são embebidas, as regras que ſe devem obſervar, applicando, ou tirando o apparelho; em fim os intervallos que ſe deveráõ metter entre cura e cura, são outras tantas couſas que convém conſiderar a eſte reſpeito.

(*Utilidade das curas.*) As curas fazem-ſe por differentes motivos; a ſaber, para conſervar huma parte enferma em huma ſituação conveniente, para

ra

ra ajudar a natureza a restabelecer-se, e para fazer sahir as materias damnosas contidas, ou estagnadas em huma parte.

(*Para conservar a parte em positura.*) Põe-se, por exemplo, hum apparelho sobre huma fractura, hernia, ou ferida simplez, para conservar as partes em huma situação natural, e conveniente.

Applicão-se os remedios sobre os tumores, feridas complicadas, e ulceras para facilitar o curso dos líquidos retidos, e a regeneração das carnes.

(*Para fazer sahir as materias damnosas.*) Tira-se o apparelho applicado sobre huma ferida, ou ulcera para desembaraçar a parte carregada do sangue, do pus, ou de outra qualquer materia que nella se ache retida, e accumulada.

(*As peças dos apparelhos.*) Fallámos noutro lugar das peças de que se compõe os apparelhos, e dos medicamentos de que se embebem, e de que se cobrem.

(*Regras que se devem observar applicando, e tirando o apparelho.*) Quanto ás regras geraes que se devem observar applicando os apparelhos, se comprehendem em tres palavras, deve-

se

ſe curar *docemente* , *brandamente* , e *promptamente*.

Docemente ; iſto he , excitando as menos dores que for poſſivel. Brandamente ; quero dizer , não introduzindo ſem neceſſidade nas feridas tentas , lichinos , canulas , cuja applicação cauſe dor , impeça a reunião , e motive inflammação.

A primeira cura depois de huma operação, exceptua-ſe da ſegunda regra. Como ordinariamente he preciſo ſuſpender a hemorrhagia, que ſobrevem á diviſão dos pequenos vaſos , e tambem algumas vezes a de huma arteria , he preciſo muitas vezes para a reter , e para impedir a união dos labios da ferida enchella de panninhos finos , e raſgados , e de fios , ou de lichinos. Tambem he conveniente para anodinar , ou applacar a dor que o inſtrumento cortante fez , molhar com huma miſtura de gemmas de ovos freſcas , e oleo de hypericão batidos juntamente , eſtes fios , e eſtes lichinos antes de os applicar. Para applacar a irritação cauſada pela operação da pedra , e prevenir os accidentes , ſobre tudo quando eſta operação tem ſido laborioſa , lanção-ſe logo na bexi-

ga injecções emollientes, e adocantes.

Promptamente, para não deixar a parte muito tempo exposta ás injurias do ar, cuja impressão póde coagular os succos, e contrahir o diametro dos vasos. Convém por esta mesma razão fechar as cortinas do leito do enfermo durante o tempo da cura, e ter junto delle, fogo em hum rescaldador, para aquentar o aposento, e temperar por este meio o ar do mesmo aposento.

(*Como se deve obrar para se executarem estas regras.*) Para executar estas regras, põe-se logo o enfermo, e a parte enferma em huma positura commoda, para elle, e para o Cirurgião, tirar-se-hão as ataduras, compressas, e mais appositos sem remover a parte; quando o pus, ou o sangue as tem pegadas, lavão-se com agua tepida, ou outro qualquer licor, para as despegar; se he huma ferida que se cura, alimpão-se-lhe os bordos com a folha de murta; com hum panno pequeno lavado, e macio; tirão-se depois as planchetas, lichinos, e tentas, ou mechas com humas pinsas; enxuga-se brandamente a ferida com hum lichino brando,

do, ou panno fino para caufar as menos dores que for poffivel, e para não tirar os fuccos nutricios : ter-fe-ha cuidado fempre de confervar a ferida, ou ulcera coberta com hum panno, para as refguardar da impreſsão do ar : fazem-fe as injecções, loções, fomentações neceffarias ; applica-fe depois o mais doce, branda, e promptamente que for poffivel, hum novo apparelho, coberto, ou embebido de medicamentos convenientes, que haverá cuidado de os fazer aquecer. He precifo notar pelo que refpeita ás ataduras, ou ligaduras, que elles não fervem algumas vezes fenão de fufter os remedios applicados á parte, e que tambem fervem algumas vezes para confervar a parte em pofitura. No primeiro cafo não devem fer fenão pouco apertadas; no fegundo o devem fer mais.

(*Intervallos que deve haver de huma o outra cura.*) Não fe faz ordinariamente a primeira cura de alguma operação fenão paffadas vinte e quatro horas; menos quando algum accidente obriga a fazella mais cedo, e a tirar-lhe o apparelho, como por exemplo, huma hemorrhagia; como efta primeira cura he ordinariamente a mais dolorofa,

dá-se-lhe este grande intervallo, a fim que o apparelho, ou appositos estando bem humedecidos caião, ou se despeguem facilmente. No que respeita ás outras curas não se póde determinar em geral o intervallo que deve haver entre huma, e outra cura. A especie de enfermidade, seu estado, e accidentes que he preciso remediar, a natureza dos medicamentos applicados, são outros tantos motivos differentes, que devem obrigar a curar mais, ou menos frequentemente.

(*Pelo que respeita á especie de cada enfermidade.*) Ha especies de enfermidades que requerem curas frequentes, e outras ha em que he preciso curar mais raras vezes. As mortificações promptas, os depositos inflammatorios nas partes adiposas, os anthrases, e todas as outras especies de enfermidades, cujos progressos são muito rapidos, requerem muita attenção da parte do Cirurgião. Convém examinallas repetidas vezes para lhes descobrir, e prevenir os seus progressos; he preciso renovar frequentemente os remedios que se lhes applicão, porque sua virtude, e a acção destes remedios se perdem promptamente.

As feridas simplices, as fracturas, dis-

dislocações, hernias, e outras enfermidades que requerem quietação para sua cura, assim como os tumores frios, ou chronicos, devem ser curados mais raras vezes. Por exemplo, quando se tem unido os labios de huma ferida, reduzido huma fractura, dislocação, ou hernia, convém deixar obrar a natureza; huma curiosidade mal considerada a perturbaria em suas operações. Quando se tem applicado medicamentos sobre algum tumor formado por humor lento, viscoso, e profundo; deve-se dar aos remedios tempo de fazerem seu effeito. Assim fação-se mais raras vezes as curas em todas estas enfermidades deixando passar mais tempo de huma cura a outra.

(*Pelo que respeita ao tempo.*) Tambem se deve considerar o estado ou tempo de huma enfermidade, e o principio, e fim das enfermidades, os symptomas são menos violentos que no segundo, ou terceiro tempo. Ora dever-se-ha curar mais frequentemente, quando os symptomas são violentos, do que quando não são consideraveis, porque a violencia dos symptomas diminue promptamente a virtude dos medicamentos. Assim as curas devem ser ordinariamente mais fre-

quen-

quentes no augmento, ou meio de huma enfermidade do que no ſeu principio, ou no fim. As curas das feridas devem ſer frequentes no ſeu ſegundo tempo em que ellas eſtão ſuppurando. A multiplicidade das curas ſeria inutil no principio em que a ſuppuração não eſtá eſtabelecida, e nociva no terceiro tempo em que ſe faz a regeneração das ſubſtancias perdidas, e no quarto em que ſe fórma a cicatriz. Porque então he perigoſo expôr muitas vezes huma ferida ao ar; além do que não ſe podem tirar os chumaços, planchetas, e lichinos ſem offender alguns pequenos vaſos, e por conſequencia ſem retardar a regeneração das ſubſtancias perdidas, e formação da cicatriz.

(*Pelo que reſpeita aos accidentes.*) Os accidentes que ſobrevem, obrigão a curar mais vezes do que ſe não faria ſenão tiveſſe ſobrevindo algum. Por exemplo, em certas fracturas, huma dor violenta, abſceſſos, prurido, e excoriações, &c. determinão a tirar o apparelho, que ſem eſtes accidentes ſe deixaria eſtar mais tempo. Pelo que convém examinar a cauſa deſtes accidentes, deſembaraçar a parte das materias que os occaſionão,

e

é applicar os remedios convenientes. A ſahida dos excrementos em conſequencia das operações do bubonocelo, da fiſtula do anus, da pedra, &c. obrigão da meſma ſorte a tirar o apparelho mais vezes do que ſe não faria, ſe eſtas materias não ſahiſſem ſenão quando houveſſe precisão de as fazer evacuar. A meſma cauſa ſe deve dizer de huma ſuppuração putrida, corroſiva, maligna, ou verminoſa em certas ulceras, de huma ſuppuração muito abundante, em outras ulceras, e em certas feridas; de huma accumulação de pus, de ſangue, ou de ſoroſidade em alguma cavidade, como no peito, e da retenção de ourina na bexiga; porque todos eſtes accidentes, não ſe remediando, retardarião a cura das enfermidades: elles requerem por conſequencia que para os remediar, ſe multipliquem as curas.

(*Pelo que reſpeita a natureza dos medicamentos.*) Em fim a natureza dos medicamentos determina em parte ſobre a multiplicidade das curas. Medicamentos ha que ſe diſſipão mui promptamentes, taes como são os líquidos, e eſpirituoſos; outras ha que perdem depreſſa a ſua virtude, taes como são os digeſti-

vos,

vos, unguentos, emborcações, &c. ha outros que se alterão, e corrompem em pouco tempo, taes como são as cataplasmas feitas com leite; ha outros, cujo effeito he muito prompto, e que podem por huma demora extensa offender certas partes, taes como são os dilatantes, e os causticos fortes, &c.; logo convém quando se usa destes generos de remedios, renovallos muitas vezes. O mesmo não se póde dizer daquelles remedios, cuja acção he lenta, porque suas partes não se descobrem, e não penetrão senão mui vagarosamente; taes como são os emplastros, e a maior parte das cataplasmas deve-se dar-lhes tempo de fazerem seu effeito.

Todas estas considerações fazem conhecer que se não póde receitar, pelo que respeita a cada especie de enfermidade, a extensão dos intervallos que se devem metter entre huma, e outra cura. O que se póde dizer em geral a este respeito he que o Cirurgião não sendo senão ministro, e ajudador da natureza, lhe deve prestar seu soccorro todas as vezes que delles precisar, e ter cuidado de a não desordenar nas suas operações por hum zelo inconsiderado.

CA-

CAPITULO IV.

Dos differentes methodos curativos.

(Q*Uantos methodos ha curativos.*) Ainda que a intenção do Cirurgião seja procurar o restabelecimento das funcções naturaes que estão offendidas, ao que se chama cura perfeita, com tudo ha certas enfermidades que se podem prevenir, e outras cuja cura perfeita he perigosa, ou impossivel; razão, por que os Authores distinguem tres methodos geraes de curas. O primeiro chama-se cura preservativa; o segundo cura palliativa; e o terceiro cura radical.

§. I. (*A cura preservativa.*) A cura preservativa, ou prophylactica he aquella que preserva de certas enfermidades, ou que impede a sua recahida. (*Casos em que tem lugar.*) Previne-se a engorgitação dos vasos hemorrhodiaes, a hemorrhagia, a engorgitação das glandulas, e as desordens que certas evacuações naturaes, ou habituaes supprimidas podem causar por meio da sangria, sanguixugas, ventosas sarja-

das

das, exercicio, abſtinencia, e uſo das ajudas.

As ſangrias feitas na Primavera, ou Outono, os banhos tomados em huma deſtas quadras, o ſoro de leite, o uſo do meſmo leite por nutrição, hum regimento brando, e diluente convém para retardar, e tambem para impedir a repetição dos acceſſos neufriticos, ou da gota, &c.

Impede-ſe a repetição de certas ſarnas, impigens, ou eryſipélas, que ſobrevem nas Primaveras, ou em os Outonos, Eſtio, ou Inverno, uſando dos remedios capazes de deſtruir, ou de evacuar o humor que cauſa eſtas eſpecies de enfermidades, ou de deſviar o ſeu curſo. Taes como são o banho, os cozimentos alterantes, o ſoro de leite, a dieta lactea, ou branca, e em fim os cauterios, ſedanhos, &c.

As ſangrias, banhos, purgas, &c. cujo grande número de peſſoas usão nas Primaveras, devem tambem ſér reſpeitadas como remedios preſervativos. Porque não ſe usão ſenão com a idéa de diminuir o volume do ſangue, de ſe refreſcar, e de evacuar os humores ſuperfluos.

As

As regras preſcriptas na Hygiena para conſervar a ſaude, e prolongar a vida, fazem tambem parte da cura preſervativa.

§. II. (*Cúra palliativa.*) A cura palliativa não applaca nem diminue ſenão os ſymptomas, e os accidentes das enfermidades ſem deſtruir a cauſa do mal. (*Quando convem.*) Põe-ſe em uſo eſta eſpecie de cura em muitas occaſiões.

1.º Quando não corre algum perigo a vida do enfermo, nem augmento do mal, retardando-lhe o tratamento perfeito de huma enfermidade, póde-ſe uſar dos remedios palliativos. Por exemplo, enche-ſe o buraco de hum dente cariado de pedacinhos de chumbo, de ouro, ou de prata, para conſervar o dente, impedir-lhe a dor: em hum hydrocelo por eſtagnação, faz-ſe-lhe a punção, ou puntura de tempos a tempos, o que livra o enfermo, mas não o cura, póde-ſe diſpenſar o cortar os cirros ſimplices dos teſticulos, das mammas, e das outras partes, com tanto que as partes cirroſas ſe conſervem quentes, e que ſe purgue de tempos a tempos o enfermo.

2.º (*Quando a cura he neceſſaria.*)

Se

Se a cura de huma enfermidade póde causar maior damno, deve-se usar só dos remedios palliativos. Por exemplo, as ulceras antigas, as hemorrhoidas antigas, e as impingens, as sarnas habituaes, e certas evacuações periodicas causarião huma grandissima desordem na economia animal, e até a morte, se se curassem semelhantes enfermidades. Razão, por que bastará adoçar, ou abrandar o mal por meios de alguns topicos convenientes, e impedir-lhe os seus progressos, e evacuar de tempos a tempos pela sangria huma parte do humor.

3.° Se he impossivel desvanecer todo o vicio local, ou destruir a causa de hum mal; convém usar os remedios palliativos proprios para applacar os accidentes, ou impedir os progressos da enfermidade. As fistulas do anus que se não podem dilatar, e curar radicalmente, as do peito, e de outras partes em que se não póde operar sem offender certas partes essenciaes, são desta especie. Bastará sómente fazer-lhes algumas injecções adoçantes, e detersivas, para impedir a demora do pus, e applicar-lhe hum emplastro de Nuremberg, &c.

Os

Os tumores, e ulceras cancrosas, ou carcinomatosas, cujo vicio está no sangue, ou que estão adherentes a partes que se devem respeitar, requerem tambem huma cura palliativa. Applica-se sobre o tumor huma cataplasma anodina, a qual se faz com folhas de herva moura, e semprenoiva, &c., e curão-se frequentemente as ulceras com pannos molhados na agua, e sumo destas plantas, ou com huma das composições, N.° 31., 32., 34.

Curão-se as escrofulas inveteradas, a gangrena que provém de huma causa interna, que se não póde destruir, humas com o emplastro da Mera, o de Nuremberg, de Manus Dei, &c., e a outra com o estoraque, o espirituoso, &c.

Por todos estes differentes meios se dissipão sempre algumas porções da causa, applacão-se os accidentes urgentes, oppõe-se ao progresso do mal, e como não he possivel curar a enfermidade, ao menos se lhe prolongão seus dias.

§. III. (*Cura radical.*) A cura radical he aquella, em que se dissipão todos os symptomas, e accidentes de hu-

huma enfermidade, deſtruindo-lhe inteiramente ſua cauſa. Conſegue-ſe eſta cura por meio dos differentes remedios que indica cada enfermidade em particular.

FIM DA THERAPEUTICA, E DO PRIMEIRO TOMO.

TA-

TABOA.

Das principaes materias que se contém neste Tomo.

INTRODUCÇÃO.

PRIMEIRA PARTE.

SEGUNDA PARTE.

TERCEIRA PARTE.

em

QUARTA PARTE.

CAP.